1942
ALMANAQUE
D'O TICO-TICO
PREÇO EM TODO O BRASIL 6$000

LIVROS SÃO BONS PRESENTES

AS mais lindas historias que já se escreveram para as crianças, com ilustrações encantadoras de eximios desenhistas brasileiros estão nos volumes que compõem a

"BIBLIOTECA INFANTIL D'O TICO-TICO"

Leitura sadia
Leitura instrutiva
Leitura agradavel

•

Colorido maravilhoso
Ótima apresentação

•

Pedidos à "Biblioteca Infantíl d'O Tico-Tico".
Travessa do Ouvidor, 26
RIO

CONTOS DA MÃE PRETA — Historias da infancia que Osvaldo Orico coligiu e adaptou à leitura das crianças. Volume que deve figurar entre os de mais valor na biblioteca dos pequeninos. Contos das gerações passadas, das gerações que hão de vir. Ricamente ilustrado a côres.

LUCILIA — Historia emocionante e cheia de suavidade que é a mais apropriada leitura para as meninas. A historia de LUCILIA foi escrita por Noemia Carneiro e traz lindas ilustrações a côres de Luiz Gonzaga.

RECO-RECO, BOLÃO E AZEITONA — Aventuras interessantissimas dos tres bonecos redondos tão conhecidos da infancia. Livro que Luiz Sá escreveu e ilustrou, realizando bellissima dadiva para as crianças brasileiras.

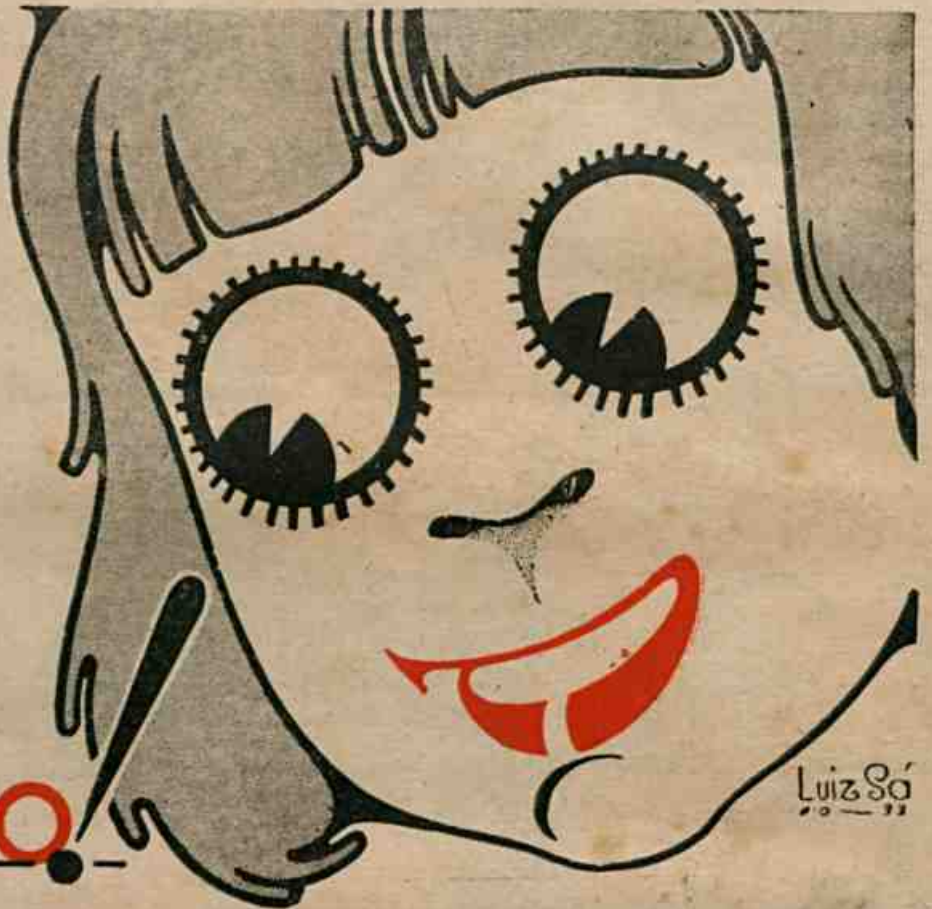
PREÇO
5$000

PARA OS GAROTOS — Um livro bem escrito e otimamente ilustrado, que reune todos os requisitos para obter o maior exito entre as crianças. Texto cuidado e agradavel de Juvenal M. Mesquita. Ilustrações a côres, de Luiz Gonzaga.

O CIRCO DOS ANIMAIS — Paginas alegres, bem escritas e ricamente ilustradas em que Gaspar Coelho reuniu o divertimento e os ensinamentos magistralmente.
Ilustrações de Arnaldo Mendes

QUANDO O CÉO SE ENCHE DE BALÕES... — Livro de lendas e de historias dos santos do mês de Junho. Encantadora coleção de contos de Leonor Posada, contos que elevam a alma da criança numa sensibilidade de sonho. Ilustrações, coloridas de Cicero Valladares.

CHIQUINHO

E SEUS COMPANHEIROS
RÉCO-RÉCO,
BOLÃO
AZEITONA
CARRAPICHO
TINOCO,
ZÉ MACACO
BARATINHA
E OUTROS
FAZEM A ALEGRIA DOS
LEITORES DE

O TICO-TICO

Os professores encontram na querida revista, esplendida contribuição à sua tarefa educativa, nas páginas permanentes:

QUADROS DA NOSSA HISTÓRIA
COROGRAFIA PITORESCA DO BRASIL
MUSEU ESCOLAR
EXEMPLOS PARA VOCÊS
O MÊS COMEMORATIVO
e outras tantas de finalidade instrutiva e pedagogica.

—XX—

AS PÁGINAS LINDAMENTE COLORIDAS

D'O TICO-TICO

SÃO UMA PRECIOSIDADE PARA A INFÂNCIA

O NOME "BRASIL"

Cumpre explicar as razões por que se trocou o nome da terra descoberta, ou melhormente, achada por Cabral, e a qual êle intitulára Vera Cruz, nome trocado ao depois pelo de Santa Cruz, pelo de Brasil, que lhe ficou, máu grado dos portuguêses conquistadores. A prioridade do descobrimento efetuado por Pinzon, meses antes de Cabral, considerou o governo hespanhol acaso e declarou que, sendo em terra que devia pertencer a Portugal, a esta nação cedia quaesquer direitos que lhe coubessem.

Não se suscitaram, pois, duvidas nem conflitos, apesar de ser o Brasil avistado e empossado antes por Pinzon, em nome da Hespanha.

Desenvolvendo desde logo os franceses mais ou menos regular navegação pelas costas e formando o seu melhor comercio a madeira que lhes proporcionava e aos portugueses maiores vantagens, e que apelidavam brasil, por causa de ser vermelha como brasas de fogo e de produzir uma tinta encarnada de precioso valor, madeira que anteriormente a Europa recebia das Indias, por via do Egito e da Siria, persistiam, no entanto, em chamar ao país **Brasil**, e em cartas geográficas, que espalhavam, por este titulo faziam conhecer a terra.

Que importava aos europeus que o dono chamasse à sua propriedade diferentemente? Desde o principio do seculo corriam mapas geográficos em França e Alemanha, desenhando o país como uma ilha e sustentando-lhe a denominação de **Brasil**.

Não se sabia ainda na Europa que a América formava um continente próprio, separado da Asia, correndo do pólo sul ao do norte.

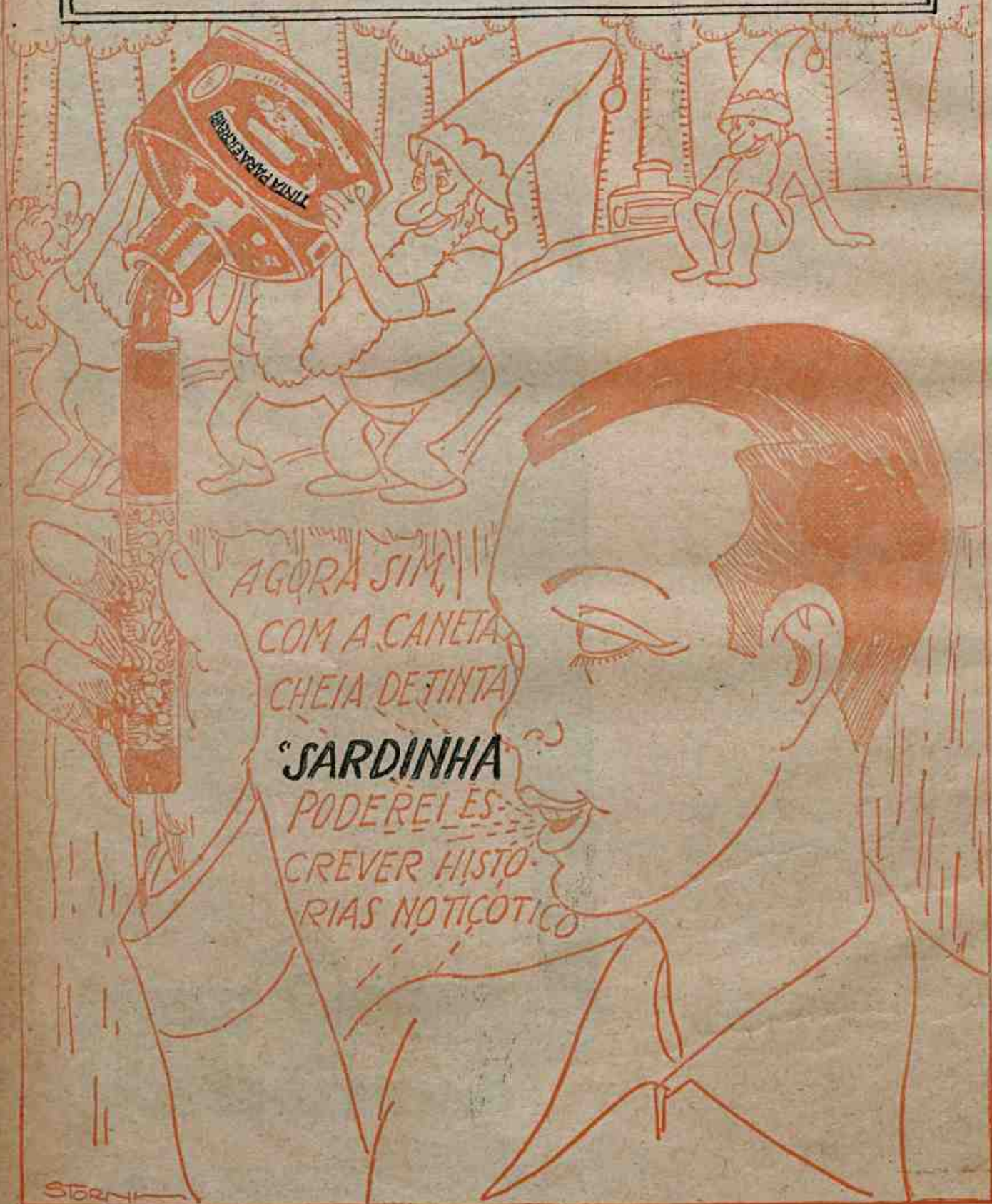
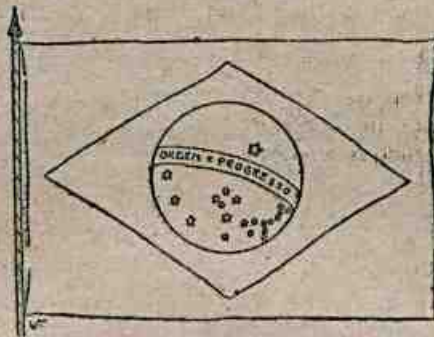
Eram por todos os povos reputadas Indias Ocidentais as terras que os hespanhóes, portugueses e ingleses haviam descoberto ao ocidente do Oceano Atlântico, o que os franceses e até os holandeses trataram logo seguimente de visitar, em procura de riquezas e aventuras. Não se conjeturavam todos os descobrimentos anteriores na América, ilhas separadas da Asia, e derramadas por suas costas em maiores ou menores distâncias?

Bem que em seu tempo ainda os govêrnos, o povo e os escritôres portugueses porfiassem em chamar sua conquista de Santa Cruz; apezar de que o famoso historiador João de Barros, infeliz donatário de uma das capitanias doadas por D. João III, estigmatizasse com a sua voz poderosa os ignorantes e teimosos, que a apelidavam **Brasil**, vingou esta denominação dos navegantes franceses, desenvolvida e propaganda pelas cartas geográficas.

Foi, por fim, Portugal compelido a acompanhar o titulo de crisma e a deixar em olvido o de batismo com que a mimoseára.

Não sucedeu o mesmo à América, a preciosa colonia descoberta por Colombo em 1492?

PEREIRA DA SILVA

AGORA SIM,
COM A CANETA
CHEIA DE TINTA
"SARDINHA"
PODEREI ES-
CREVER HISTÓ-
RIAS NO TIÇOTICO
STORNI

BANDEIRA DO BRASIL

Bandeira, linda bandeira,
Que da terra brasileira,
E's a imagem tão feliz,
No manto das tuas côres
Refletem-se os esplendores
Do nosso grande país !

No lugar da cor vermelha
Que tem, da guerra, a centelha
E mil infortunios traz,
Tens do branco a doce alvura,
Que é um hino de ternura,
O nosso anseio de paz !

O verde das nossas matas,
Que no teu fundo retratas
É, tambem, nossa esperança,
E o teu losango de ouro,
E todo o nosso tesouro
Do nosso sólo, a bonança !

A Via-Latea que desce
Cortando o céu em kermesse
E uma nebulosa imensa . . .
E, na grande esfera azul,
Inda o Cruzeiro do Sul,
Simboliza a nossa crença.

Das estrelas fulgurantes
Como esplêndidos diamantes
Uma é a confederação,
As demais são o emblema
Dessa aliança suprema
Dos Estados da União !

E da faixa, no recesso,
Lemos "Ordem e Progresso",
Nosso lema varonil,
Ostentando essa legenda,
Segue, altivo a tua senda,
O teu destino, BRASIL !

ANTONIO CARLOS DE
OLIVEIRA MAFRA

O PESCOÇO DA GIRAFA

Um viajante, ao regressar de uma viagem à Africa, por onde andara a caçar borboletas, leões e avestruzes, chamou o criado e disse:

— Os que viajam exageram muitas vêzes o que viram. Contam maravilhas, e é maravilhoso que ainda haja quem acredite nesses patranheiros. Arrenego mentiras. Gosto de contar a verdade como ela é, a verdade nua e crua. Por isso, ouve bem o que te recomendo.

Sempre que me ouvires falar de minhas viagens, não arredes o pé. Conserva-te atrás da minha cadeira. Se acaso perceberes que me desvio da verdade, dá-me pelas costas um empuxão, para que eu me emende e esclareça o caso.

Aconteceu que, daí a tempo, jantando o precavido caçador com um amigo, veio a falar de sua última viagem. Entrou a narrar com entusiasmo, bem ao vivo, os perigos e as peripécias das suas excursões pelas florestas africanas. O amigo era todo ouvidos.

Fiel à ordem recebida, o criado achava-se rente à cadeira do patrão sem perder uma palavra do que êle estava contando.

— Nunca me esquecerei de uma girafa, que tive a fortuna de admirar em plena savana. Com que graça o

belo ruminante movia o pescoço, um pescoço de oito metros de comprido!...

Deu-lhe o criado uma sacudidela.

— Hein!... Ah!... descontemos a distância... eu estava bem distante... digamos... seis metros...

Outro repelão.

— Sim... não o medi! Tivesse, e poderia afiançar-lhe, meu caro, que o pescoço passava de quatro... quatro metros!

Mais um empurrão...

— Ora, quem não se engana? Como são enganosas estas avaliações a ôlho! Digamos, pois... digamos... uns três metros.

Mais um safanão.

— Recuemos ainda... fiquemos nos dois metros. Isto na certa. O pescoço media ao justo dois metros... Juro...

O criado, porém, não se deu por satisfeito e, com fôrça, ainda uma vez, puxou-o pela aba do paletó. Valha a verdade! Era preciso que o amo recuasse até a encontrar.

Mas o viajante, perdida a paciência, voltou-se para o criado e, com grande espanto do hóspede, perguntou-lhe gago de raiva:

— Quer você, então, seu maluco, uma girafa sem pescoço?!

A ÁRVORE

Ama-a: — toda arvore é sagrada —
Ama esta esplêndida morada
De abelhas de ouro e aves gentis!
Busca entender tanta poesia
E faze côro à sinfonia
Da natureza que a bendiz!

Ama-a, na glória matutina,
Entre os vapores da neblina,
Que toda a envolve, como véus,
Cheia dos prantos da alvorada,
Ou melancólica, estampada
No ouro e na púrpura dos céus...

E reza então: "Bendita sejas
Por tuas frondes benfazejas,
Pelos teus cânticos triunfais,
Por tuas flores e perfumes,
Pelos teus pássaros implumes,
Por tuas sombras maternais!"

RICARDO GONÇALVES

A VIDA

A vida é o dia de hoje,
A vida é ai que mal soa,
A vida é sombra que foge,
A vida é nuvem que voa;
A vida é sonho tão leve
Que se desfaz como a neve
E como o fumo se esvai;
A vida dura um momento,
Mais breve que o pensamento,
A vida leva-a o vento,
A vida é fôlha que cai!
A vida é flor na corrente,
A vida é sôpro suave,
A vida é estrêla cadente,
Voa mais leve que a ave:
Nuvem que o vento nos ares,
Onda que o vento nos mares,
Uma após outra lançou;
A vida é pena caída
Da asa de ave ferida —
De vale em vale impelida
A vida o vento a levou!

JOÃO DE DEUS

Os nossos músculos

O corpo humano contém duas séries de músculos com funções diversas; os de contração ou flexores e os extensivos.

Os primeiros são dotados pela natureza de muito mais resistencia do que os ultimos; de sorte que o simples equilibrio entre ambos é insuficiente, porquanto os primeiros se acham influenciados por maior força da Natureza, a força da gravidade. No emprego inconciente dos musculos extensivos, uma pessoa resiste inconcientemente àquela grande força natural, que, além do mais, auxilia os músculos flexores.

Ilustremos essa noção com um simples exemplo, que se pode verificar em qualquer momento, com a seguinte experiencia: — manter o braço estendido horizontalmente com a palma da mão voltada para cima.

Em menos de um minuto, o braço começará a decair insensivelmente, abandonando a posição horizontal.

Isto indica o poder natural dos flexores sobre os músculos de extensão. Por conseguinte, si desejamos restabelecer o equilibrio entre ambas as forças, devemos cultivar os músculos extensivos.

Que é o orvalho?

O orvalho, bem conhecido em todo o mundo, é formado por uma grande quantidade de gotas de agua que se depositam sobre as plantas, particularmente depois das noites deliciosas e transparentes. Sua causa é muito simples; devido a sua relação com a terra, as plantas têm elevado poder emitivo, isto é, expandem rapidamente seu calor. A clorofila contribue igualmente para essa irradiação e as plantas resfriam-se rapidamente, mais rapidamente mesmo do que o ar que as cerca. Ora, o ar contem uma certa quantidade de humidade, em todos os tempos, em estado de vapor de agua. Acontece que a temperatura das plantas e da camada de ar imediatamente vizinha torna-se assás baixa para que a condensação do vapor de agua se produza sobre as plantas em uma multidão de finas gotas. Não se deve pois confundir o orvalho, que se produz com as noites claras, com a neblina que, caindo lentamente, cobre igualmente as plantas com gotas d'agua.

Distrações de sabios

Conta-se que acontecia muitas vezes a Newton, ao levantar-se, pela manhã, sentar-se bruscamente em seu leito, absorvido por algum pensamento e ficar seminú, durante horas a fio, seguindo a idéia que ocupava seu espirito. Esquecer-se-ia mesmo de sua refeição si não o viessem recordá-la.

Certo dia, o dr. Stukeley, amigo particular de Newton, chegára à residencia deste para almoçar, esperou por muito tempo que Newton saísse de seu gabinete, onde se fechára. Finalmente, não vendo o sabio aparecer, decidiu-se a atacar uma galinha, que se achava sobre a mesa. Depois de ter satisfeito seu apetite, reuniu os restos sobre o prato e colocou-o sob uma coberta de metal. Muito tempo se passou ainda; Newton surgiu, finalmente e sentou-se ante à mesa, dizendo estar com muita fome. Mas quando ergueu a tampa da travessa e viu os restos da galinha, exclamou:

— Ah!... Eu julgava que ainda não tinha almoçado; mas agora vejo que me enganava!

O PRINCIPEZINHO CHINÊS

NASCERA em noite de inverno. Mas, tanta luz inundava o palácio, que se tinha a impressão de que era dia! Os pássaros, nas gaiolas enormes, entoavam canções bem meigas, para adormecer o pequeno príncipe, que repousava em bonito berço de rendas e sêdas. Os grandes sábios do reino; os homens de maior evidência; as pessôas, enfim, merecedoras de tal distinção — todos foram felicitar o poderoso Xaxéu, pelo nascimento do seu herdeiro.

Herculeos guerreiros, montados em ótimos ginetes, apregoaram no país inteiro a bôa nova, com as suas trombetas estridentes e os seus clarins admiráveis.

Batalhões infindáveis, dos monarcas vizinhos, prestaram-lhe honrosas homenagens. E a terra, de aspecto primaveril, afugentava a neve e a chuva, para que o menino real não sentisse frio...

CRESCEU Fungue-Fá, sempre muito obediente e estimado. Entretanto havia, em seu rosto, uma tristeza imensa. Aos quinze anos, o rude e opulento Xaxéu o chamou e disse:

— Meu filho: vejo, constantemente, na tua fisionomia, sinais de sofrimento. Que é que esconde o sorriso dos teus labios?

Não respondeu o principezinho; limitou-se a derramar lágrimas.

— Conta-me o que tens! Conta-me o que tens! — insistiu o pai.

E êle, entao, confessou gravemente:

— Não poderei ser feliz enquanto o senhor perseguir o povo!

— Quem te encheu a cabeça com essas coisas?... Já sei: foi Murtalá, o feiticeiro! Pois vou mandar matá-lo!

Fungue-Fá estremeceu. E si fôsse mesmo fuzilado o sábio Murtalá, que desprezava os homens máus, e tantas verdades ensinava?! Quantas palavras lindas êle proferia, pelo bem da humanidade!

Mas... Fungue-Fá lembrou-se de que...

NO dia seguinte, fugiram Murtalá e Fungue-Fá, em busca das regiões que Xaxéu havia desgraçado. Éles chegavam, distribuiam alimentos, roupas e algum dinheiro; fundavam escolas e seguiam.

SÃO passados muitos e muitos anos da morte de Xaxéu. Naquela nação, as casas, alegres, e os colégios, satisfeitos, louvam a memória de Murtalá, que faleceu, e amam Fungue-Fá, que é o soberano.

CRIANÇAS: não é a riqueza que faz o valor. Cultivai, sempre, nos vossos corações, as mais belas virtudes. E si virdes, no vosso caminho, alguem que não saiba ler e tenha fome, ó amiguinhos! dai um pouco da vossa luz e um pouco do vosso pão, como o bom Fungue-Fá, o principezinho chinês!

JOÃO GUIMARÃES

O MILHO

O milho é o unico cereal de origem americana. Antes da descoberta de Colombo, a Europa o desconhecia. Nos primeiros anos do seculo XVI, os botanicos passaram a cultivá-lo na Europa, em campos experimentados. Os resultados foram animadores, e logo tiveram inicio as plantações em larga escala. O mesmo se verificou na Africa, e, em seguida, na Asia.

O milho forma a maior lavoura do mundo, depois da do arroz. A despeito de quasi todos os paises o produzirem, ainda tem suas maiores lavouras no continente americano: Estados Unidos, Argentina e Brasil.

O produto comercial do milho é o grão.

Noventa por cento da produção são consumidos como alimentos do homem ou de animais. Os restantes encontram emprego na industria, pois do milho podem ser extraidos 140 subprodutos. O amido, por exemplo, tem largo emprego na industria textil. A glucose preparada com o milho é utilizada na manufatura de um sem numero de generos alimenticios, inclusive geleias, doces de chocolate e outros. Aumenta sempre a produção, no mundo inteiro, de oleos e alcool de milho. O oleo está substituindo em muitos paises o azeite de oliva. No Brasil, acha-se em funcionamento uma das principais fabricas de maizena do mundo. A Italia é grande consumidora de milho. Os Estados Unidos utilizam em proporção cada vez mais elevada como alimento para o homem. Como este ultimo país possue o maior rebanho suino do mundo, o seu consumo alcança um volume enorme.

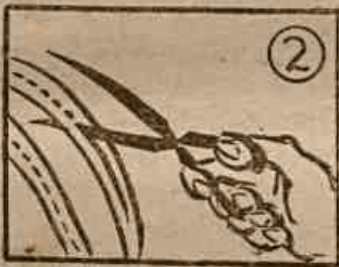
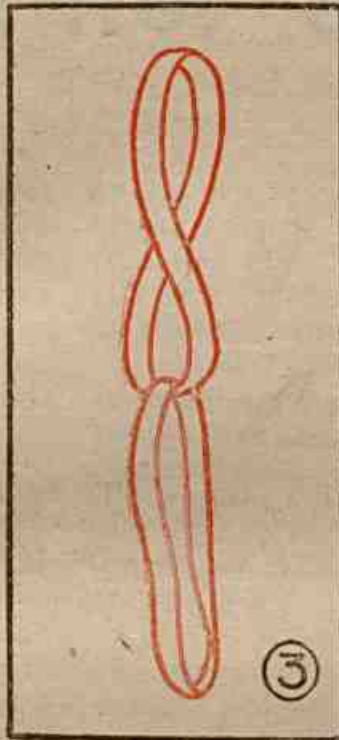
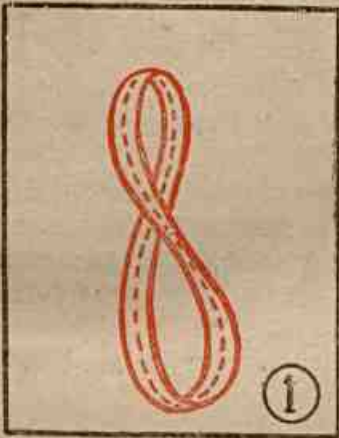
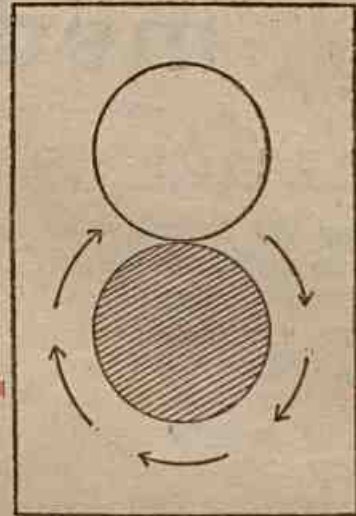
Os caçadores e seus padroeiros

Além de Sto. Huberto, os caçadores têm um segundo padroeiro, muito venerado em grande parte da Europa — Santo Eustaquio. Em uma estampa famosa e cujos exemplares originais são hoje muito raros. Albert Durer mostra-nos este santo em extase, diante de um veado com um crucifixo entre os chifres.

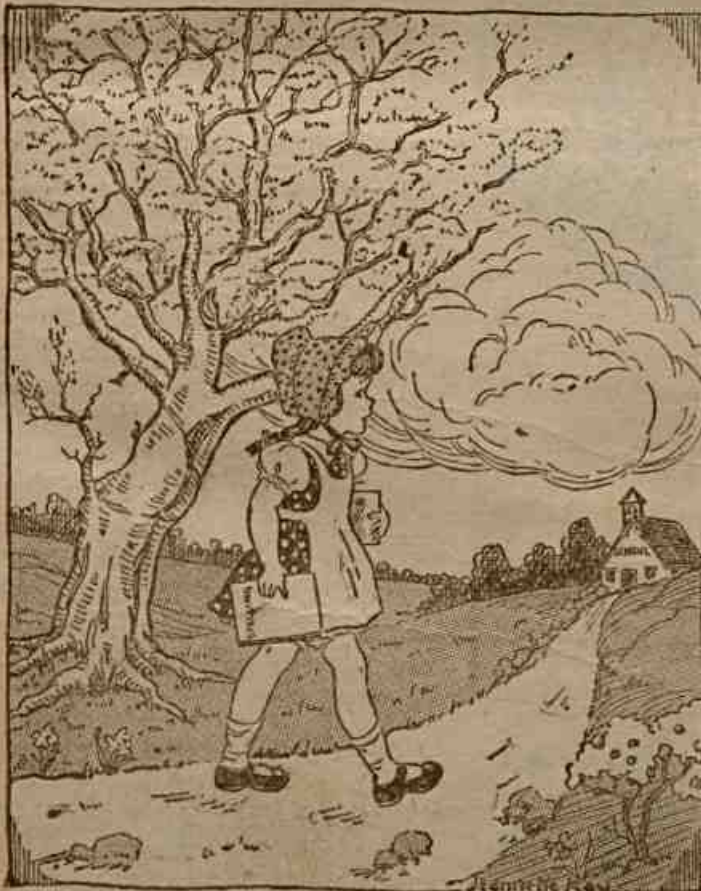
Por isso, por essa identidade de lenda com Sto. Huberto, sua existencia foi por muito tempo contestada. Porém, o dr. Lennoy, eminente e severo hagiologista, assegura que Sto. Eustachio viveu na Alemanha, teve existencia real, foi um grande caçador. Talvez por isso o povo o confundiu com Sto. Huberto e emprestou-lhe os mesmos propositos.

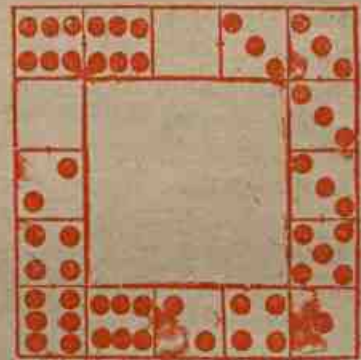
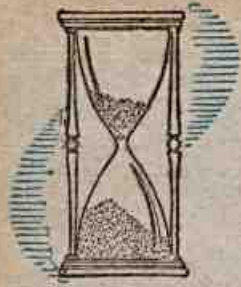
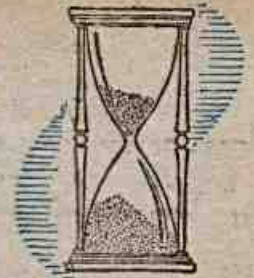
OSCAR
TONICO INFANTIL
UM PRODUTO
★ RAUL LEITE ★

PASSATEMPO PARA AS FÉRIAS

A TIRA MÁGICA

CORTE uma tira de papel de 60 cmts. de comprimento e dois cmts. de largura. Dóbre essa tira em fórma de um 8 (grav. 1) e cóle as extremidades. Marque com pontinhos uma linha tomada na metade da largura da tira e divida-a em duas partes cortando com a tesoura seguindo a linha ponteada. Findo o córte, a tira fica dividida em dois aneis entrelaçados.

O PROBLEMA DOS DISCOS

AQUI temos dois discos, um branco e outro raiado, cuja circunferência tem um ponto de contato com a outra. Suponhamos que o c.rculo preto dê voltas na direção das fsétas. Quantas vezes girou o centro dêsse disco, quando o ponto de partida voltar outra vez a ficar em contáto com a circunferência do outro ?

(O fáto parece curioso, mas as revoluções do dico são duas. Experimente com duas moedas e verá.)

MARIAZINHA está passeiando pelo campo. Mas, não está sózinha. Ha uma porção de cordeiros e além disso ali estão dois garôtos. Onde estão ?

ONDE COMEÇOU?

AQUI está um jogo de dominó. A partida está completa, na aparencia. O dominó joga-se de duas maneiras diferentes. Numa os numeros de um lado devem corresponder com o mesmo numero da pedra seguinte, 3 com 3,4 com 4, etc. até que o jogador que empregar a sua ultima pedra, antes do outro, ganhe a partida. A segunda maneira consiste na colocação das pedras, de modo a que o numero de um lado comleto 6 com a pedra já colocada, do mesmo lado. Este é o jogo apresentado e trata-se de saber: onde começou a partida ?

Como se conta e méde o tempo

O CALENDÁRIO — AS ESTAÇÕES — OS MESES

A ciência que se ocupa da medida e da divisão do tempo recebeu o nome de Crônologia.

O tempo é medido como qualquer grandeza, isto é, pela comparação com uma medida escolhida. A medida fundamental e aceita por todo o mundo na medição do tempo foi o dia. Êste, como sabem os leitores, é a duração de uma rotação da Terra em tôrno do próprio eixo. Depois do dia, a divisão notavel do tempo é o ano, que corresponde ao giro completo da Terra em volta do Sol. O dia e o ano são, assim, as divisões mais naturais e conhecidas do tempo e por elas foram contadas muitas éras. Havia, porém, um inconveniente: o número de dias de que se compunha um ano era consideravelmente grande para sêr de fácil e livre contagem.

Que fazer então? Imaginar-se e criar-se uma divisão intermediária, que fôsse maior do que o dia menor do que o ano. Essa divisão, adotada também por todos, foi o mês, sugerido pelos diversos aspetos que, periodicamente, a Lua manifestava aos olhos do homem. Essa unidade intermediaria realisou uma nova unidade de tempo de cêrca de trinta dias. Dizemos de cêrca de trinta dias por que os mêses lunares não são iguais.

Se os mêses lunares fossem exatamente de trinta dias e o ano de doze mêses, não haveria dificuldade alguma na adoção dessa unidade. Mas o mês lunar é de cêrca de vinte e nove dias e meio e o ano aproximadamente de doze mêses e meio.

Para conciliar essas medidas heterogêneas os povos antigos fizeram varias tentativas mas destas resultou ainda uma certa confusão fácil de ser percebida na variedade de comprimento de cada um dos mêses do ano atual.

Sabem os leitores que além da divisão do ano em mêses, a passagem do Sol, no seu movimento aparente, pelos solstícios e equinóxios determinou a sub-divisão do ano em quatro estações:

Primavéra, Verão, ou Estío, Outôno e Inverno.

COMÊÇO DAS ESTAÇÕES

O Outono começa em 21 de Março.

O Inverno começa em 22 de Junho.

A Primavera, começa em 21 de Setembro.

O Verão começa em 22 de Dezembro.

CALENDÁRIOS

Chama-se calendário a um quadro dos dias, semanas e mêses que constituem o ano, compreendidos os dias da semana, festas móveis e imóveis e as fáses da lua.

A palavra calendário deriva-se de **calendas**, denominação que os romanos davam ao primeiro dia dos mêses.

O atual **calendário** conserva numerosos vestígios das várias civilizações que nos precederam e das quais se formou a nossa. Por isso, não nos admiramos muito da inconsequencia que há em chamar Setembro, Outubro, Novembro e Dezembro, aos quatro últimos mêses do ano, porque isto é uma especie de amôr ao passado, aos tempos que precederam à fundação de Roma, onde Julio Cesar, o famoso imperador, baixou um decréto mandando acrescentar mais um dia ao ano comum. Ainda pela mesma razão chamamos ao sétimo e ao oitavo mês, Julho e Agôsto, em homenagem aos imperadores Julio Cesar e Augusto.

OS MESES

E' curioso conhecer a origem dos nomes dos meses no calendário atualmente em uso. O mês de Janeiro era consagrado pelos romanos ao deus Jano, entidade protetôra da guerra e cuja imagem tinha duas caras, uma sorridente e outra sevéra, para significar que a guerra é uma cousa horrivel para uns e vantajosa para outros.

O mês de Fevereiro tira seu nome de februalia, cerimônia religiosa que, usada em Roma, consistia numa purificação de todo o povo. Os romanos consagravam o mês de Fevereiro ao deus do mar, Netúno.

Março era o mês que os antigos romanos dedicavam a Minerva e que o imperador Rômulo consagrou ao deus Marte.

O mês de Abril tira o seu nome, parece, da palavra **aperire,** que quer dizer abrir, por que nesta época do ano a terra como que se abre em maravilhosa e abundante produção. Era consagrado pelos romanos a Venus.

O mês de Maio, consagrano os romanos à Apolo e recebeu êsse nome em homenagem aos velhos, Maius.

Junho herdou o nome de Juno ou então de Junio-Bruto. Era consagrado pelos romanos a Mercúrio.

Julho tem seu nome derivado de Julio Cesar, o reformador do calendário romano. Chamou-se também Quintilis porque era o quinto mês do ano do calendário de Rômulo.

O mês de Agôsto os romanos consagravam a Céres, deusa da fortuna. Seu nome vem de Augusto, o imperador romano que o compôs de trinta e um dias.

O mês de Setembro foi denominado em diversas épocas Tiberius, Germanicus, Antonius e Herculeus. Consagrado a Vulcano, seu nome derivase do latim **september,** sétimo mês do ano romano.

Outubro, do latim **october,** oitavo mês do ano de Rômulo, era consagrado a Marte, e também teve diversos nomes, como Invictus e Fausteinus.

O mês de Novembro era consagrado a Diana. Seu nome provêm de **november,** por ter sido o nono mês do calendário de Rômulo.

Dezembro, de **december,** era o decimo mês do calendário de Rômulo. Consagrado a Vésta, tem também o nome de Amazonius.

Têm, assim, vocês, a noção histórica dos mêses.

FERIADOS NACIONAIS

- 1 de Janeiro — Fraternidade Universal.
- 21 de Abril — Tiradentes.
- 1 de Maio — Dia do Trabalho.
- 7 de Setembro — Independência do Brasil.
- 2 de Novembro — Comemoração dos mortos.
- 15 de Novembro — Proclamação da República.
- 25 de Dezembro — **NATAL.**

O DIA DOS TOLOS

Não há quem ignore qual seja o dia dos tôlos no calendário: o 1.º de Abril.

A origem mais provável do costume de se pregar peças, enganar, fazer divertimentos à custa dos amigos no dia 1.º de Abril parece ser esta, nascendo no fim do século XVI, em época em que o ano deixou de começar em Abril.

O rei de França, Carlos IX, durante uma estada que fez no castelo de Roussillion, no Delphinado, em 1564, determinou que o primeiro dia do ano fosse o primeiro do mês de Janeiro, ao em vez do primeiro dia de Abril, como até então.

À vista disto os presentes e cumprimentos, que se faziam em 1.º de Abril passaram para o 1.º de Janeiro; mas como diversas pessoas custaram a acomodar-se ao novo costume, [illegible] nesse dia [illegible] cumprimentos de [illegible] e [illegible] mistificação. [illegible] esse uso e [illegible] a essa brin[illegible] — por[illegible] o sol entra [illegible] "Peixes".

Guardem-na e não se esqueçam de que todos os mêses do ano devem ser bem aproveitados nos estudos e nos trabalhos.

Um mês, um dia, apenas, perdidos na ociosidade, privam todos vocês da oportunidade de adquirir conhecimentos úteis ou de praticar uma ação louvavel.

O tempo deve ser bem aproveitado.

JANEIRO

O signo dêste mês é AQUARIO.

Tem 31 dias e seu nome se deriva de Janus.

Nêste mês se festejam a Confraternisação Universal, o dia de Reis e, no Rio de Janeiro, o padroeiro da cidade, S. Sebastião.

HORÓSCOPO

As pessôas nascidas nêste mês serão muito felizes no comércio onde, com facilidade, enriquecerão.

Como talisman devem usar as pedras onix branco, rubí e granada.

As côres que devem usar são: azul e preto e as "nuances" castanho e cinzento.

1	Q.	☩ Conf. P. ☩ Cir.
2	S.	Sto. Isidoro
3	S.	S. Antero
4	D.	S. Prisco
5	S.	S. Telésforo
6	T.	**Santos Reis**
7	Q.	N. Senh. de Jesus
8	Q.	Sto. Eugeniano
9	S.	S. Julião
10	S.	S. Nicanor
11	D.	Sto. Hígio
12	S.	Sta. Taciana
13	T.	S. Leôncio
14	Q.	S. Hilário
15	Q.	Sto. Amaro
16	S.	Sto. Acursio
17	S.	Sto. Antão
18	D.	Sta. Prisca
19	S.	S. Canuto
20	T.	**S. Sebastião**
21	Q.	Sta Inez
22	Q.	**S. Vicente**
23	S.	S. Raimundo
24	S.	**N. Senhora da Paz**
25	D.	**Convers. S. Paulo**
26	S.	S. Policarpo
27	T.	S. Crisostomo
28	Q.	S. Cirilo
29	Q.	S. Franc. de Sales
30	S.	Sto Martinho
31	S.	S. Pedro Nolasco

FASES DA LUA

Dias 1 e 30 Lua Cheia
Dia 8 Quarto Minguante
" 16 Lua Nova
" 23 " Crescente

A caixa endiabrada

Arranjem uma caixinha e metam dentro dela uma bolinha de gúde. Nada mais fácil, não é? Bem. Falta o rèsto, que é o melhor. Assentem a caixinha numa tábua; inclinem, depois, aos poucos, a tábua, e digam-nos se a caixinha não andou pulando...

Um lindo aquario

Arranjem um vaso de vidro semelhante ao que vêem aí. Encham-no dágua, salgada ou dôce, conforme a procedência dos peixes que vão habitá-lo, e ponham-lhe no fundo areia e algumas plantas marinhas, algas, musgos, etc.. Fechem o recipiente de vidro com uma tela de musselina.

O NAUFRÁGIO DO VAQUEIRO

O signo dêste mês é PEIXE

Tem 28 dias habitualmente e 29 nos anos bissêxtos.

Nêste mês não há festas nacionais nem dias santificados. Quase sempre é em Fevereiro que se festeja o Carnaval, dependendo isso de uma questão ligada às fases da lua..

FEVEREIRO

1	D.	**Setuagésima**
2	S.	**Purific. de N. S.**
3	T.	S. Braz
4	Q.	Sta. Carmelita
5	Q.	Sta Agueda
6	S.	Sta. Dorotéa
7	S.	S. Romualdo
8	D.	**Sexagésima**
9	S.	S. Círila
10	T.	Sta. Escolastica
11	Q.	**S. Lazaro**
12	Q.	S. Damião
13	S.	Sto. André Corsino
14	S.	S. Valentim
15	D.	**Carnaval**
16	S.	**Carnaval**
17	T.	**Carnaval**
18	Q.	**Cinzas**
19	Q.	S. Conrado
20	S.	S. Fabiano
21	S.	S. Severiano
22	D.	**Quadragésima**
23	S.	S. Pedro Damião
24	T.	Sto. Sergio
25	Q.	S. Nestor
26	Q.	Sta Margarida
27	S.	S. Basilio
28	S.	S. Macário

FASES DA LUA

Dia 7 Quarto Minguante
" 15 Lua Nova
" 22 Quarto Crescente

HORÓSCOPO

As pessôas nascidas em Fevereiro são geralmente alegres e comunicativas.

Seus meses mais felizes são Abril e Agosto, seu melhor dia o sabado e suas pedras talismans a safira, a opala ou turquesa.

Suas cores preferidas devem ser o azul, o preto, o verde-claro e o roseo.

Para tapear o outro...

Com doze fósforos armem quatro quadrados na disposição mostrada no desenho. Peçam a um de seus coleguinhas para transformar esses quatro quadrados em três sómente. Como aparece na figura, basta remover quatro fósforos para uma das extremidades dos dois quadrados.

Há de ser condição, quando propuzérem o problema, que só quatro fósforos sejam tirados do lugar e postos em outros, sem o que o jogo não terá graça.

O bonéco giratório

Aqui está um bom brinquedo, que vocês pódem fazer num abrir e fechar de ólhos. Recortem de uma revista uma figura qualquer que se preste para o nosso trabalho: o Benjamim, o Chiquinho, para não citar outros. Atravessem o côrpo do bonéco com um fósforo. Feito isso, ponham-no de castigo entre duas caixinhas de regular altura e obriguem-no a girar tantas vezes quantas acharem preciso.

O PROFESSOR INFELIZ

O signo deste mês é CARNEIRO.

Tem 31 dias e seu nome se deriva de Marte.

Nêste mês começa o Outôno. Também não tem dias de festa nacional, mas geralmente é em Março que se comemóra a Quaresma, com a Semana Santa e seus ritos cheios de piedade.

MARÇO

HORÓSCOPO

As pessôas nascidas em Março terão grande predileção pela poesia e pela pintura.

Seus meses mais felizes são Maio e Junho; seu melhor dia o sabado e as pedras talismans o topazio e a madreperola.

Deverão optar pelas seguintes côres: verde, azul claro e rosa.

1 D. | Ss. Herm., Adrião
2 S. | S. Jovino
3 T. | M. Laviola
4 Q. | S. Lúcio
5 Q. | S. Teófilo
6 S. | S. Basilio
7 S. | S. Tomaz Aquino
8 D. | S. João de Deus
9 S. | Sta. Francisca
10 T. | S. Militão
11 Q. | S. Constantino
12 Q. | S. Gregorio
13 S. | S. Macedónio
14 S. | Sta. Matilde
15 D. | Sto. Henrique
16 S. | Sto. Hilario
17 T. | S. Patricio
18 Q. | S. Gabriel
19 Q. | S. José
20 S. | S. Claudio
22 D. | Paixão
23 S. | S. Felix
24 T. | S. Marcos
25 Q. | **Anunciação N. S.**
26 Q. | S. Longuinhos
27 S. | S. Phileto
28 S. | S. João Caprist.
29 D. | **Ramos**
30 S. | S. Quirino
31 T. | S. Guido

FASES DA LUA

Dia 1 Lua Cheia
" 9 Quarto Minguante
" 16 Lua Nova
" 23 Quarto Crescente

A gaivota de Cazuza

O material exigido para êste brinquedo consta de três pequenas varinhas ôcas, uma hélice de madeira, uma fôlha de papel resistente, algumas contas, um elastico fórte e um pedaço de arâme.

Terminada a armação do aparêlho, que, como se vê na gravura, é em fórma de triângulo, adaptem-lhe firmemente o elástico na ponta superior e passem-no através de um orifício praticado no lado opôsto. Fixem a hélice no pedaço de arâme; e nêste enfiem as contas. A seguir, enrolem no arâme o elástico. Agora torçam a hélice e deixem a "gaivota" voar.

ALVO FURADO

Numa fôlha de papelão quadrado, trácem a compasso três círculos, cada qual separado uns 2 ou 3 centímetros. No maior, façam quatro furos, 1 ao norte, 1 ao sul, 1 a éste e outro a oéste.

No segundo círculo, outros quatro furos, 2 ao alto e 2 em baixo, formando quadrado. No centro, 5 furos formando uma cruz. Numerem os espaços entre os furos, como se vê no desenho. Vocês têm que procurar atravessar os 13 furos com um dardo, que vocês devem atirar de certa distância do alvo. O dardo pode ser feito de um pedaço de páu de 3 polegadas de comprimento, devendo ter uma das pontas aparadas como um lápis. Na extremidade opôsta convém abrir a canivete quatro estrías, onde vocês fixarão duas pequenas tiras de papelão, cruzando as estrías.

CASTORINO LEVA UM SÚSTO

O signo dêste mês é TOURO.

Tem 30 dias e seu nome se deriva de Aperire (abrir) porque em Abril começava o ano, antigamente. Comemora-se em Abril o suplício de Tiradentes, e o Dia da Juventude Brasileira, aniversário do Presidente Getulio Vargas.

ABRIL

1	Q.	**N. S. dos Prazeres**
2	Q.	S. F. de Paula
3	S.	**Trevas**
4	S.	**Aleluia**
5	D.	**Páscoa**
6	S.	S. Marcelino
7	T.	Bom Pastor
8	Q.	Sto. Amancio
9	Q.	S. Procoro
10	S.	S. Pompeu
11	S.	S. Leão
12	D.	Sta. Pascoéla
13	S.	Sto. Hermenegildo
14	T.	S. Tiburcio
15	Q.	Sta. Anastácia
16	Q.	Sta. Engrácia
17	S.	S. Roberto
18	S.	S. Galdino
19	D.	S. Simão
29	S.	S. Teotimo
21	T.	▲ Tiradentes
22	Q.	S. Sotero
23	Q.	S. Jorge
24	S.	S. Fidelis Sigmar
25	S.	S. Marcos
26	D.	S. Cleto
27	S.	Sto. Anastácio
28	T.	S. Vital Martir
29	Q.	Sto. Emiliano
30	Q.	Sta Catarina

FASES DA LUA

Dia 8 Quarto Minguante
" 15 Lua Nova
" 21 Quarto Crescente
" 29 Lua Cheia

HORÓSCOPO

As pessoas nascidas em Abril serão de grande mentalidade e inteligência e conseguirão prosperar em tudo em que empregarem sua força intelectual.

Seus meses mais felizes são Junho e Julho e seu dia propício a terça-feira. Suas pedras talimans: o diamante, a ametista ou a ágata.

Suas cores devem ser o branco, o vermelho e a combinação das duas: o roseo.

Bússola formidavel

Sabem que não é difícil fazer uma bússola? A que lhes vamos dar a confecionar, então, é muito simples. Ponham uma rodéla de rôlha a flutuar no centro de uma canéca cheia dágua e colóquem, de mansinho, sôbre a rôlha uma agulha. Vocês ficarão surprêsos ao constatarem que a rôlha se moverá lentamente e que, ao parar, faz com que a agulha aponte para o norte!

Que será isto?

Ligando os pontos numerados, obedecendo à ordem natural vocês verão o que êste desenho significa

OS CANIBAIS FORAM LOGRADOS

O signo dêste mês é GÊMEOS.

Tem 31 dias e seu nome vem de Maiuss Majoribus — os velhos. Nêste mês há a festa internacional do "Dia do Trabalho", a de "13 de Maio", abolição da escravatura, a da "Batalha de Tuiutí" e, no dia 3, a do descobrimento do Brasil.

MAIO

1 S.	**ª Dia do Trabalho**
2 S.	S. Atanário
3 D.	**Invenção Sta. Cruz**
4 S.	Sta. Antonia
5 T.	**N. S. Mãe Virgem**
6 Q.	Sto. Evodio
7 Q.	Sto. Estanislau
8 S.	**Aparição S. Miguel**
9 S.	S. Gregário Nazia
10 D.	Sto. Job
11 S.	**N. S. Aparecida**
12 T.	Sta. Joana
13 Q.	**N. S. dos Mártires**
14 Q.	**Asc. do Senhor**
15 S.	S. Maurício
16 S.	S. João Nepom.
17 D.	S. Páscoa
18 S.	S. Venancio
19 T.	S. Ivo
20 Q.	Sto. Austregildo
21 Q.	S. Sinesio
22 S.	Sta. Helena
23 S.	S. Bazilio
24 D.	**✠ Espirito Santo**
25 S.	S. Urbano
26 T.	S. Felipe
27 Q.	S. Ranulfo
28 Q.	S. Emilio
29 S.	Sta. Maria
30 S.	S. Gabino
31 D.	**Sant. Trindade**

FASES DA LUA

Dia 7 Quarto Minguante
" 14 Lua Nova
" 21 Quarto Crescente
" 29 Lua Cheia

HORÓSCOPO

As pessôas nascidas em Maio serão inteligentes, tendo grande habilidade manual. Possuem esplendida memória, são amigos leais e generosos, porém prejudicam, às vezes, sua felicidade quando se deixam arrebatar pela ira.

Seus melhores meses são: Maio e Julho; seu dia mais feliz a sexta-feira.

As côres que devem preferir são: o preto, o róso e o castanho.

O meu cavalinho

Este cavalinho requer, para sua confecção, um pedaço de arâme resistente, uma rôlha, papelão ou cartolina.

Tomemos a rôlha e abramos, numa das extremidades, uma fenda. Metamos aí a cabeça do cavalinho, que é de papelão. O bicho está quase pronto. Faltam as pernas e a cauda. Finquem-lhe nas ilhargas, de cada lado, um par de fósforos. Aí têm as pernas.

Agora, enfiem-lhe na parte posterior, um pedaço de arâme bem rijo.

Na ponta dêste, outra rôlha, porém menor.

E aí tem a cauda.

Fixado a uma parte da mesa, na posição mostrada no desenho, o cavalinho se agitará, aos impulsos dados na cauda de arâme.

A boneca saltitante

Aí têm vocês bôa distração. Essa bonequinha vai lhes dar muita alegria... Dois grampos, um carretel e cartolina, eis o material exigido para sua confecção. Enfiem os dois grampos no orifício do carretel, como indica o desenho. Agora, cubram o carretel com cartolina, dando a esta a fórma de um vestido. A cabeça da boneca não será difícil arranjar, pois poderão recortá-la de uma figura qualquer d'O TICO-TICO.

Colóquem-na sôbre a táboa e façam-na pular, movendo a táboa para cima e para baixo.

A RATOEIRA DE TERENCIO

O signo dêste mês é CARANGUEIJO.

Tem 30 dias e seu nome vem de Juno. No dia 11 se comemóra a Batalha de Riachuêlo. Nêste mês são as festas tradicionais de Sto. Antônio, S. João e S. Pedro. Nêste mês começa o inverno.

HOROSCOPO

As pessoas nascidas em Junho serão bons médicos e melhores políticos, não estando, rem nunca satisfeitas com o que fazem ou conseguem obter.

Exagerados em tudo, excedem-se no comer e no beber, de sorte a sofrerem do estomago e do figado.

Seus meses mais felizes são: Abril e Agosto; seu melhor dia a sexta-feira e suas pedras talismans: a agua-marinha, o berilo e a safira.

Suas côres prediletas devem ser o azul, o branco e o violeta.

1	S.	Ss. Juvencio
2	T.	**N. S. Mãe de Deus**
3	Q.	Sta. Clotilde
4	Q.	**Corpo de Deus**
5	S.	S. Zenaide
6	S.	S. Nobert
7	D.	S. Licarião
8	S.	S. Severino
9	T.	Ss. Primo
10	Q.	Sta. Margarida
11	Q.	S. Barnabé
12	S.	S. Onofre
13	S.	Sto Antonio Pádua
14	D.	S. Basilio Magno
15	S.	Sto. Modesto
16	T.	Sto. Aureliano
17	Q.	Sta. Tereza
18	Q.	Sto. Armando
19	S.	Sta. Juliana
20	S.	S. Silverio
21	D.	S. Luiz Gonzaga
22	S.	S. Paulino Nola
23	T.	**S. S. Perp. Socorro**
24	Q.	**Nas. S. J. Batista**
25	Q.	S. Guilherme
26	S.	Ss. Salvio
27	S.	S. Ladislau
28	D.	Sto. Irineu
29	S.	**✠S. Pedro S. Paulo**
30	T.	S. Marçal

FASES DA LUA

Dia 6 Quarto Minguante
" 12 Lua Nova
" 19 Quarto Crescente
" 28 Lua Cheia

Os 3 ladrões

De um baralho tirem o rei de espadas, que fará o policial, e os 4 valetes. Tirem a seguir outras 3 cartas, que representarão os ladrões. Feito isto, pousem disfarçadamente o baralho sôbre a quarta carta, de que vocês não precisam, com a face voltada para cima.

Agora, vocês teem na mesa: à esquerda, os 3 valetes ladrões; à direita, e bastante afastado, o rei policial, e deante de vocês, o baralho, que deverão colocar então com a face virada para a mesa. Notem que, desde então, o quarto valete, afastado como inútil, repousa "sôbre" o baralho.

Começa uma pequena comédia; os 3 ladrões combinam uma "operação" qualquer; o policial percebe-os e acorre: os ladrões eclipsam-se: um desaparece "debaixo" do baralho, outro "no meio" ;o terceiro não tem tempo de esconder-se: atira-se "sôbre" o baralho mesmo e o policial cai em cima dêle.

Peçam, então, a um menino para partir o baralho. Em qualquer logar que êle parta, o valete refugiado "debaixo" do baralho virá ficar sôbre" o rei, que se encontra "por cima" de 2 valetes. Quer dizer, o rei está de posse dos 3 valetes ou o policial senhor dos 3 ladrões.

O valete do meio, tornado figura inútil, foi substituido pelo 4.° valete; mas os espectadores não dão, geralmente, pelo "truque".

Para você simplificar

Com lapis marron, se você cobrir pacientemente os riscos desnecessários, verá com nitidez o amigo Ursinho escrevendo à máquina. Tenha cuidado e poderá realisar isso com perfeição.

FOI BUSCAR LÁ

JULHO

O signo dêste mês é LEÃO.

Tem 31 dias e não tem festas nacionais. O dia 14 recorda uma data notavel para a humanidade: a tomada da Bastilha, na Revolução Francesa, dia antigamente feriado, mas que não é mais. O nome do mês deriva do de Julius Cesar.

1	Q.	Sto. Aarão
2	Q.	**Visitação de N. N.**
3	S.	S. Jacinto
4	S.	Sta. Sebastiana
5	D.	S. Antônio
6	S.	Sta. Domingas
7	T.	**Preci. Sang. N. S.**
8	Q.	Sta. Isabel
9	Q.	**N. S. dos Prod.**
10	S.	Sta. Felicidade
11	S.	S. Pio I
12	D.	S. J. Gualberto
13	S.	Sto. Eugénio
14	T.	S. Boaventura
15	Q.	Sto. Henrique
16	Q.	**S. N. do Carmo**
17	S.	Sta. Marcelina
18	S.	S. Camilo Leli
19	D.	S. Vic. de Páđua
20	S.	S. Jeronimo,
21	T.	Anjo Custódio
22	Q.	Sta. M. Madalena
23	Q.	S. Liborio
24	S.	S. Franc. Solano
25	S.	S. Tiago Maior
26	D.	S. Sínfronio
27	S.	S. Panteleão
28	T.	**S. Ana, Mãe N. S.**
29	Q.	Sta. Marta
30	Q.	S. Abdon
31	S.	Sto. Inácio

FASES DA LUA

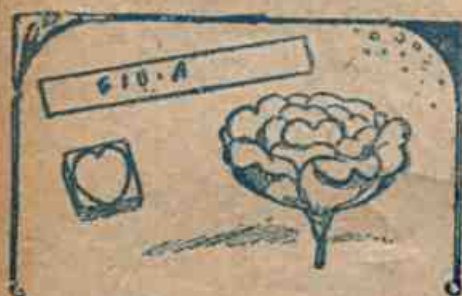
Dia 5 Quarto Minguante
" 12 Lua Nova
" 19 Quarto Crescente
" 27 Lua Cheia

HORÓSCOPO

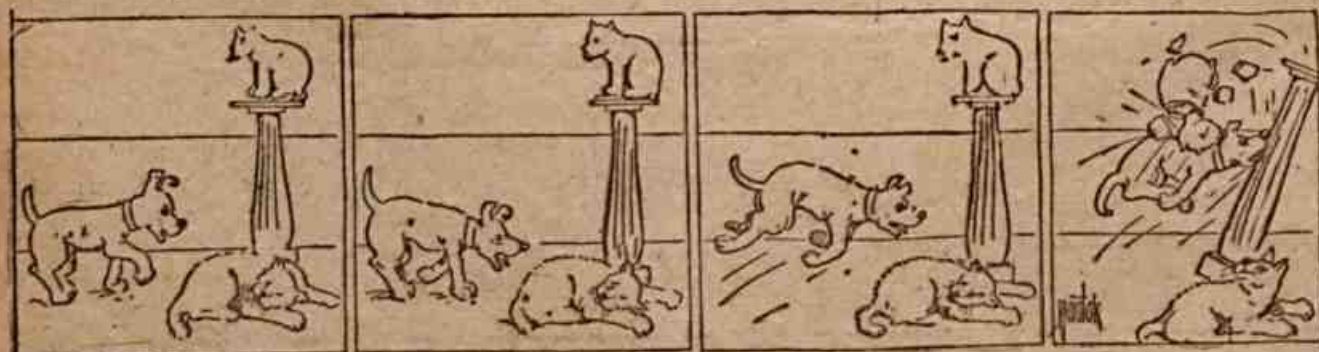
As pessôas nascidas em Julho serão muito inteligentes, dotadas de magnanimo coração e de superior habilidade na direção de grandes empresas.

Teem muito espirito crítico, não poupando os defeitos do próximo, porém zangando-se quando lhes apontam os seus.

Seus melhores meses são: Fevereiro e Setembro; seu dia mais feliz: o sabado e suas pedras talismans, a esmeralda e o onix.

Suas côres prediletas são: verde, castanho, rôso e cinzento.

Deixemos os gurís em descanço e dêmos um trabalhinho às futuras mamãs. Vamos iniciá-las na confecção de flôres artificiais, dando-lhes a fazer rosa. Desenhem numa fôlha de papel fino, vermelho, branco ou amarélo, várias pétalas. Depois recórtem-nas e reúnam-nas em feixe, enrolando as extremidades aguçadas num fio de arâme flexível, que fica sendo o pedúnculo. Envolvam o fio de arâme em papel verde e, feito isto, dêem um geitinho para que as pétalas não fiquem esticadas. A fig. I representa a largura de cada pétala.

Brinquedos para praia

Para executar êsse trabalho, teem vocês que construir dois pequenos montículos de areia na praia. Na falda do menor montículo, cavem vários buracos de umas três polegadas e marquem-nos com diferentes números, afim de que vocês possam contar os "scores" que conseguirem durante uma partida. O jogo consiste em fazer uma bola, rolando os montículos, do mais alto para o mais baixo, cair num dos buracos numerados. O vencedor da prova será aquêle que contar maior número de pontos.

TOTÓ FOI CASTIGADO

O signo dêste mês é VIRGEM.

Tem 31 dias e seu nome vem de Augusto, imperador romano. Nêste mês se festeja o dia de aniversário do nascimento de Caxias, consagrado "Dia do Soldado". Caxias é o patrono do Exército nacional e um dos grandes exemplos para os meninos.

HORÓSCOPO

As pessoas nascidas em Agosto serão generosas e apaixonadas, tendo ainda grande poder de sugestão e atrativos pessoais.

São dotadas de muita habilidade manual, porém não gostam de trabalhar, sendo preciso incentivá-las a cada momento.

Seus meses mais felizes são Janeiro e Outubro, seu melhor dia o domingo e suas pedras talismans: o rubí, o diamante ou o jaspe.

As côres que mais lhes convém são o roxo e o castanho.

1	S.	S. Leonisio
2	D.	**N. S. dos Anjos**
3	S.	Sto. Eufronio
4	T.	S. Domingos
5	Q.	**N. S. das neves**
6	Q.	**Transf. N. S. J. C.**
7	S.	S. Caetano
8	S.	S. Ciriaco
9	D.	S. Simião
10	S.	S. Lourenço
11	T.	Sta. Filomena
12	Q.	Sta. Clara
13	Q.	Sto. Hipolito
14	S.	**N. S. Bôa Morte**
15	S.	**✠ Assunção N.ª S.ª**
16	D.	S. Roque
17	S.	S. Mamede
18	T.	**S. Joaq. P. N. S.**
19	Q.	S. Julio
20	Q.	S. Bernardo
21	S.	S. Privato
22	S.	S. Sinforiano
23	D.	Sta. Teonila
24	S.	S. Patricio
25	T.	**Sagr. C. de Maria**
26	Q.	S. Zeferino
27	Q.	S. José Calazans
28	S.	Sto. Agostinho
29	S.	Deg. S. J. Batista
30	D.	Sta. Rosa de Lima
31	S.	S. Raimundo

FASES DA LUA

Dia 3 Quarto Minguante
» 10 Lua Nova
» 18 Quarto Crescente
» 26 Lua Cheia

QUEM SABE ?

Quem sabe o que está aquí desenhado? Mistério! Mas êsse mistério póde ser desvendado se vocês encherem cuidadosamente com lápis os espaços que têm dentro um ponto, deixando branco os demais.

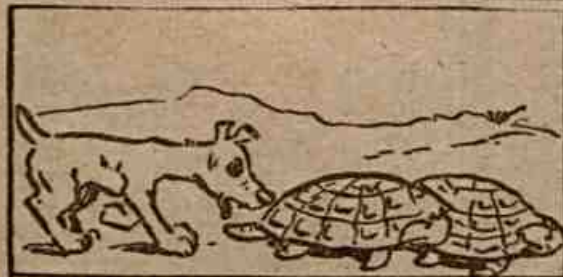
E' fácil e logo se poderá vêr o que é que esta aparente confusão de rabiscos representa.

Façam agora mesmo. Mas passando o lápis de leve, e sem sair dos espaços marcados com o ponto.

Que lindo barquinho

Dividam uma nóz em duas partes. Raspem o seu interior até que fique bem liso. Pintem-na da côr de seu agrado por fóra e por dentro. Coloquem dois banquinhos de cartolina, um na frente e outro atrás. Finalmente, fixem no centro da casca de nóz um mastrozinho com uma vela, que póde ser de papel.

Que ilusão

Tome de uma fôlha de papel branco e desenhe no meio um ponto preto do tamanho de uma bola de gude. Pegue o papel na parede à altura dos olhos e fixe o ponto contando até 200. Antes de acabar de contar o ponto aparecerá branco e luminoso parecendo mover-se de um lado para outro.

CACHORRO-QUENTE...

O signo dêste mês é BALANÇA.

Tem 30 dias. Éra o sétimo mês do ano e daí o seu nome. Há nêle a "Semana da Pátria", festa da independência do Brasil. Nêle começa a Primavéra, que tem sua festa também.

SETEMBRO

1 T. | N. S. da Cons.
2 Q. | Sto. Estevão
3 Q. | Sta. Serapia
4 S. | Sta. Rosalina
5 S. | S. Bertino
6 D. | S. Zacarias
7 S. | a Ind. do Brasil
8 T. | Natividade N. S.
9 Q. | S. Sergio
10 Q. | S. Nicolau Tolen.
11 S. | Sta. Teodora
12 S. | S. Juvencio
13 D. | Sto Amado
14 S. | Exalt. Sta Cruz
15 T. | N. S. das Dôres
16 Q. | Sta. Edite
17 Q. | Sta. Adriana
18 S. | S. José Cupertino
19 S. | S. Januario
20 D. | Sto. Evilasio
21 S. | Sta. Efigenia
22 T. | S. Tomaz Vil
23 Q. | S. Lino
24 Q. | S. N. das Merces
25 S. | Sto. Herculano
26 S. | S. Cipriano
27 D. | Cosme e Damião
28 S. | S. Venceslau
29 T. | S. Miguel Arcanjo
30 Q. | S. Jeronimo

FASES DA LUA

Dia 1 Quarto Minguante
" 9 Lua Nova
" 17 Quarto Crescente
" 24 Lua Cheia

HORÓSCOPO

As pessôas nascidas em Setembro serão amaveis e afetuosas, muito felizes nas emprezas a que se dedicam, e com decidida vocação para a música.

São bastante reservadas, não confiando a ninguem seus pensamentos e projétos.

Seus meses mais felizes são Fevereiro e Novembro, seu melhor dia: a quarta-feira e suas pedras talismans: o jaspe roseo, a opala ou a perola.

Suas côres devem ser o amarelo, o azul e o castanho.

Vejam isto

Nesta figura há uma grande confusão de traços brancos. Mas se vocês tiverem paciência e habilidade, poderão cobrir com lapis Faber n. 1 as linhas brancas desnecessárias, e o desenho aparecerá bastante claro.

•

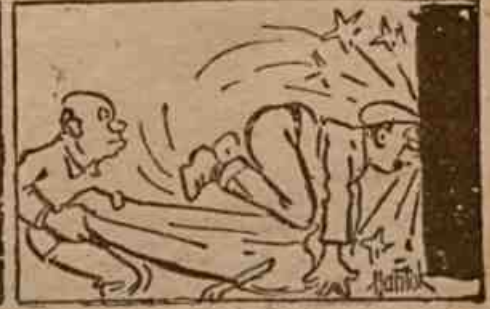
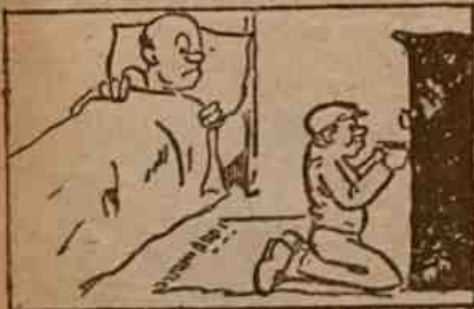
Descobriu-se, recentemente, na povoação de Tula, no México, um cipreste que é considerado o maior do mundo. O tronco tem 48 metros de circunferência. Acredita-se que essa árvore conta pelo menos, 1.000 anos de existência.

Um «puzzle»

Tomem um pedaço de papelão resistente, de 3 a 4 milimetros de espessura, quadrado, tendo cêrca de 7 a 8 centimetros de lado. O essencial é que o quadrado seja bem regular e que tôdos os córtes sejam iguais.

Dividam-no em 7 partes, de acôrdo com o desenho. Experimentem, primeiro, reproduzir, sem modêlo, o quadrado que vocês acabam de dividir. E' relativamente fácil.

Colocando, em seguida, êsses pedaços de diferentes modos, vocês poderão, aproveitando sempre tôdos os pedaços, formar um grande número de figuras variadas, ao talante da imaginação. Figuras arbitrárias, mas que produzem um certo efeito decorativo.

Baseados nêsse modêlo, vocês poderão inventar outros mais.

A CALMA DE BREDERODES

O signo dêste mês é ESCORPIÃO.

Tem 31 dias e éra o 8.º mês do ano antigo, donde o seu nome. Nêle se comemora a descoberta da América, o "Dia da Criança", a "Semana da Asa" e no dia 11 faz anos "O TICO-TICO", a querida revista das crianças do Brasil.

OUTUBRO

1 Q.	S. Verissimo
2 S.	**Stos. Anj Guarda**
3 S.	S. Candido
4 D.	S. Franc. de Assis
5 S.	Sta. Flaviana
6 T.	**N. S. do Rosario**
7 Q.	S. Marcos
8 Q.	S. Demetrio
9 S.	S. Luiz Beltrão
10 S.	Sto Eulampio
11 D.	S. Germano,
12 S.	S. Wilfrido
13 T.	Maternidade N. S.
14 Q.	S. Calixto
15 Q.	Sta. Ter. de Jesus
16 S.	Sto Mariano.
17 S.	Sta. Edwiges
18 D.	S. L. Evangelista
19 S.	S. P. de Alcantara
20 T.	Pureza de Na. Sa.
21 Q.	Sta. Ursula
22 Q.	S. Vernaculo
23 S.	S. B. Gonçalo
24 S.	S. Rafael, Arcanjo
25 D.	**Cris. e Crispiniano**
26 S.	Sto. Evaristo
27 T.	Sto. Elesbão
28 Q.	S. Simão
29 Q.	S. Zenobio
30 S.	S. Serapião
31 S.	S. Quintino

FASES DA LUA

Dia 1 Quarto Minguante
" 8 Lua Nova
" 16 Quarto Crescente
" 23 Lua Cheia
" 30 Quanto Minguante

HORÓSCOPO

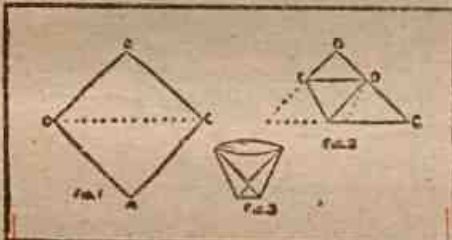
As pessoas nascidas em Outubro serão ativas, animosas, entusiastas. Não conhecem o desalento, alcançando sempre o que desejam.

Muito voluveis, não teem constância alguma.

São máos pagadores de dividas, embora sejam de caráter honrado.

Seus melhores meses são: Agosto e Dezembro e seu mais feliz dia a sexta-feira; suas pedras talismans: o diamante e a opala.

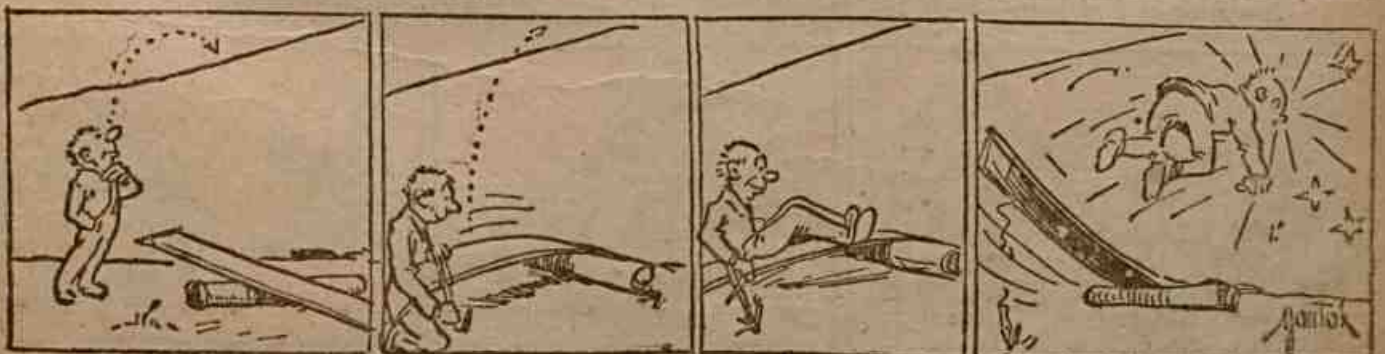
Suas côres preferidas são: o azul, o preto, e o violeta.

Aprenda a fazer um copo de papel

Córte um quadrado de papel de 12 centímetros de lado e dobre-o em diagonal (linha pontilhada CD da fig. 1). Depois, dobre uma das pontas do triângulo que resultou, conforme indica a fig. 2. A seguir, dobre a ponta C por cima da que dobrou antes. Em cima, em B, estão duas pontas e estas devem ser dobradas para fóra, uma para cada lado, conforme mostra a figura 3. O copo estará pronto... Num piquenique ou mesmo na escola, às vezes êsse copo de papel póde resolver uma situação de apertura. Exercitem-se bastante e acabarão por conseguir fazer copos perfeitos, pois é sabido que, na vida, tudo que se faz com perfeição dependeu de exercício e tenacidade.

Retrato bom e barato...

Para fazer esta pequena "camera", utilizem uma caixa de fósforos ou outra semelhante. Façam um orifício numa das faces externas da caixa, ao alto, e outro na parte inferior do fundo da gavetinha dos fósforos. Passem pelos furos um cordél de algodão, como indica o desenho, (fig. 1). Cólem ou pintem no fundo da gavetinha uma figura engraçada (burro, macaco, elefante). Munidos dessa "Kodak" tratem de fotografar os meninos de sua intimidade, que hão de rir um pouco quando vocês lhes mostrarem o retrato...

Basta puxar o cordão para que a gavetinha sáia da parte que a contém.

Vejam bem como é que se enfia o cordão: êle deve ficar para dentro e os furos praticados não devem ficar correspondendo, senão a manobra não póde ser feita.

CHICO DEU O PULO ERRADO

O signo dêste mês é SAGITÁRIO.

Tem 30 dias. Nêle se homenageiam os mortos, no dia de Finados, festejam-se Todos-os-Santos, comemóra-se a Proclamação da República, a instituição da Bandeira Nacional e a festa máxima, a implantação do Estado Nacional, pelo presidente Getúlio Vargas.

NOVEMBRO

1. D. ✠ Todos os Santos
2 S. ª Finados
3 T. Sta Silvia
4 Q. S. Car. Borromeu
5 Q. S. Zacarias
6 S. S. Leonardo
7 S. Florencio
8 D. S. Godofredo
9 S. S. Sotero
10 T. **Patrocinio N. S.**
11 Q. S. Menas
13 S. S. Eugenio
12 Q. Sto Aurelio
14 S. S. Clementino
15 D. **ª P. República**
16 S. Sto. Edmundo
17 T. **N. S. do Amparo**
18 Q. S. Romão
19 Q. Sta. Isabel
20 S. S. Felix Valois
21 S. **Apresenta- N. S.**
22 D. Sta. Cecilia
23 S. S. Clemente
24 T. Sta. Flora
25 Q. Sta. Catarina
26 Q. S. Ped. Alexandre
27 S. Sto. Fecundo
28 S. S. Iacobo da Marro
29 D. 1.º do Advento
30 S. Sto André

FASES DA LUA

Dia 7 Lua Nova
" 15 Quarto Crescente
" 22 Lua Cheia
" 29 Quarto Minguante

HORÓSCOPO

As pessoas nascidas em Novembro serão dotadas de lúcida inteligência, originalidade e muito engenhosas, obtendo os maiores sucessos se si dedicarem às letras ou às artes.

Teem ambição de mando, não gostando de ser subordinados e procurando ser cabeça ou chefe de quaesquer movimentos.

Seus melhores meses são Fevereiro e Julho; seu mais feliz dia a terça-feira e sua pedra talisman: o topazio.

Suas côres prediletas devem ser: o branco, o verde, o preto e o roseo.

Que será ?

Quer saber? Unindo os números pela ordem natural, terá a resposta.

Um amplador

Vamos explicar um modo simples e bem exato de se obter ampliação de desenhos, por meio de uma lapiseira e um elástico. Fixa-se na mesa a gravura a ampliar e logo abaixo o papel em que vamos fazer a ampliação. Espeta-se um percevejo ou uma taxa no ponto A ou onde melhor pareça, conforme o tamanho da gravura a ser ampliada. A essa taxa se prende uma extremidade do elástico, ficando a outra presa à lapiseira. Dá-se um nó no elástico no ponto C. Usa-se o lapis para desenhar a figura, servindo de guia o nó do elástico, que poderá mover-se sôbre qualquer ponto da gravura a ser reproduzido, bastando para isso esticar o elastico. Assim, podem ser reproduzidos e, marcados todos os pontos horizontais, ou verticais, com auxilio do elástico.

O CASTIGO DE BIRIBA

O signo dêste mês é CAPRICORNIO.

Tem 31 dias. E' o mês das festas, das férias, dos bons exames e do Almanaque D'O TICO-TICO. Festeja-se nêle o nascimento de Jesus, a data maior da cristandade.

DEZEMBRO

1 T.	S. Eloi
2 Q.	Sta. Bibiana
3 Q.	S. Franc. Xavier
4 S.	Sta. Barbara
5 S.	S. Sabas
6 D.	S. Nicolau
7 S.	Sto. Ambrosio
8 T.	*** Conceição N. S.**
9 Q.	Sta. Leocadia
10 Q.	S. Melquiades
11 S.	S. Damasio
13 S.	S. Justino Mártir
13 D.	Sta. Luiza
14 S.	S. Pompeu
15 T.	S. Maximiano
16 Q.	Sta. Adelaide
17 Q.	S. Lazaro
18 S.	**N. Senh. do Porto**
19 S.	S. Fausto
20 D.	Sto. Eugenio
21 S.	S. Temistocles
22 T.	Sto. Honorato
23 Q.	Sta. Vitória
24 Q.	Sta. Herminia
25 S.	**** Dia de Natal**
26 S.	Sto. Estevão
27 D.	S. João Evang.
28 S.	Stos. Inocentes
29 T.	S. Tomaz Cant.
30 Q.	Ss. Anisio e Liber
31 Q.	S. Silvestre

FASES DA LUA

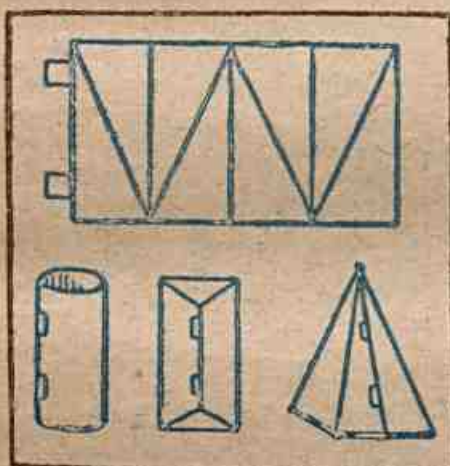
Dia 7 Lua Nova
" 15 Quarto Crescente
" 21 Lua Cheia
" 28 Quarto Minguante

HORÓSCOPO

As pessoas nascidas em Dezembro serão francas, e energicas e tão trabalhadoras que lhes faz mal aos nervos a preguiça... dos outros.

Seus meses mais felizes são: Fevereiro e Junho, seu maior dia a quinta-feira e suas pedras talismans: a turqueza e o carbunculo.

Suas côres prediletas são: o amarelo, o vermelho, o verde e o preto.

Geometría divertida

Num pedaço de cartolina recortem um retângulo. Recortem, mesmo, alguns, deixando de um lado duas pequenas linguêtas, que servirão para o ajustamento.

Tracem umas linhas em cima. Enrolando a cartolina, e colando as tais linguêtas, se constrói um "cilindro"; dobrando-a em quatro, se faz um "prisma" de quatro faces; em três, um "prisma" triangular; e, ainda, dobrando-a segundo as linhas oblíquas, se constrói uma "pirâmide", etc.

Dêste modo, brincando, vocês se iniciarão na geometria no espaço.

Economía geométrica

Aqui está um quadrado o qual encerra mais nove quadradinhos iguais, feitos com páus de fósforo. Trata-se de remover quatro pauzinhos, de modo a que fiquem só quadradinhos iguais. Como conseguirá isso?

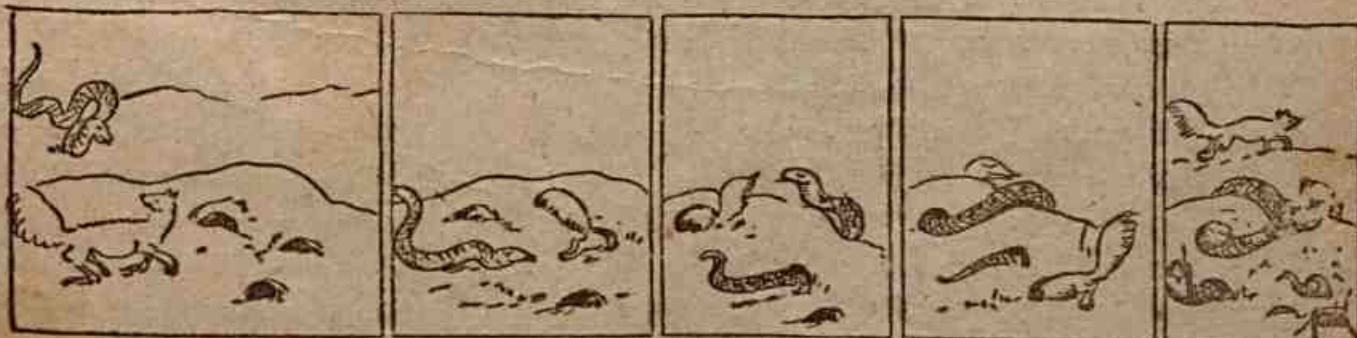
O problema é um bocado difícil de ser resolvido, mas, com um pouco de paciência tudo se consegue.

(Resp.: Remova os quatro páus do centro.)

●

Um caso de extrema precocidade nos estudos é o de uma menina bengali, na India, que, aos 9 anos de idade, prestou exames para ser admitida em uma universidade.

●

Jeferson contava apenas 23 anos de idade quando escreveu a *Declaração da Independência*. Escreveu em 18 dias.

UMA RAPOSA ESPERTA

PARA FAZER UMA LINDA ÁRVORE DE NATAL

PARA fazer-se, em casa, uma curiosa árvore de Natal, para ornamentação, enrolam-se várias folhas de papel, de preferência verde, formando um tubo **frouxo** como se vê na figura 1. Com cuidado se cortam três fendas de cima para baixo, tal como indicam as linhas pontuadas da mesma figura, córtes êstes que se deverão prolongar até mais ou menos dois terços do comprimento do tubo.

Feito isto, cóla-se uma tira do mesmo papel ou de papel escuro, côr de casca de árvore, em redor da parte do tubo que ficou sem cortar, dobrando-se para baixo as três "orelhas" que ficaram formadas por causa dos córtes — como se vê na figura 2. Introduzindo um dêdo no centro do tubo e puxando para traz, se obterá a Árvore de Natal conforme mostra a figura 3.

Claro está que a imaginação de cada leitor poderá trabalhar e êle inventará meios de, feita a árvore, enfeitá-la melhor, para obter maior efeito. Dessa fórma, se poderá colocar um supórte horizontal de papel-cartão, que permita à árvore manter-se de pé, e uma certa porção de árvores assim arranjadas poderão deixar linda a mêsa da consoada.

Fig. 1 Fig. 2.

DECÁLOGO PARA VENCER NA VIDA

1.° — Escolher a carreira de acôrdo com a vocação.
2.° — Dedicar-se de corpo e alma a tudo o que empreender.
3.° — Não desperdiçar energias.
4.° — Respeitar sempre: a própria integridade, a própria palavra e os menores compromissos.
5.° — Usar sempre os melhores utensilios e os melhores empregados.
6.° — Ser econômico sem ser aváro.
7.° — Ser afavel sem ser subserviente.
8.° — Fugir dos vícios, como de uma escravidão.
9. — Ser ótimista, sem ser sonhador.
10.° — Contar sómente com a própria capacidade.

AS CIDADES MAIS POPULOSAS DO MUNDO

Segundo estatísticas recentemente publicadas há no mundo trinta e nove grandes cidades, contando, cada qual delas, mais de um milhão de habitantes. A cidade do Rio de Janeiro, cuja população, em publicações de estatistica internacional, figura com o número de 1.711.466 habitantes, deve tê-la aumentada, segundo as cifras do recenseamento que se acaba de fazer no ano passado e as quais serão em breve publicadas. Na ordem numérica seguinte, está colocada em decimo-quinto lugar, como se vai vêr.

Londres	8.655.800
Nova York	7.380.250
Toquio	7.000.650
Paris	4.933.855
Berlim	4.332.242
Moscou	4.137.018
Changai	3.489.998
Osaca	3.394.220
Chicago	3.384.556
Leningrado	3.191.304
Buenos Aires	2.864.263
Filadelfia	1.935.086
Viena	1.918.462
México	1.754.355
RIO DE JANEIRO	1.711.466

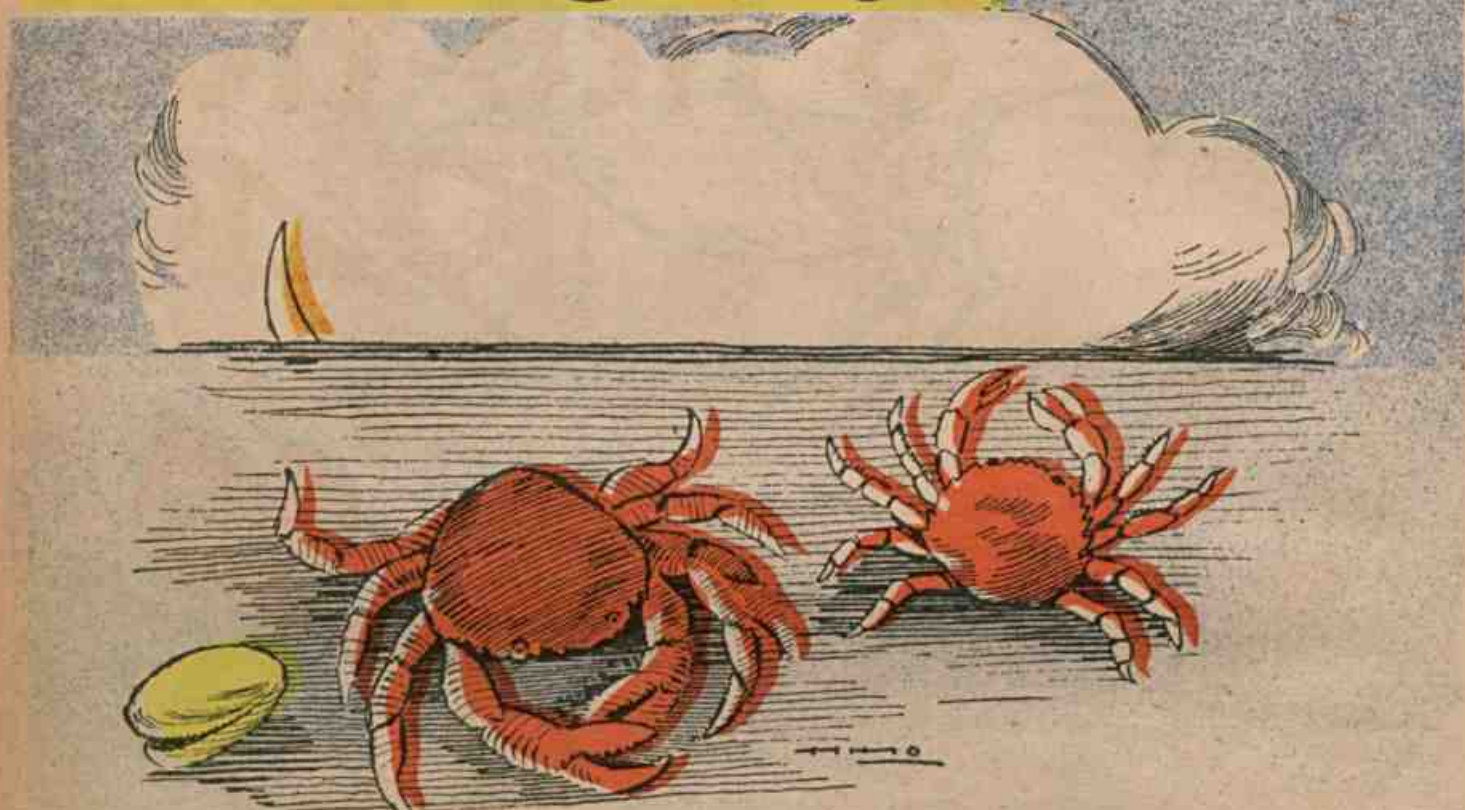
CURIOSIDADES

Numa região muito afastada do sertão de Goiás, em Crixá, um missionário havia reunido alguns índios para lhes ministrar instrução. Estando êles quase nús, o missionário forneceu-lhes calças novas. Custou para que êles aprendessem a usa-las. No dia seguinte um dêles apresentou-se com as calças ao avesso.

Ao tira-las, no dia anterior, o índio as havia virado ao avesso. Convidado a vestir as calças pelo lado certo, o índio declarou que gostava mais delas pelo lado onde havia o cadarço branco. Continuou a aparecer com as calças ao avesso até que, estando elas sujas, êle as virou, ficando contente por vê-las quase novas.

AQUI está, para as crianças do Brasil, mais uma edição do "ALMANAQUE D'O TICO-TICO". Publicação que já se tornou tradicional, que faz parte obrigatoriamente de todas as listas de presentes de fim de ano, — mimos com que os papás premiam os esforços de seus filhinhos nos estudos — e que contribue para a alegria das festas e das férias, este ano, como sempre, foi confeccionado com mil cuidados, com carinho todo especial, buscando oferecer aos milhares de leitores páginas atraentes, bonitas, alegres, instrutivas e sadías, para não desmentir o renome de que se orgulha e o conceito que há tantos anos desfruta.

Ao entregar esta edição às crianças do Brasil, formulamos os melhores votos de alegres e felizes festas e de ainda mais feliz ano novo, a todos os seus leitores, desejando que o ALMANAQUE de 1942 agrade plenamente, e que todos encontrem nas suas páginas momentos de deleite espiritual.

O carangueijo

— QUIETOS ! . . . — disse baixinho tio Pedro. — Não se mexam. Ao menor rumor, ao menor gesto enterram-se na areia, ou afundam no mar.

Suspendemos a respiração. Eramos três estátuas. Aproximava-se o bando impagável dos carangueijos cada um com o seu escudo às costas.

Vinham estendidos em linha de atiradores, em pé de guerra, à caça dos mariscos. Cautelosos, como quem teme alguma surpreza, não marchavam de frente, mas de uma banda só, de esguelha, que é uma posição estratégica de primeira ordem, para, à hora do perigo, darem às de Vila Diogo.

Era uma patrulha de reconhecimento. O grosso das tropas lá estava nas trincheiras da retaguarda, enterrado no lôdo.

Bons sapadores, em vez de machado, alvião e pá, trazia cada combatente quatro alavancas: — as antenas, duas de fóra, duas escondidas; dois pares de tesouras formidáveis, — as pinças; duas lanternas de engonços, — os olhos, plantados em dois braços ou pedúnculos, que eles, só por brincadeira, não que estivessem de candêias às avessas, esticavam e encolhiam, como se aquilo fôssem dois bastonêtes de puxa-puxa, e, para conduzirem todo êsse equipamento velho como o mundo, mas bom até alí, dez pernas velozes, — as patas.

Depois de uma batida em regra, como não puzessem os enfezados olhos em nenhum marisco, cerraram a coluna e, a quatro de fundo, proejaram para uns coqueiros ali pertinho, e . . . rapaziada sacudida ! nem pareciam os mesmos carangueijos, tardos e preguiçosos, da linha de atiradores de há pouco.

Com que agilidade trepavam ! Espiques acima era como se fôssem um bando de serelepes.

— Lá estão eles a dar cabo dos brôtos. Não teremos êste ano água de côco, — disse tio Pedro, — que voracidade a dêstes bichos ! Tomam um fartão todo o dia de óstras e camarões, de algas e mexilhões, e não ficam saciados. Glutões ! Um peixe morto, atirado à praia pela ressaca, é um banquête para a súcia comilona. Abancam-se e não largam o náufrago senão depois de o reduzir a carcassa.

No melhor da festa passaram uns bentevis rente aos coqueiros, e os indiscrétos, que tudo vêem e não vêem nada, debandaram os carangueijos. Foi um salve-se quem puder ladeira abaixo. Muitos despencavam do alto e caíam de pernas para o ar. Era de vêr o frenesí que lhes causavém o incômodo decúbito dorsal. Saracotêavam como uns furiosos, olhos esbugalhados de terror, balouçantes como os do caracol.

Os que se pilhavam a jeito... an ! é aquí... rumo ao mar ! Que fuga !

Uma corrida de carangueijos é bem mais divertida que a de cavalos. A fingir que contramarchavam à esquerda ou recuavam, a tocar apenas o chão com as suas pernadas grotescas, passaram eles numa carreira louca, enquanto nós quasi morríamos de riso.

Alguns se arrastavam de pernas quebradas, mas nem por isso pareciam tristes.

Quis agarrar um que passou ao alcance. Ao deitar-lhe a mão, o bravo sapador enterrou-se na areia.

Fizemos silêncio. A areia começou a mover-se, erguida pelo prisioneiro que se esforçava por subir à tona. Eis que dois olhos negros e circunspêtos, dois olhos velhacos, emergem da areia.

Põem-se a espiar para vêr como paravam as modas. Logo que nos viram, afundaram. Afundei a mão atrás do fujão . . . ai ! ai ! Para que fiz ! Nunca pererequei de dôr como naquêle instante.

O cirurgião das duzias quasi me havia torado o dêdo. Ferrou-me a tezoura que eu vi estrelas ao meio-dia. Foi preciso o Didico quebrar-lhe uma das pinças para me vêr livre.

— Coitado ! Que estupida brincadeira ! — exclamei a gemer e a assoprar o dêdo. — Lá vai o infeliz mutilado, sem uma das armas para a luta pela vida . .

— Não te amofines ! — consolou-me tio Pedro. — O carangueijo é um soldado como não há outro igual. Ora, soldado velho não se aperta. Venha a perder, não uma, como agora, mas as duas pinças, uma ou dez patas de cambulhada, ou porque as perca em alguma rixa com os outros, ou porque pensativo e solitário, caia de ponta-cabeça de algum alto penêdo, fica êle mudo e quêdo. Nem se dá por achado. Aquilo não tem importância. O carangueijo tem pano para as mangas.

Não baixa ao hospital. Não vai para o mármore, para que lhe serrem as pernas e lhe dêem umas molêtas.

Nada disso. Ficou estropeado ?

— Vou dormir de barriga para o ar, — diz êle, dando graças à sua bôa estrela.

Mete-se na tóca. Não chama ninguem. Alí, sob o têto familiar, cercado pelos carinhos dos seus, que o tratam a vela de libra — camarõezinhos tenros e ostras de derreter na bôca, o aleijado, a ouvir o dôce barulho das águas, vai se operando a si mesmo.

Autocura maravilhosa! Sem dôr, sem clorofórmio e outras tantas mnçadas, o felizardo, depois de algum tempo, pula da cama com as suas tesouras novinhas em fôlha, e as suas dez pernas, um pouquinho mais curtas, mas que tem isso? tão robustas e velozes como as que se partiram. Ele mesmo as fabricou graças aos poderes que Deus lhe deu, Deus que alimenta as aves do céu e veste os lirios do campo.

— Cabôclo de sorte! exclamou, admirado, o primo Inácio. O marôto estropia-se, e... fogo, viste linguiça! desentranha de si mesmo pernas e pinças! Olhem que é de a gente sentir inveja!

— Por que não nasci eu caranguejo? perguntou o Didico. — Só assim perderia o mêdo e alistava-me como aviador!

— Deus nos livre dêsse perigoso privilégio! disse tio Pedro, que andava entusiasmado com as notícias dos jornais de que os grandes do mundo tinham declarado a "guerra fóra da lei". — Se pudéssemos regenerar um braço ou uma perna, à maneira do povo dos caranguejos, então é que a guerra não acabaria mais.

Não lhe haviam de faltar voluntários. Cai um obús ... bum! é como se tivesse caído manga-manteiga madura... Lá se vão pernas e braços espatifados revoluteando como trapos sangrentos?... Deixá-los ir! Tóca para a retaguarda. Uns dias de ambulancia, canja e mingáu, e estariamos prontos para recomeçar a brincadeira.

A guerra deixaria de sêr o horror que faz tremer até os mais valentes... Seria uma mina! Voltariamos, em vez de mutilados, remontados, de pernas e braços novos.

Mas, se pensam que as habilidades, ou, melhor, os dons do caranguejo param aí, estão redondamente enganados. A natureza dá-lhe todos os anos casaca nova.

— Será possivel?! exclamámos em côro.

— Não é possivel. E' certo. Tão certo como quem, dinheiro à vista, vai ao adélo ou ao alfaiate da moda e compra um paletó novo. Sem despesas de um vintem, o caranguejo, aí por volta do Natal, recebe de mão beijada a nova casaca. E' mais um presente, que lhe cai do céu...

— E o que faz da velha? Perguntou, curioso, Didico.

— Faz o que fazemos. Atira-a fóra. Lá se vai, ao fluxo e refluxo, mar em fóra, o velho escudo do guerreiro. Ao chegar êsse tempo ditoso, o da muda, o caranguejo, que muito se preza não querendo expôr-se aos olhares da multidão assim que nem rato pelado, torce caminho e tranca-se no seu eremitério. Fica nas encóspias alguns dias até que lhe cresça ao dorso o escudo protetor.

Nêsse tempo, que lhe parece um século, não arreda o pé de casa. Não recebe ninguem. Nem os parentes. Assim, de corpo môle e murcho, os encontros são perigosos. Ele sabe por experiência própria que, então, é muito fácil a prática da caranguejofagia. E' só umas tesouradas naquela carne convidativa, tenra e apetitosa, e tem-se a mesa farta.

Máu grado tôdas as suas artes de berliques e berloques o caranguejo, moralmente, não é uma criatura perfeita. E' um ladrão perigoso...

— Por que nos assalta os coqueiros? — perguntou o primo Inácio.

— Não só por isso, nem tão pouco pelos estragos que póde fazer nos jardins e nas hortas de beira-mar. E' um ladrão, porque leva a sua audácia a ponto de nos roubar a bolsa.

— Tio Pedro está a gracejar... — interrompeu, incrédulo, o Didico.

— Estou falando sério. Ouça. Certa vez, onde e quando não vem ao caso, um marinheiro pagou caro a sua avareza. Possuía um bom pecúlio, algumas centenas de moedas de ouro que êle, desconfiado como todos os avaros, não deixava nunca em casa. Trazia-o consigo em três bolsas de couro.

Estando a pescar numa praia povoada de caranguejos aboletou-se um dia numa cabana desabitada alí a dois passos do mar.

À noite, receôso de algum assalto, enterrou em três cantos diferentes o seu tesouro. Viu as varas, as linhas e os anzóis para a pescaria da madrugada e, depois de tudo preparado, atirou-se a um jiráu e não tardou a conciliar o sono.

Que triste despertar o seu! Ao abaixar-se num dos cantos para desenterrar a bolsa, teve a mais dolorosa das surprezas: a terra estava tôda revolvida e a bolsa havia desaparecido. E exatamente a mais recheada. Por alí não havia ratos. Se houvesse, os caranguejos teriam dado cabo deles.

— Foram os patifes dos caranguejos! Foram eles! berrava, furioso, o pescador.

Teriam sido? Se não foram, fique a culpa da suspeita ao pescador que daí por diante criou uma antipatia invencivel por essa espécie de crustáceos.

Aí, deles! se não se punham a salvo. Esmagava-os, o brutamontes, debaixo do tacão.

A volta do mundo

GASTANDO mais ou menos tempo muitos viajantes já fizeram a volta ao mundo.

Dêsde a iniciativa de Fernão de Magalhães, o malogrado navegante português, a façanha tem sido repetida inúmeras vezes.

Nenhum, porem, até hoje, póde gabar-se de a ter feito a pé, em tôda a sua redondeza. Isto teria sido impossivel.

Vejamos as razões.

A Terra não é uma superficie plana, que se estenda, lisa e unida, sem interrupção, sem altos nem baixos.

Ela é como uma bóla de argila em que calcando-lhe o polegar, tivéssemos deixado, aquí e alí, algumas amolgaduras ou cavidades profundas. Cada uma dessas mossas é, na Terra, um grande espaço coberto de água salgada. E' um oceano, um mar, um golfo, conforme o tamanho.

Ao contrário, em outros pontos da sua extensão, assim nos que se acham fóra como debaixo dos oceanos, a Terra apresenta grandes elevações, e estas são as montanhas.

Nos continentes e nas ilhas, isoladas, ou seguindo umas às outras, formando cadeias, ou cordilheiras, de flancos escarpados e nus, ou com as suas encostas e quebradas protegidas dos ventos, das soalheiras e águas torrenciais, pelas matas, são, às veses, essas montanhas, verdadeiros gigantes de pedra que interceptam o caminho.

Para as transpôr tem o homem de fazer, por desfiladeiros estreitos, ladeados de precipicios, ascensões perigosas, tanto mais longas e exhaustivas, quando o caminheiro vem a pé.

À medida que vai o viajante galgando uma dessas montanhas, seja ela bem alta, terá êle de encontrar novos perigos, terá de sofrer e muito, se quizer chegar às paragens superiores, aos cabeços e cumes.

Por aí, o frio é intenso e picante, os ventos sopram em rajadas de combate e morte, a neve fustiga e regela com a saraivada de suas pétalas minúsculas.

Elas não cessam de cair. Amontoando-se, atravancam os caminhos, mascaram os despenhadeiros, cegam e sufócam os viajantes que, só por milagre de resistência e coragem, pódem sair com vida dêsses desertos de gêlo

AS SETE MARAVILHAS DO MUNDO

O "COLOSSO" DE RHODES.

ESTAS palavras "sete maravilhas do mundo", lembram coisas do passado. Antigamente, quando os homens não tinham ainda alcançado o gráu de professor que hoje conhecemos, foram tidos como coisas "maravilhosas" estas sete a que nos vamos referir. E a fama, o renome ficou, perdurou atravéz dos anos, e ainda hoje se fazem referencia a essas "maravilhas" do passado. Elas eram, afetivamente, maravilhosas, embora depois outras maravilhas, principalmente nos nossos dias, tenham surgido, para nos deslumbrar.

A primeira delas era o chamado "Colôsso de Rhodes", gigantesca estatua do deus pagão Hélios, mais ou menos parecida com a da Liberdade, que existe em Nova York. Foi feita por Charles de Lindos, em bronze e estava colocada no portão principal da ilha de Rhodes.

A segunda maravilha era o templo d e d i c a d o à deusa Diana, em Épheso, tesouro do gênio grego que foi incendiado, certa noite, por um cidadão chamado Eróstrato, que pretendia tornar-se imortal, com essa façanha. Claro que se imortalisou, porque ainda hoje se fala nêle, mas seria melhor que tivesse deixado o templo inteiro... Bonita imortalidade, não é mesmo ?

Em Babilônia havia uns jardins, mandados construir pelo rei Nabou-Koudour-Oussour, para que a sua esposa, Semiramis, olhando para êles,

O TEMPLO DE DIANA

OS JARDINS SUSPENSOS DE BABILONIA.

tivesse a impressão de vêr as montanhas da Medéa, onde ela havia nascido.

Ésses jardins são chamados "os jardins suspensos de Semiramis" e eram a terceira maravilha do mundo antigo.

Outra maravilha era o faról de Alexandria.

Imênso, e maciço, êle era cercado por uma escada em espiral, e há 25 séculos guiava os navegadores por meio de forte colúna de fumo, durante o dia, e à noite, pelo seu brilho, tido como mais forte e tão inextinguivel como o das estrêlas.

Esta era, portanto, a quarta maravilha, não é isso ?

E a quinta, qual seria ? Muito simples. Era a estatua do deus mitologico Júpiter, chamado tambem Júpiter tonante, porque esse deus pagão maneiava os raios e trovões. Obra de um escultôr que se tornou célebre, Phidias, era trabalho majestoso devéras, com olhos de pedras preciosas, encrustações de marfim etc.

Apezar do deus estar sentado, a estatua ocupa toda a altura do templo colossal. A sexta maravilha ainda hoje: são as pirâmides do Egíto, construidas para sepúlcro dos antigos faraós. São a mais celebre de todas as sete maravilhas.

Sobre elas vocês teem noticias nos livros que lêem, e nas revistas tambem.

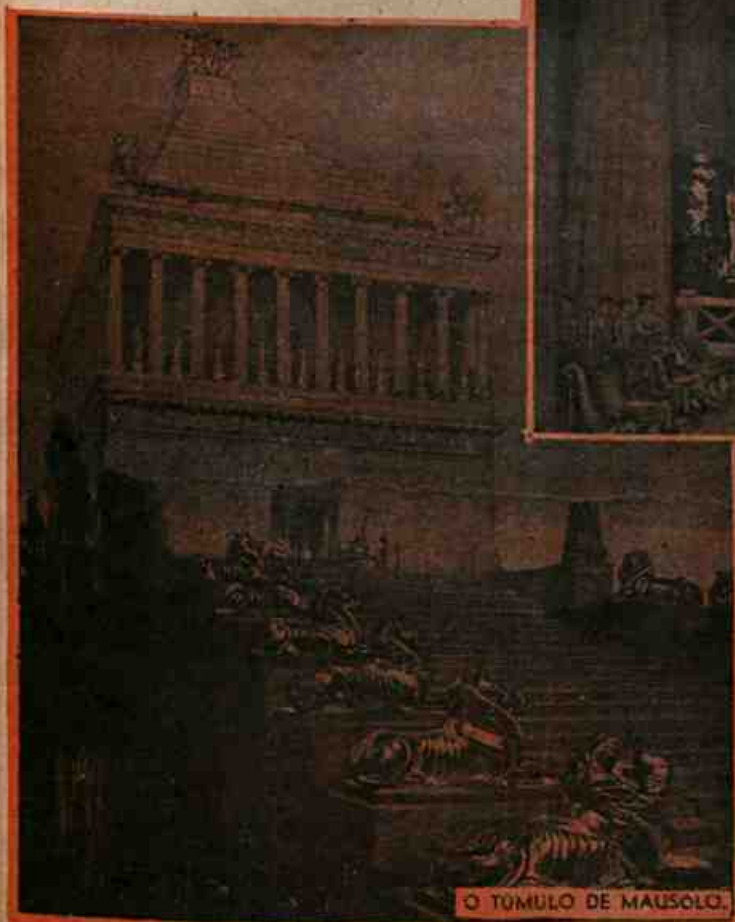
Falta agora a setima: o túmulo do rei Mausólo, nome de que se originou a palavra mausoléu.

A esposa dêsse rei, querendo perpetuar-lhe a memória, fez construir um verdadeiro templo, onde, entre riquezas, fez colocar o corpo do seu amado. A móda pegou e hoje, mesmo quem não é rei tem seu mausoléu.

Dessas maravilhas, as pirâmides são as que ainda existem tal qual eram.

O FAROL DE ALEXANDRIA.

A ESTATUA DE JÚPITER.

O TÚMULO DE MAUSOLO.

AS PIRÂMIDES DO EGITO

NO TEMPO das BANDEIRAS

UM dia Borba Gato entrou na palhoça de Fernão erguida à beira da lagôa de Vapabussú.

— Queres falar-me? perguntou o velho.

— Quero.

— Fala.

Borba Gato sentou-se.

— Vós não podeis ter dúvida da minha lealdade. Estarei convosco até o último momento de minha vida.

— A que propósito vem isso? perguntou o velho. Será possivel que tu tambem me queiras deixar?

— Eu não. Mas vim interceder pelos outros homens que nos acompanham.

— Querem êles ir embora?

— Ninguem me falou nada. Mas eu sinto que ninguem tem outro desejo sinão êsse.

E adoçando a voz:

— E havemos de concordar que êsse desejo é justo. São sete anos nêste fim de mundo.

Fernão ergueu-se com uma ruga no rosto.

— Quem quiser partir que parta. Eu ficarei sozinho e ficarei um seculo si um seculo fôr preciso, para encontrar o que procuro. Minha mulher não se envergonhará de ter um marido que volta do meio do caminho.

E de olhos brilhantes, já escaldados pela febre:

— Não entrarei em S. Paulo sem ser carregado de esmeraldas. Prometi achá-las e prefiro morrer aqui, torrado pela febre, a voltar com as mãos vazias. Um homem como eu só sabe fazer uma coisa — vencer.

— Eu, repetiu Borba Gato, estarei sempre convosco, mesmo na desgraça. Mas quero vos falar dos outros. Aqui já não se vive mais. Ninguem mais tem esperança nenhuma. Está tudo a morrer de miseria. Por que não voltar chefe? Sete anos bastam para nos convencermos de que as esmeraldas não existem.

Fernão, de um salto, segurou fortemente o braço de Borba Gato.

— Não existem? E és tu, meu amigo, tu, meu parente, que me vens dizer que as esmeraldas não existem?

Faiscaram-lhe os olhos, todo o corpo tremeu. O queixo começou a bater, tiritando.

— Queres ver as esmeraldas? Vem cá.

Agarrou Borba Gato pelo pulso e arrastou-o até a porta da palhoça. E apontando a serra áspera e nua que se erguia no horizonte, gritou:

—Ali! Elas estão ali! Não vês tudo verde, as águas, a areia, os pássaros, as próprias nuvens? São as esmeraldas! E' o reflexo das esmeraldas.

Havia começado o delirio da febre. O seu corpo ardia.

Borba Gato amparou-o. Fernão encostou-se-lhe ao ombro, os olhos bem abertos, cravados na serra:

— Vê! A serra inteira é de esmeralda! E' de esmeralda o próprio céu. Vê! E' tudo verde! O próprio céu é verde! E és tu que me vens dizer que as esmeraldas não existem?!

Naquele dia a febre que o abateu foi mais alta que das outras vezes.

Durante meses e meses, todas as manhãs, saiam turmas de homens por aqueles morros à procura de esmeraldas.

Uma tarde, está Fernão Dias à porta de sua palhoça, quando ouve tiros ao longe. São tiros uns após outros, como se fossem salvas.

Ergue-se. A bandeira assanha-se.

— Que é aquilo?

Só um acontecimento excepcional podia justificar aquêle desperdicio de polvora, a polvora tão necessária naquêles ermos.

— Que é aquilo?

E as salvas continuaram.

Afinal, na aba de um morro, um punhado de homens aponta, cantando. À frente vem Borba Gato, Garcia Pais, os amigos leais de Fernão Dias.

— As esmeraldas! As esmeraudas! veem eles gritando de longe.

O velho bandeirante espera-os, de pé, no terreiro da palhoça.

— Pai! Pai! Achamos! Achamos! brada Garcia.

Fernão, cercado pela bandeira, quer falar e não pode.

Finalmente, finalmente o seu grande sonho se realizava!

A seus pés os homens esvasiam os surrões de ouro. São centenas, milhares e milhares de pedras verdes, brilhando, cintilando, faiscando.

Fernão Dias Pais Leme ajoelha-se. Mete a mão no monte de pedras, revolve-as, apanha um punhado delas e beija-as.

E depois, erguendo os olhos para o céu, diz com a voz quasi sumida pela emoção:

— *Deus, eu vos agradeço.*

E *só. Não tem mais forças para falar.* Os amigos levam-no para a cama.

Dois ou três dias mais, o grande bandeirante *morre abatido pela febre.*

As pedras verdes são levadas depois para S. Paulo. A Camara manda examiná-las.

Não são esmeraldas. São apenas pedras verdes quasi sem valor!

Meus meninos:

Estou vendo a *decepção estampada* no rosto de vocês. Estou a ouví-los dizer:

— Que pena! Tanto sacrificio para nada! Tantos anos de luta para encontrar apenas pedras sem valia! Tanto trabalho perdido!

Enganam-se.

No mundo não há trabalho perdido. O trabalho é a força produtora. E' a própria razão de ser da vida. Mais cedo ou mais tarde os seus frutos aparecem.

Fernando Dias Paes Leme não encontrou as esmeraldas que procurava. Mas descobriu a maravilhosa região de Minas Gerais que vale por todas as esmeraldas do mundo.

A HISTORIA DE MIGUELZINHO

Miguelzinho era um menino muito inteligente, que sendo orfão trabalhava para viver, como entregador de pães.

Certo dia, ao atravessar um jardim ouviu soluços e descobriu, num dos bancos, uma jovem que chorava.

?

Chegou-se a ela, e [illegible] que não lhe [illegible] a causa daquelas lágrimas. A moça contou-lhe então...

... a sua desdita. Era noiva e seu amado rompera o noivado atraído por outra jovem, porque não gostava da feia pele de seu rosto cheia de defeitos, manchas, sardas.

Escute, moça — disse êle. — Minha mãezinha, usava uma coisa maravilhosa na pele, para conservá-la frêsca e bonita: o afamado "Leite de Colonia". Porque a senhora não experimenta? Se quer, vou comprar.

MARDEN

CONDUTÔR DA JUVENTUDE

POR JUAN CARLOS MORENO

Tradução de ALBERTUS DE CARVALHO

ILUSTRAÇÃO DE FRAGUSTO

ERA uma vez...

Sim, vejamos se me lembro... era uma vez, um menino que ficou órfão de mãe quando apenas contava três anos de idade, e de pai quando completava sete.

Nascêra e se creára em um pequeno povoado montanhoso, e o aspecto sevéro de suas rugosas colinas gravou-se para sempre em sua memoria, infundindo-lhe seriedade e firmeza que conservou em toda sua vida.

Ficou sob a tutéla de um homem de coração duro, que não compreendia o cuidado e a educação que necessita uma criança, e que, em lugar de enviá-lo à escola, o colocou ao serviço de uma familia abastada sem ordenado. Nessa casa sofreu muito pela desconsideração com que o tratavam: suas roupas eram farrapos, comia na cozinha o que sobrava, dormia no chão, e o que mais lhe faltava na sua idade — o carinho — era-lhe negado. Amiúde, era até castigado por qualquer traquinada.

Dali o tutôr o enviou a uma granja, cujo proprietario, como a maior parte da gente rude do campo, não compreendia equela alma infantil. Uma vez teve uma aventura emocionante, da qual nunca se esqueceu.

Seu amo enviou-o com uma mensagem à casa de um homem que vivia do outro lado do monte. Se o menino fosse pelo verdadeiro caminho, chegaria antes de anoitecer podendo regressar no dia seguinte. A criança, porém, perdeu-se na selva e ali a noite a surpreendeu. A escuridão e o roncar das féras lhe infundiram médo. Havia escutado, alhures, que o fôgo espanta os animais. Então acendeu uma fogueira sentando-se ao seu lado. Cansado como estava, não tardou a dormir e a fogueira se apagou. De repente, acordou sobressaltado ao ouvir barulho de galhos e folhagens sêcas, e viu nas trevas dois pôntos luminosos que se moviam. Advinhou que eram os olhos de uma féra e, tremendo de susto, tentou acender um fosforo, que se apagou por causa do vento que soprava forte. Restavam-lhe na caixa apenas dois. Riscou um dêles, que se apagou tambem. O coração batia-lhe descompassado, quando, com muito cuidado, riscou o ultimo, com o qual conseguiu acender novamente a fogueira. Defronte dêle viu que um animal se aproximava, com cara de poucos amigos, e decerto o teria devorado se não houvesse procedido com rapidez. Tirando forças do seu terror, a corajosa criança apanhou um tição acêso e correu para a féra, que se afastou, célere e medrosa. Junto a uma arvore ficou até ao amanhecer e nunca um menino viu chegada a aurora com tanta alegria.

Com os pés sangrando e a roupa esfarrapada, a pobre criança chegou ao seu destino e entregou a mensagem, podendo voltar, então, pelo caminho certo. Seu amo não se surpreendeu muito quando teve conhecimento da aventura do garoto, e que quase lhe custou a vida.

Cansado da escravidão em que vivia, resolveu fugir. Fê-lo à noite, e vagou, só, durante dois dias pelo campo. Alimentou-se de frutas que apanhava e dormia no gramado, sob as estrêlas.

Depois, de muito andar, encontrou trabalho, com pequeno ordenado e muitas horas de serviço, em uma serraria. Consistia o seu trabalho em procurar na floresta troncos de madeira, os quais, em companhia de um operario, serrava.

Embóra trabalhasse muitíssimo, teve, entretanto, a constância de dedicar algumas horas aos estudos, numa escola próxima. Atirava-se ao estudo com veemência. Encontrando, certa vez, perdido, um livro de Direito, pôs-se a lê-lo e, através de suas páginas anteviu o luminoso futuro que o estudo depara aos que persevêram. O livro, que era o "Ajuda-te!" de Smiles, agradou-lhe imensamente e veiu a ser como uma luz nas trévas de sua vida. Sofreu, em certa ocasião, um golpe tremendo: roubaram-lhe o cão, o único amigo que possuia.; êle, porém, não desanimou, não descansou enquanto não o teve novamente perto de si. Achou-o em poder de pessôas estranhas, que não o devolveriam senão em troca de cincoenta pences. Como conseguir tanto dinheiro?

No entanto, embora seus quatorze anos, teve a certeza absoluta de ganhar êsse dinheiro para dá-lo em resgate do seu fiél amigo. Comprou algumas maçãs, a crédito, a um vizinho e, durante a noite, segundo aprendera, fabricou um dôce não muito bom está visto, mas vendaval, e com o produto, uma vez pago o preço das frutas poude conseguir, juntando algumas moedas que tinha, resgatar seu cão. Esta circunstâncias ensinou-o que tudo se pode conseguir na vida, com trabalho e força de vontade.

Desejava ardentemente seguir os estudos secundários, mas seu tutôr não queria, dizendo a todos que o rapaz não dava para coisa alguma. Mas, quando um homem lhe disse que custearia a sua viagem, êle não pôs objeção e consentiu em ir à cidade proxima. Empregou-se e assistiu as aulas. A principio riam-se dêle, pela sua indumentaria. Era alvo de chacóta dos seus condiscipulos. Durante as férias, trabalhava desesperadamente para poder pagar a matricula e as inscrições dos exames. Não perdia, aquela criança, uma hora de lazer, consagrando-as todas ao estudo. Foi camareiro em um hotel, serviu de cabeleireiro aos seus condiscipulos, abriu uma pequena escola para meninos e, após alguns anos de provas dolorosas, que só podem compreender aquêles que passaram iguais trânses, conseguiu formar-se bacharel em Direito.

Ingressa então na Universidade, onde recebêra o diploma de advogado, chegando a doutourar-se anos depois em Medicina.

A sorte lhe sorria. Seus esfôrços eram recompensados. Viajou então pelos paises da Europa, enriquecendo, destarte, o seus já vastos conhecimentos. Depois de ter passado por um sem número de peripécias, abandonou tudo, para dedicar-se inteiramente às letras, começando por lançar um dos livros mais interessantes da literatura norte-americana, intitulado: "Sempre Avante !"

Esta brevissima narração não é um conto, creiam, leitores. E' a pura realidade sôbre a vida extraordinária de Orison Swett Marden, famoso autor de ensinamentos para a juventude de todo o mundo.

O livro "Sempre Avante"!, o primeiro que Marden escreveu é o produto de pacientes anotações feitas em sua mocidade e durante as peripécias de sua vida. Quando achou o "Ajuda-te!", de Smiles, levou-o e concebeu a idéia de chegar a fazer um livro semelhante, que ajudasse as crianças na primeira educação. Marden viveu toda a sua vida agradecido a Smiles. Os ensinamentos bebidos na sua obra, de muito lhe valeram. Certa vez, disse: "O maravilhoso dia em que encontrei o "Self Help", de Smiles, assinalou o ponto de conversão de minha vida. Sentia-me tão alegre como um pobretão que, de repente, houvesse descoberto uma mina de ouro. Li e reli suas preciosas páginas até quase decorá-las".

Durante um incendio foi destruido completamente o manuscrito do "Sempre Avante"! que Marden conservava como joia valiosa. Foi uma das pérdas que mais lamentou. Mas o que demonstra a poderosa vontade dêste gênio é o fato de que reconstruiu, pouco a pouco, todo o texto do desaparecido manuscrito.

Este livro não obstante ter sido o primeiro que publicou, foi tambem a sua maior obra.

Depois se conheceu seu alto valor pelo colossal êxito de livraria, que obrigou os editores a fazerem sucessivas edições. Foi traduzido para todos os idiomas do mundo, e no Japão, onde foi tornado de uso obrigatorio nas escolas, alcançou uma tiragem de um milhão de exemplares!

Pelo brilhante êxito de seu "Sempre Avante!" Marden recebeu felicitações de governadores, catedráticos, altas personalidades de todos os paises civilizados e uma infinidade de cartas de jovens a quem a salutar influência do livro havia renovado o ânimo e feito entrever as possibilidades de mais brilhante futuro.

"Sempre Avante!" está cheio de exemplos de pessôas que, de humilde descendência, se elevaram aos mais altos cargos. Está fielmente documentado, com fatos reais da vida de grandes homens que, sendo pobres ou órfãos, ou de sorte adversa, graças ao seu firme proposito, à sua retidão, seu trabalho infatigavel, seu concentrado estudo, apezar das dificuldades, ascenderam na escala social até chegar a célebres poetas, notaveis escritôres, riquissimos industriais e talentosos homens de Estado.

Marden está profundamente convencido de que aquêle que põe tudo quanto tem, para êxito de uma empreza, seja ela qual fôr, tarde ou cedo vencerá. Marden é o creador de uma nova filosofia, que pode resumir-se nestes conceitos: *"Fé em Deus, autor de todas as coisas, que não abandonará seus filhos na terra; confiança em si mesmo, crendo que todo sêr humano tem as forças necessárias para triunfar na vida; otimismo são, na maneira de vêr todos os fatos; negativa formal às paixões más e trabalho constante na indústria ou vocação a que se inclina cada temperamento".*

Na doutrina mardeniana não existem o pessimismo, a fatalidade, a adversidade e outras criações dos que fracassam.

Marden não faz diferença de raça, religião, nem categoria social. Todos os sêres que povôam a terra são irmãos, de acordo com o ensinamento evangelico. Todos teem os mesmos direitos na vida. Todos nascem com as possibilidades precisas de chegar ao que aspiram.

Marden garante que o moço pobre se encontra em melhores condições para triunfar que o rico, nascido, no luxo e nos prazeres das comodidades. O rico não encontra grandes tropêços em sua carreira e, portanto, não desenvolve grandes esforços. O pobre tem a necessidade a atormentá-lo, o que lhe dá forças para lutar com denôdo. Sobre isso Marden escreve:

"Com cinco dedos em cada mão e uma "idéia firme" nenhum jovem, por mais vencido que se julgue, deve desanimar, Pão e sorte há sob o manto azul do céu para todo aquêle que, com habilidade, perseverança e energia saiba aproveitar as ocasiões. Não importa que tenha nascido em palhoça ou palacio, porque se resolutamente se resolve a um propósito, nem homens nem diabos serão capazes de vencê-lo".

Marden previne que a mocidade não deve deixar fugir as formidaveis ocasiões de progredir que se lhe apresentam na vida. A timidez não deve acovardar àquêle que deseja evoluir. Porque uma vez passada a ocasião, esta raramente volta outra vez.

Para melhor prova do que Marden diz, com conhecimento de causa, aí está na própria biografia, que referenda suas teorias do êxito e que é o documento mais convincente do que pode a vontade humana bem orientada, no triunfo dos idéias. Êle, em sua obra, se dirije especialmente aos jovens, porque nêles estão novas e latentes as energias extraordinárias que Deus colocou em cada sêr.

Quarenta livros escreveu Marden e muitos artigos esparsos de alto valor literario que publicou na famosa revista "Success", de sua propriedade. De sua valiosa bagagem, destacam-se os seguintes livros: "Abrir Caminho", que vem a ser uma continuação do "Sempre Avante"!; "O Poder do Pensamento", onde descobre as desconhecidas forças que se ocultam na mente humana; "A Alegria de Viver", livro são, vigoroso e de perene otimismo; "O Crime do Silêncio", utilissimo para a mocidade e pais de familia, pela exata e profunda lição que proporciona sôbre a educação sexual.

O estilo mardeniano é muito conciso, pois dá muita importância à brevidade; é rápido, claro, harmonioso. Os seus livros leem-se com gosto, sem fadiga, como um bom romance — qualidades que não teem a maior parte dos autores filosóficos.

Marden nasceu nas Montanhas Brancas, na América do Norte, e morreu há uns dezoito anos, na California.

Poucos dias antes de sua morte, em plena lucidez mental, escreveu seu último artigo, "A Magna Aventura", que é uma maravilhosa profissão de elevação e de infinitas esperanças.

RÉCO-RÉCO, BOLÃO e AZEITONA
Desejam aos seus admiradores Bôas-Festas e Feliz Ano Novo.
1941 — 1942

Réco-Réco e Bolão, recolheram-se ao leito, à espera de que Papai-Noel lhes trouxesse os presentes.

Azeitona, porém, havia resolvido pregar uma peça aos dois inseparaveis amigos.

Indo para o telhado, ficou a espera de que Papai-Noel chegasse com os presentes. À meia-noite, quando o bom velhinho chegou...

...Azeitona pediu que lhe entregasse os brinquedos que trazia para os dois companheiros. Papai-Noel satisfez-lhe a vontade, deixando um...

...grande embrulho que era destinado aos três. Depois se foi e Azeitona o seguiu com a vista. Quando Papai-Noel desapareceu,

...Azeitona com uma corda, fez descer a cesta que trouxéra, pela chaminé, que dava justamente para o quarto onde Bolão e Péco-Reco dormiam. Réco-Réco, que não...

... tirava os olhos do fogão, quando viu a cesta descendo precipitou-se para ela. Oh, surpresa!... Ao levantar o pano, só ratos sairam de dentro em debandada... Bolão...

... gosava. Depois de pregada a peça, Azeitona abriu o embrulho. Mas êste continha uma casa de maribondos que cairam em cima dêle às ferroadas. Papai-Noel o castigou.

A PÉROLA

(APOLOGO PERSA)

RUGIAM, lá em cima, os ventos tempestuosos do inverno, quando a gota dágua, tremula e pura, se sentiu, de repente, sósinha no espaço, desgarrada, por um sôpro mais forte, da nuvem em que se formara. Medrosa, humilde, pequenina, voava a misera arrebatada pelas doidas ondas aéreas, quando viu, de súbito, precipitando-se na mesma direção, mugindo, rolando, redemoinhando, uma enorme tromba marinha, que abalava o céu com a furia da sua carreira. Ao perceber a limpida gota assustada, a tromba monstruosa, — equóreo traço de união colocado entre o mar e as nuvens, — parou, de repente, rodando, sobre si mesma, e indagou, ironica :

— Aonde vaes tu, miseravel poeira da chuva ? Que fazes por estes caminhos perigosos do espaço, arrastada, como entidade invisivel, pelo minimo sôpro dos ventos ?

Tremula, encolhida, assaltada por diferentes ondas de ventania, a gôta limpida não poude, sequer, responder, e a tromba continuou, zombeteira :

— Já pensaste, acaso, no destino que te espera ? O vento que nos conduz a ambas, arrasta-nos, furioso, para o oceano largo, que rebôa, lá em baixo, clamando por nós. Ouves ?

A gôta dágua prestou atenção, e percebeu. Para alem da neblina que cobria a terra, em baixo, reboavam, apavorantes, os grandes soluços do mar. Como um bando de tigres enfurecidos, as ondas uivavam, despedaçando-se umas de encontro às outras, ao mesmo tempo que a água, revolvida pelos braços da tempestade, chorava, gemia, guaiava, num tumulto de vozes desesperadas.

Percebendo o susto da gôta humilde, a tromba insistiu :

— Lá em baixo, estão o meu túmulo e o teu. A mim, porem, me espera um destino que é, por si mesmo, a minha gloria. Tombando no oceano, eu constituirei uma parte dêle mesmo, tendo, como êle, as minhas ondas, os meus vagalhões, as minhas espumas. Serão necessários dias, talvez uma semana, para que as minhas águas sejam absorvidas pelo mar. E tu, que te aguarda ? Mal tombes em um cabeço de vaga, em um simples flóco de espuma, desaparecerás, anonima, para sempre, sem que fique, na terra ou no céu, a sombra do teu vulto ou da tua memoria !

— Meu Deus !... — gemeu a gôta dágua, apavorada, pálida, tremula, no horror daquêle extermínio próximo.

Nêsse instante, um trovão continuo, forte, soturno, anunciou a visinhança do oceano. Rajadas formidaveis abraçaram a tromba dágua, arrebatando-a, abalando-a, desconjuntando-a. Outras rajadas, precipitando-se em sentido contrário, tomaram com o seu halito a gôta humilde, a misera poeira de chuva, e, horas depois, serenada a tempestade, aparecia, de novo, ao sol, a face tranquila do mar.

Dias passaram-se porem. E uma tarde, quando da tromba marinha já não existia, sequer, a lembrança na memória do oceano, um pescador do mar Indico encontrou na praia, dentro de uma concha, uma gôta petrificada e brilhante. Era a gôta dágua do céu, que Deus, ouvindo a prece da humildade, salvára das águas...

HUMBERTO DE CAMPOS

AS GRANDES FIGURAS BÍBLICAS

MOISÉS, O PRIMEIRO LEGISLADOR

MOISÉS, o grande **legislador** dos Israelitas, isto é, **aquele** que pela primeira vez, na História do Mundo, reuniu certos preceitos e leis, formando um código para ser observado por todos, nasceu no Egito, cêrca de 1.500 anos antes de Jesús Cristo.

Seus pais eram Amrão e Jacobed, e pertenciam ambos á tribu de Leví.

Quando tinha êle apenas 3 mêses, sua mãe, querendo evitar que êle fôsse morto, por ordem do Faraó, colocou-o em um cêsto de vime. Os israelitas, nessa ocasião, estavam sendo vítimas da maior perseguição por parte do Faraó Ramsés II, ou "Sesostris", que déra ordem para que toda criança de raça judía, logo ao nascer, fôsse afogada nas águas do rio Nilo.

Aconteceu que o cêsto em que ia boiando o menino fôsse carregado pelas águas e levado pela correnteza justamente para perto do palácio do cruél soberano.

Estando a banhar-se no rio a filha de Faraó viu aquêle cêsto misterioso e quiz abrir para vêr o que continha. Ao abri-lo viu que havia dentro um menino extraordinariamente formôso que estava a chorar; teve compaixão dêle e disse: "Pobrezinho! é o filho de algum Hebreu!" Resolveu salvá-lo.

Precisava-se de uma ama de leite para o recemnascido. A irmã do menino, Maria, que estava vigiando nos arredores, aproxima-se naquêle momento e diz: "Quereis, Senhora, que eu vá chamar alguma mulher hebréa para dár leite a esta criança? — Pois não, respondeu a princeza, e faça depressa".

A rapariga satisfeitíssima, correu logo a chamar sua própria mãe a quem contou tudo. Apenas chegaram diante da filha do Faraó que esta disse:

"Está vendo este menino? Toma-o e cria-o para mim; mais tarde pagar-te-ei o que fôr justo". A mãe tomou o menino, levou-o á sua casa e o criou. Mais tarde, quando foi crescido, Jacobed o devolveu à princeza que o adotou, deu-lhe o nome de Moisés, que significa "salvo das águas", o fez educar a seu lado e instruir em todas as ciências dos Egipcios. Moisés teve, assim, educação real e cresceu e se fez homem naquêle ambiente sem, contudo, esquecer a sua origem judáica e sem deixar de compartilhar dos sofrimentos de seus irmãos de raça.

Certo dia, já homem, vendo um egipcio maltratar um hebreu, revoltado tomou a defesa dêste e, na luta, matou o egipcio.

Teve, então, de fugir, o que fez para a terra de Madian. Lá, travou conhecimento com um sacerdote judeu que lhe deu em casamento sua filha, Séfora, de cujo matrimônio nasceram dois filhos: Gerson e Elieser. Fez-se, então, pastor.

E durante 40 anos apascentou as ovelhas de seu sogro Jethró no deserto, sem imaginar a importante missão que lhe estava reservada.

Certo dia, estando a fazer orações no monte Horeb, numa sarça ardente lhe apareceu uma visão, o próprio Deus, que lhe disse ter

sido êle escolhido para libertar o povo de Israel da escravidão do Egito.

Moisés, assustado pelas dificuldades daquela missão, suplicou ao Senhor que não lha impuzesse; porém o Senhor, afim de animá-lo, concedeu-lhe o poder de fazer milagres com a vara que levava na mão e lhe deu por companheiro seu irmão maior, chamado "Arão", para cooperar no cumprimento daquela difícil missão.

Apresentou-se pois Moisés na côrte do Faraó, sucessor de Ramsés II, e intimou-lhe da parte de Deus que deixasse sair livremente o povo dos Hebreus. O príncipe recusou obstinadamente. Então por meio de Moisés e de Arão, castigou Deus aquele país com os terríveis males que se chamam as "dez pragas do Egito" que consistiram nos seguintes flagelos: 1.º as aguas foram mudadas em sangue; 2.º todo o país se cobriu de rãs; 3.º espessas nuvens de mosquitos atacaram os homens e os animais; 4.º moscas muito perigosas espalharam-se por toda a parte; 5.º uma péste maligna fez perecer os gados e animais domésticos; 6.º os homens e os animais se viram cheios de repugnantes ulceras; 7.º grandes tempestades com saraivas destriram as colheitas; 8.º nuvens de gafanhotos invadiram os campos e devoraram o que havia escapado ás saraivas; 9.º espessas trévas obscureceram todo o país durante três dias; 10.º e por fim morreram numa mesma noite todos os primogenitos dos Egipcios.

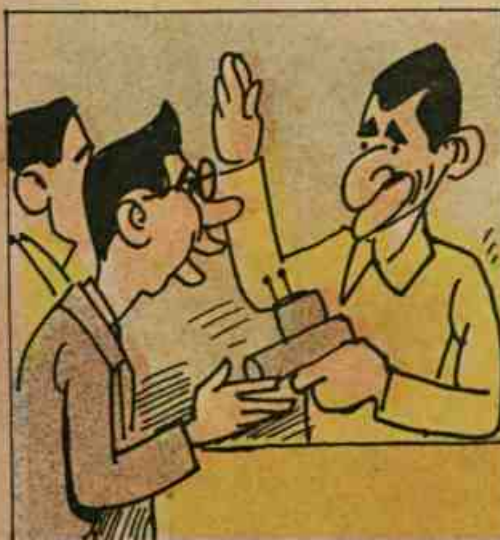
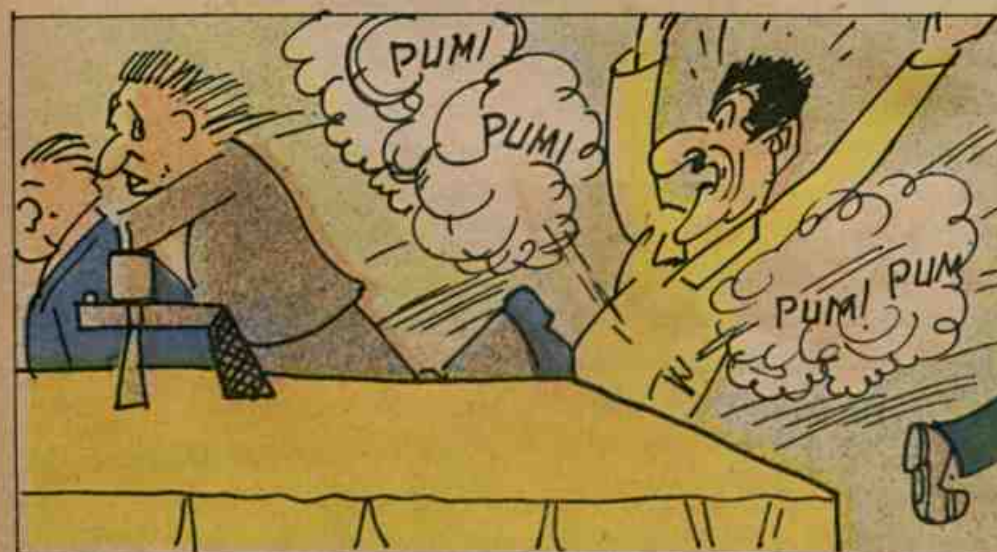
Depois de grandes peripécias, Moisés conseguiu reunir os israelitas e partiu com êles em busca da chamada Terra da Promissão, ou "Chanaan".

No deserto passaram longos anos, antes de alcançar essa região fabulosa, onde os frutos eram enormes, onde tudo era fecundo e abundante. Foi nessa peregrinação que êle realisou vários milagres, entre os quais o de fazer jorrar água de uma rocha, quando os seus homens corriam o risco de perecer de sêde, o de atravessar a pé sêco o Mar Vermelho, e outros.

No monte Sinai foi que Moisés recebeu de Deus as tabôas sagradas da Lei, onde estavam inscritos os 10 Mandamentos que foram o primeiro verdadeiro Código moral que tiveram os povos. Moisés, cujo nome quer dizer "Salvo das A'guas", morreu com 120 anos de idade, antes que seu pôvo alcançasse a Terra da Promissão.

Foi uma das figuras principais da História Sagrada, na parte do Velho Testamento, e em tudo o que realisou deixou sempre a marca de grande inteligência e larga sabedoria, tendo sido quem primeiro pôz em prática muitos preceitos de moral e de higiene que ainda hoje são seguidos no mundo, naturalmente sob outras fórmas.

Uma aventura de Zé Pistóla

Chamavam-no de Zé porque a mania dêle era inventar armas dêsse tipo mas... ...de eficiência nunca vista e de um resultado prático duvidoso. Um dia... inventou uma nova pistóla. Esta daria tiros só com o pensamento. Isto é, por...

...sugestão ou transmissão de idéias. Chamou vários amigos no dia da... experiência e esplicou-lhes o que iria fazer e demonstrar com a nova arma que êle inventára. Acontece porem que entre os circunstantes tinha um que já o...

...conhecia e, sorrateiramente colocou-lhe um petardo com mécha dentro do bolso, sem que o mesmo o pressentisse. O inventor mandou então que um dos presentes désse a ordem de fôgo, mas só "pelo pensamento", e o que aconteceu foi uma cousa nunca vista.

O tal petardo esplodiu de repente no bolso de Zé Pistóla que ficou tão apavorado que saíu correndo como um louco. Dizem que até hoje está correndo.

ROLDÃO E OLIVEIROS

O imperador Carlos Magno estreitava o cêrco de uma praça forte. Havia seis anos que durava o assédio. Nem o grande monarca pensava na retirada, nem os sitiados em se renderem.

Fechadas nas suas muralhas, erguia-se a cidade inimiga numa ribanceira, alta e fragosa.

Tarde da noite, iludindo a vigilância do adversário, vinham abastecê-la saveiros e batelões carregados de viveres.

Geraldo, governador da cidade, mandou parlamentários proporem o têrmo da luta por um combate singular. O alvitre é aceito. Os dois paladinos designados, Roldão e Oliveiros, saem a campo. Começa o duelo numa das ilhas do rio. Roldão monta um cavalo todo branco, e Oliveiros, um alazão.

Lá do mirante de uma das tôrres do seu castelo, Geraldo espia o combate e faz votos pela vitória do seu campeão. De uma das janelas, a irmã de Oliveiros segue as terriveis peripécias da pelêja. Reza pelos dois antagonistas. Pede a Deus que os poupe: o irmão querido e o cavaleiro, seu contrário. Ela tem por ambos a admiração que merecem a bravura e a lealdade.

Remetem um ao outro os dois paladinos. Com que destreza meneiam os pesados montantes! Não se poupam. E' golpe sôbre golpe. Retinem as armas. Lampejam ao sol.

Numa investida mais forte, caem feridos os dois formosos jinetes. O combate é agora a pé.

— Sire Oliveiros, diz Roldão, nunca defrontei adversário da vossa fôrça e resistência. Apeados, nós nos mediremos mais de perto. Será melhor. Não quero perder um só golpe. Lutaremos até um caír vencido.

Oliveiros está senhor de si, pronto a acutilar.

— Em guarda, sire Roldão!

Prossegue mais impetuoso o combate.

Numa arremetida furiosa, Oliveiros consegue varar o escudo de Roldão e ferir o valente adversário. Tão forte foi o golpe que êle vê, com desespêro, a sua arma partida. Restam-lhe na mão o punho e os copos da espada. Atira-os e, malsofrido, cego e convulso, lança-se contra Roldão para a luta corpo a corpo.

— Sire Oliveiros, uma trégua de dez minutos. Mandai buscar uma outra espada e que venha com ela o bom vinho da vossa adega.

Despacham-se mensageiros. Ei-los de volta. Oliveiros está assentado sôbre a relva junto do paladino, ajudando-o a estancar o sangue da ferida. E' quando um dos escudeiros chega, pé ante pé, por de trás de Roldão, tira-lhe o montante levanta o ferro, para ferir pelas costas o paladino. Num relance, vê Oliveiros a traição do servo, o perigo do adversário e a sua própria deshonra. Acóde a tempo de suspender o golpe. Subjuga o escudeiro desleal. Exproba-lhe a cobardia. E a peleja continúa.

Anoitece. Os dois lutadores ainda estão a combater. Súbito um nevoeiro misterioso os envolve e os deixa suspensos. Parte da nuvem uma voz que lhes diz:

— Baixai as armas, leais cavaleiros! Deus o ordena. Baixai as armas!

Os dois cavaleiros não hesitam. Obedecem, e a nuvem se desfaz.

— Sire Oliveiros, diz-lhe Roldão, eu vos admiro. Afora Carlos Magno, por nenhum outro homem sinto afeição igual. Daquí por diante, fortaleza, castelo, cidade que eu tomar que seja ao vosso lado.

— Sire Roldão, responde-lhe Oliveiros, com firmeza, alegro-me com a vossa estima, e vos estendo a mão de amigo.

Os dois campeões desprendem os atilhos dos elmos e, abraçados, selam a nova aliança.

Durou esta nobre amizade até o derradeiro abraço algumas horas antes da batalha em que Roldão caíu para não mais se erguer.

Sempre Unidos!

JUDAS ISGOROGOTA

I

Companheiros, marchemos unidos!
O tambor vai à frente a rufar!
Avancemos num passo tão firme
Que o Brasil fique inteiro a pensar
que, em vez de um exército imenso,
seja um homem somente a marchar!

ESTRIBILHO:

Companheiros marchemos unidos
Pelos laços bemditos da Fé!
A vitória saúda aos que partem
E o Brasil vai comosco de pé.

II

Companheiros, marchemos unidos
Para glória do verde pendão!
Avancemos com passo tão forte
Que o Brasil tenha a viva impressão
De que, em vez de tambores, marchamos
Ao compasso de um só coração!

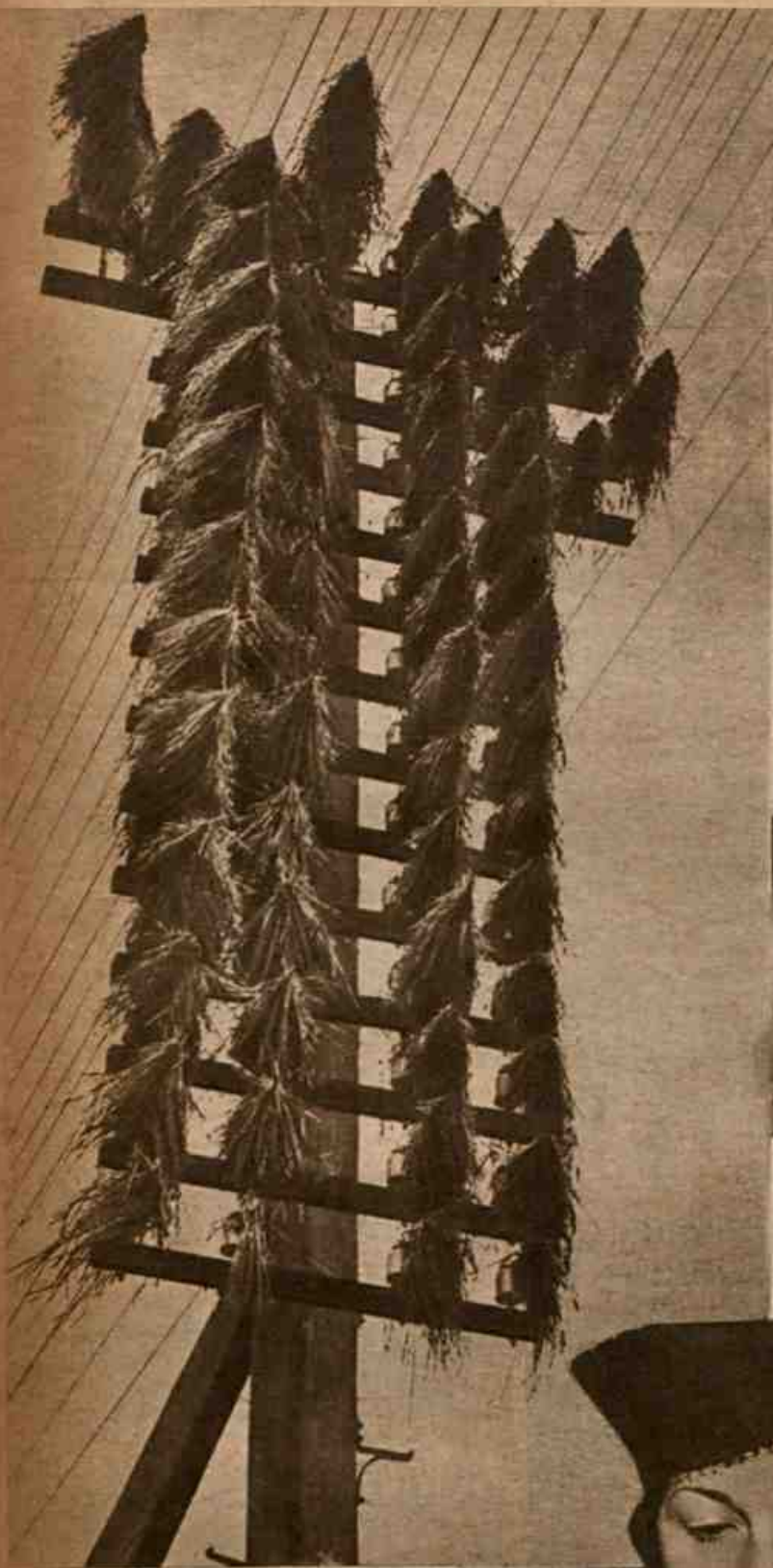
(ESTRIBILHO)

III

Companheiros, marchemos unidos,
Sem temor, sem cansaço, sem dó!
Avancemos num passo tão justo
Que, ao cairmos feridos no pó,
O Brasil acredite que morto
Seja apenas um homem, um só!

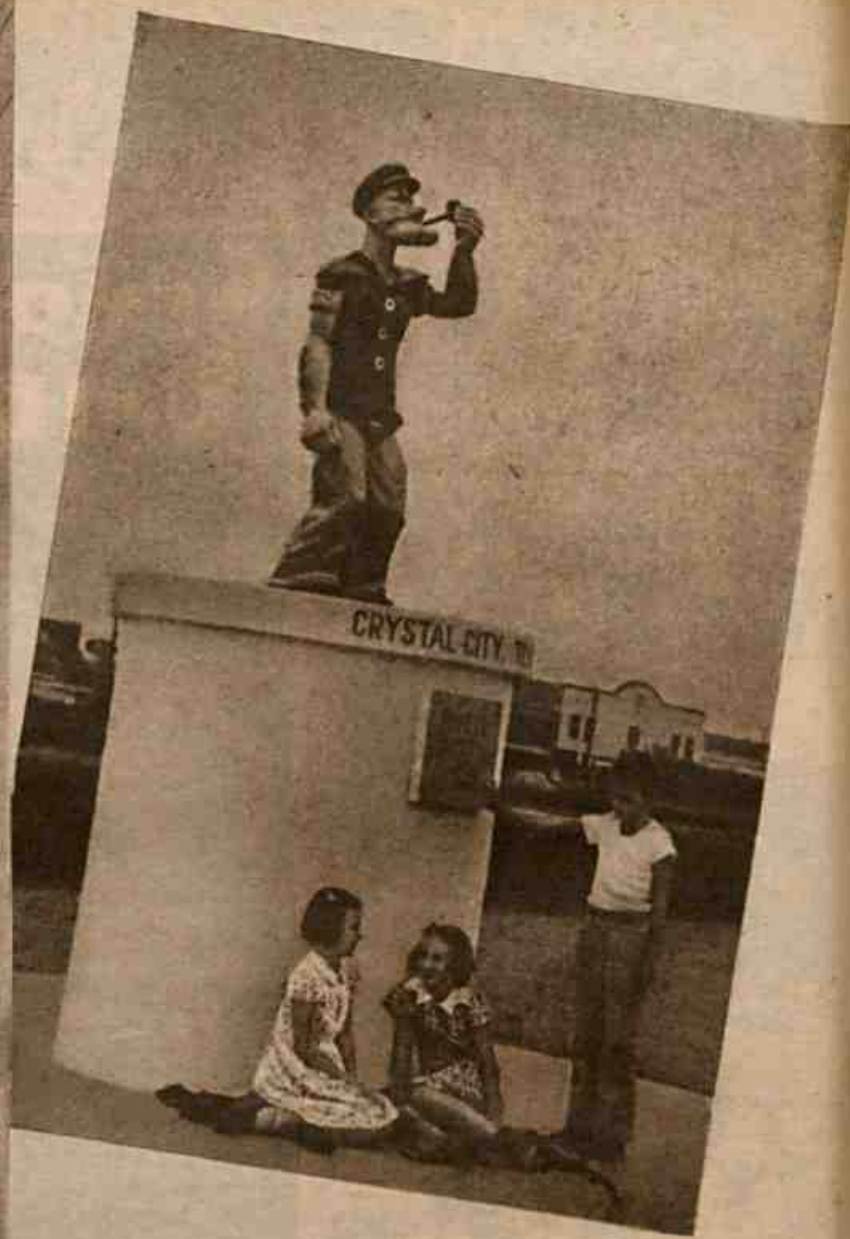
(ESTRIBILHO)

UMA ESTÁTUA DO MARINHEIRO POPEYE

Muito de vocês não sabem que existe uma estátua, nos Estados Unidos, do Marinheiro Popeye. Pois é verdade. Foi erigída na localidade de "Crystal City" — Cidade de Cristal — onde há grande número de plantadores de espinafre. Foram êles que a erigiram, agradecidos ao valente herói do cinema, pela propaganda que êle faz das virtudes daquela planta.

DEPOIS DE UMA TEMPESTADE

Vejam como ficou êste poste de linha telefônica, todo enfeitado, depois de uma tempestade. O vento atirou em cima dêle o capim que encontrou pelo chão, deixando-o assim. Não é curioso?

UM ÔVO CURIOSISSIMO

Vejam que ôvo engraçado está na mão dessa môça, amiguinhos. Tem a fórma quase semelhante à de uma lâmpada elétrica. A Natureza tem dêsses caprichos...

VÁRIAS COISAS CURIOSAS

QUE GRANDE HOMEM!

Aquí está Pablo del Rio, o homem menor do mundo. E' espanhol e tem vinte e seis anos, tendo de altura 25 polegadas. Se vocês compararem o tamanho do telefone, que é um aparelho comúm, com o tamanho dêle, verão como é grande êsse grande homem. Pablo é um rapaz simpático e vive feliz, embora pequeno...

QUE CAUDA ENORME!!

Em todos os nossos quintais existe sempre um gálo. Mas apósto que nenhum dos leitores já viu um gálo com uma cauda tão grande como a dêste aquí fotografado no ombro de sua dona. A cauda é tão grande que a senhora tem de segura-la com as duas mãos. O pobre galináceo nem pode dar um passeiozinho pelo galinheiro, tendo que ficar a vida tôda empoleirado...

A ORIGEM DOS PRESEPES

Diziam da Escritura Antiga os Livros Santos
Que, no ano da Creação, quatro mil... e mais tantos,
Nasceria de Deus o Filho, a Nova Luz,
O verbo prometido, o inefável Jesus.
E lá no extremo Oriente, os Reis-sábios, senhores
De toda a astrologia, os Magos sonhadores,
De olhos fitos no Céo, esperam ver surgir
A estrela de Bethlém que os há de conduzir
As terras de Judá, ao Presepio inocênte,
Cheio de santo amor, de poesia eloquente.

E uma noite, por fim, no alto do azul brilhou
Um novo astro de luz que a todos fascinou.

Terminava Dezembro, o mês do inverno frio,
Mas dir-se-ia o verão luminoso, sadio.
E os Magos do Levante, ao verem o sinal,
Puzeram-se a caminho através do areal.
O deserto se abria em flor a recebe-los
E o caminho era claro ao passo dos camelos;
A noite, tudo em luz pelo argenteo clarão
Da estrela que os guiava a fulgir na amplidão;
Durante o dia inteiro alva nuvem de fumo
Lhes marcava por diante o seu mais certo rumo.
Até que um dia vêem, ao longe, muito além,
No Reino da Judéa, a aldeia de Bethlém.

Dentro em pouco êles são em presença de Herodes,
A quem falam dizendo: — O' Rei que tudo podes,
Nos ensina onde está, onde podemos ver,
O Senhor dos Judeus que acaba de nascer.
— O Senhor dos Judeus?!... por sua vez indaga
O satrapa surprezo, ocultando uma praga.
Não sei de quem falais.

— Nós falamos do Rei
Que terá de imperar, do Amor fazendo Lei;
Aqui vimos do Oriente afim de procura-lo
E onde êle se encontrar de joelhos adora-lo.
— Não vos sei informar. Si o achardes, porém,
Voltai a me dizer para o adorar também.

Indagando, depois de alguns pobres pastores
Souberam onde estava o Senhor dos Senhores.

A estrela que os levou deteve-se, afinal,
Sobre o humilde Presepio, — a cêna do Natal.
E ali joelhos no chão, com um fervor santo, imenso.
Ao Infante ofertaram ouro, mirra, incenso.

— Reis adorando o Rei da Casa de David,
O Menino-Jesus que, lindo, lhes sorri!...

Cumprindo o prometido, emquanto de regresso,
A Herodes vão contar todo aquêle sucesso;
Mas um anjo lhes vem, num sonho aconselhar.
E, por outro caminho, os induz a voltar.

Herodes, que esperava os Magos experientes,
Não os vendo voltar, trucida os Inocentes.
Todo o Reino se faz num profundo clamor
De mães a soluçar a sua imensa dôr.
E, emquanto inda se escuta o pavoroso grito,
Maria e São José levam Jesus ao Egito.

Herodes teve em paga apodrecer em vida:
Era todo o seu corpo uma horrenda ferida;
No mais negro despreso um dia se acabou
E seus olhos ninguem, compassivo, cerrou.
Entretanto ainda hoje, a mais justa alegria
Dos Magos diz a festa, a Santa Epifania.

E, relembrando a Lenda, anos há em que vem
Rebrilhar pelos Céos a estrela de Bethlém.

MAURICIO MAIA

QUEM FOI BADEN POWELL, O FUNDADOR DO ESCOTISMO

BADEN Powell, o fundador do escoteirismo, era um velho general do exército inglês. Tendo passado uma grande parte da sua vida nos batalhões coloniais, conheceu bem aquêles homens simples e rudes que constituiam as populações daquelas regiões. A vida acidentada que levavam, cercados de perigos, dava-lhes grandes qualidades de energia e de caráter. Eram corajosos, resolutos, tenazes, não encontrando dificuldades nos maiores empreendimentos. Aliavam a isso rara lealdade e honradez. Entre os colonos canadenses, então, encontrou uma curiosa organisação. Agrupados em torno de um chefe, que escolhiam, viviam coesos, disciplinados, voluntariamente obedientes a leis rigorosas, moldadas na moral cristã e tendo acentuado cunho cavalheirêsco.

Em 1899, na guerra do Transwaal, Baden Powell (B. P.) teve um papel saliente, defendendo a pequena cidade de Mafeking. Como dispuzesse de poucos homens, organizou, com os meninos da cidade, um batalhão para ser incumbido dos serviços auxiliares: estafétas, policia, postos de vigilancia e sinais, hospitais, etc. Graças a isso pôde B. P. aumentar o número de combatentes, com os homens que estavam desviados em tais ocupações.

O pequeno batalhão prestou excelentes serviços, dando, os meninos coloniais, provas de grande capacidade e valor na defesa da sua cidade.

Mais tarde, voltando à Inglaterra, B. P. ficou tristemente surpreendido com o estado de espirito dos seus compatriotas de Londres. Fracos, indisciplinados, indolentes, fúteis, egoistas, eram um flagrante antagonismo aos coloniais que vinha de deixar.

B. P. previu claramente, naquela frouxidão moral, a ruina de todo o poderio de sua pátria. E sob aquela impressão, dolorosa para um espirito de patriota que déra todas as suas energias pelo país, B. P. começou a conceber o seu plano de reação.

Atribuindo aquela decadencia moral à vida artificial, de excessivo conforto que se tem nas grandes cidades, onde os automoveis, os telefones, vão dia a dia diminuindo os nossos esforços, B. P. achou que o melhor remédio a aplicar contra o mal, era levar os homens a terem uma vida oposta.

Aproveitando a experiencia dos seus longos anos de atividade colonial, revivendo o resultado do seu pequeno batalhão de Mafeking, auscultando as falhas do caráter do povo, B. P. concretisou, no seu programa simples e atraente, a grande escola do escoteirismo.

Em 1908 apareceram na Inglaterra os primeiros escoteiros, nos seus uniformes de "cow-boys", acampando sob a direção de B. P. Tinham como distintivo uma bandeira verde.

Daí êles foram crescendo, aumentando e, sem respeitar limites, o escoteirismo transbordou pelo mundo. Não há hoje ponto civilisado da terra em que não existam os escoteiros, todos com as mesmas leis, as mesmas regras de nobre viver.

Baden Powell morreu em 1941, e deixou seu nome imortalisado através da organisação escoteira de todo o mundo.

OS 10 MANDAMENTOS DO ESCOTEIRO

1.° — O escoteiro tem uma só palavra; sua honra vale mais que a própria vida.

2.° — O escoteiro é leal.

3.° — O escoteiro está sempre alerta para ajudar o próximo e praticar diariamente uma bôa ação.

4.° — O escoteiro é amigo de todos e irmão dos demais escoteiros.

5.°.—.O escoteiro é cortês.

6.° — O escoteiro é bom para os animais e as plantas.

7.° — O escoteiro é obediente e disciplinado.

8.° — O escoteiro é alegre e sorri nas dificuldades.

9.° — O escoteiro é econômico e respeita o bem alheio.

10.° — O escoteiro é limpo de corpo e alma.

COMO SE ORIGINARAM CERTOS JOGOS?

EIS uma pergunta interessante. Como foi que se inventaram ou tiveram origem certos jogos desportivos, como o base-ball, o salto com vara, e outros?

Estamos a apostar como vocês, meninos, quando se distráem com os jogos, no pátio dos seus colégios, ou nas praias, ou nos campos, nunca tiveram a curiosidade de procurar a resposta para essa pergunta — se é que ela alguma vez lhes surgiu, pedindo solução.

Vamos, então, camaradamente, ver se achamos uma resposta para ela? O "Almanaque d'O Tico-Tico" tem todo o interesse em ensinar a vocês coisas interessantes, que, embora pareçam sem nenhuma utilidade pratica, servem para ilustrar o espirito de vocês. Aprendendo, nada se perde, ao passo que ficando sem saber, póde-se atravessar situações de vexame e de inferioridade...

O BASE-BALL E' OBRA DE UM HEROI

CERTA manhã, na primavéra de 1893, em frente ao cemiterio de Coperstown, em Nova York, crescido numero de pessôas se reuniu para prestar comovida homenagem a Abner Dounbleday, que morrêra. Era êle um militar e chegára a ser general na guerra civil americana, tornando-se notavel por ter comandado com denodo e heroismo a defesa do forte Sumpter.

Em 1893 Dounbleday, aluno da escola militar de West Point, andava à procura de um esporte que fosse capaz de divertir a mocidade amante da vida ao ar livre, agradando a todos e sendo, ao mesmo tempo, util para o desenvolvimento fisico. E foi quem *inventou* o base-ball.

E' muito dificil poder-se atribuir a uma só pessôa a paternidade absoluta de qualquer jogo ou espórte. Quase todos teem raises em épocas remotas. As do base-ball chegam até à idade da pedra. Mas os jogos teem seus admiradores, seus "salvadores", seus introdutôres, vamos dizer. São aquêles que lhes deram fórma, regulamentação, popularidade, prestigio, e que promoveram a sua aceitação pelo publico em geral. Foi isso o que fez Dounbleday, transformando um jogo arbitrario, sem regras fixas, em um verdadeiro desporto, isto é, em uma diversão sadia, que serve para disciplinar o jogador e lhe oferece ocasião de movimentar-se, de respirar fundo, de dar atividade aos seus músculos. Por isso é considerado como o "pai" do base-ball moderno, que é chamado "moderno" dentro da relatividade das coisas, pois tem já cem anos feitos, durante os quais serviu para enriquecer e para divertir muitos homens.

Um dos homens de maior responsabilidade na historia da America, que foi Abrahão Lincoln, era afeiçôado do base-ball e até se conta que quando foi avisado de que tinha sido escolhido pelos seus compatriotas para ser candidato à presidencia da Republica, estava jogando uma partida desse espórte.

O base-ball, por ser um espórte um tanto violento, é jogado com precauções que vão desde a máscara de arame — parecida com a que serve para os torneios de esgrima — até o uso de almofadas acolchoadas que se colocam sobre o peito e outras partes mais delicadas do corpo, afim de garantir a sua defesa.

Os tempos prehistóricos obrigaram o homem a viver entre sustos e perigos. Nossos primeiros semelhantes deviam sair com uma pedra ou um pau, para caçar animais selvagens, alguns bem maiores do que êles proprios, animais que abatiam com o duplo fim de se procurar alimento e de obter péles com que se vestiam e se aqueciam. Com as carnes dessas caças, completavam seus "menus" de frutas e raises.

A necessidade estimulava dia a dia o engenho do homem primitivo, dando-lhe idéias e fazendo-lhe sugestões. E foram nascendo novas armas que lhe davam vantagem sobre os animais, que não podiam fazer o mesmo.

Infelizmente essas armas êles as utilisavam tambem uns contra os outros, e não eram mais nem menos ferozes os seus combates, travados entre tribus e entre clans.

O que caracterisava as armas de então, é que elas dependiam principalmente do esforço muscular de quem as manejava. Eram armas primitivas, pesadas, de grande poder ofensivo, mas de manobra árdua e

difícil. Nos tempos de paz, em dias mais proximos, muitas dessas armas eram empregadas, ou utilisadas, como elementos de demonstração de força e dextreza, e assim nasceram, nos estádios, muitos espórtes e jogos. Na falta de emoções guerreiras, os homens se satisfaziam com as emoções das competições atléticas. E das diversas modalidades de ataque e defesa, de combate corpo a corpo ou de luta em conjunto, foram nascendo espórtes que com o correr do tempo se foram aperfeiçôando.

OS CAÇADORES DE JAVALIS

Uma das féras mais procuradas pelos caçadores primitivos era o javali. Mas esse era um adversario perigoso, que metia médo por causa de sua agilidade, do seu furor no ataque e das presas, ou colmilhos que possue. Os homens primitivos vieram a sentir, por experiência própria, que a pedra pontiagúda que usavam para combater outros inimigos não era apropriada para este. Então o homem preparou com ébano uma especie de lança, deu-lhe polimento, fez-lhe uma aguçada ponta e começou a treinar no novo modo de caçar os javalis. Estava, assim, *inventada* a "jabalina" ou *dardo*, que vocês vêm hoje atirado com tanta mestria nos campeonatos.

A eficácia da arma devia, forçosamente, ter outro resultado e dar-lhe outro destino. Quando teve de combater com outras tribus, os homens que estavam treinados com as "jabalinas" foram mandados usa-las contra o inimigo. Depois, foi abandonada como arma de guerra e adotada como elemento para a pesca: não tem outra origem o arpão primitivo, usado pelos baleeiros.

E um dia, quando em 1896 se iniciaram os Jogos Olím-

picos em Atenas, ao espirito inventivo dos seus organisadores ocorreu aproveitar o "dardo" como esporte, nascendo então o lançamento do dardo. Com a experiencia e a pratica, foi ele sofrendo modificações e hoje já não é de ébano, e tem determinada dimensão, determinado peso...

O SALTO COM VARA

Houve tempo em que a caça do elefante era a coisa mais sensacional e mais em moda. O elefante era, então agressivo, pois vivia em estado completamente selvagem. Os meios para captura-lo, vivo ou morto, eram os mais variados e o caçador devia estar preparado para arriscar a vida a todo o instante. Utilisava-se o sistema do "fôjo", abertura coberta com ramos e palhas. E o homem ia provocar o paquidérme, corria á sua frente e, quando chegava junto do "fôjo", dava um salto formidavel, por cima deste, deixando que o elefante, que, como era natural, não sabia nem podia pular, caisse dentro dele.

Para dar, com eficiencia; esse salto, foi que ele inventou apoiar-se no chão, *do lado de cá* do fôjo, e, elevando o corpo no ar, auxiliado pelo impulso da carreira, e pela força muscular, conseguia saltar no espaço da armadilha, sem correr o perigo de cair, antes do elefante, dentro dêle. Foi como nasceu o salto com vara, que vocês estão acostumados a aplaudir e mesmo a praticar, nas festas desportivas.

Antes de ser esporte, a "garrocha", ou vara, foi empregada, tal como o dardo, nas pelejas guerreiras. Na famosa batalha de Ballem, em 1808, o regimento de "garrochistas" foi que decidiu a parada, aniquilando couraceiros e dragões. Os "garrochistas" vinham correndo e, com um formidavel impulso, caiam sobre os inimigos, como se tivessem sido lançados de uma catapulta.

Quando recomeçaram os jogos olimpicos, em Atenas, tambem a vara foi chamada a desempenhar o seu papel.

E O DISCO?

Vocês naturalmente perguntarão qual a origem do lançamento do disco. Não nasceu, esse esporte, de qualquer coisa parecida com as anteriores, mas foi tambem a guerra, a necessidade de atirar á maior distancia objétos com o fito de causar mal aos adversarios, que originaram o lançamento do disco. Hoje o disco é de madeira pesada, circundado por metal e nos tempos primitivos era mesmo de pedra ou de metal, todo êle.

E ai teem vocês, leitorezinhos do Almanaque d'O Tico-Tico, a origem desses esportes, tão conhecidos por nós todos e que tantas emoções nos causam e beneficios prestam ao adestramento da juventude.

HENRI DUNANT

O IDEALISADOR DA "CRUZ VERMELHA"

Há perto de sessenta anos, em 21 de julho de 1859, feriu-se na Italia a sangrenta batalha de Solferino, em que as baixas no exército vencedor, franco-italiano, atingiram o número aproximado de 18.000 homens, mortos e feridos, devendo ter sido muito superiores os prejuizos no exército austriaco, que foi derrotado nessa memoravel ação.

Nesse dia, ou antes no dia seguinte, porque a batalha prolongou-se até a noite, um homem verdadeiramente dedicado ao bem da humanidade, percorria, com o coração confrangido de dôr, o campo de batalha, e contemplava horrorisado o pungente espetaculo que se desenrolava perante seus olhos.

Por entre centenas de cadaveres e de membros mutilados e dispersos que juncavam o chão ensanguentado, centenas de feridos agonisavam, aos montões, em abandono, soltando gemidos lancinantes.

Os socorros eram deficientes e tardios, e muitos desgraçados morriam antes de lhes ser ministrado qualquer tratamento.

Esse homem era Henrique Dunant, cidadão suisso.

Convicto da lamentavel deficiencia dos serviços sanitários a de assistencia aos feridos em campanha, tais como então se exerciam, resolveu Dunant fazer a tal respeito um apelo ao mundo civilizado. Na memória, que em seguida escreveu *Recordações de Solferino*, advogava eloquentemente a necessidade d'uma combinação entre as nações no sentido de assegurar os cuidados necessarios a todos os infelizes que, vitimas do dever, caiam prostados nos campos das batalhas.

Este primeiro brado passou completamente despercebido. Ninguem lhe ligou a minima atenção. Mas Dunant não era homem para desanimar. Prosseguiu, cheio de ardor e de fé, na sua nobre cruzada, pondo ao serviço dela toda a sua inteligencia, toda a sua atividade, e toda a sua fortuna.

Graças aos esforços perseverantes desse grandioso apóstolo do bem, as suas idéias foram abrindo caminho, e foi positivamente a sua ardente propaganda que deu em resultado a conferencia de Genebra de 1863, em que se estabeleceu o santo principio da inviolabilidade dos feridos, e a da neutralidade em favor das ambulancias e de todo o pessoal sanitario anexo aos exércitos em campanha.

Trinta e seis potencias, espalhadas por toda a superficie do globo, aderiram á celebre convenção que é atualmente aceita por quase todos os estados.

Uma nova conferencia reunida em 1868, ocupou-se dos meios de regular a organisação internacional dos socorros a feridos.

Daí a fundação das sociedades da *Cruz Vermelha*, admiravel instituição hoje estabelecida por toda a parte, e que tão relevantes serviços tem já prestado nas ultimas guerras.

O principal autor desta obra humanitaria, o benemerito Henrique Dunant, viveu durante muito tempo esquecido e quasi ignorado. Tendo sacrificado todos os seus haveres ao triunfo da sua idéia redentora, tão precárias eram ainda ha poucos anos as suas circunstancias, que por diferentes partes se promoveram subscrições para arranca-lo á miseria.

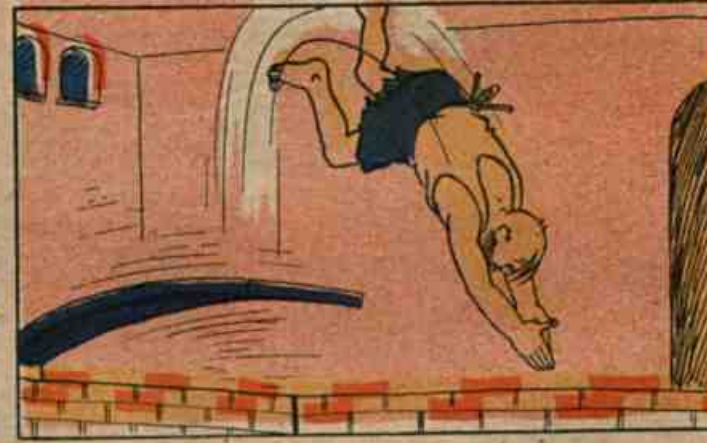
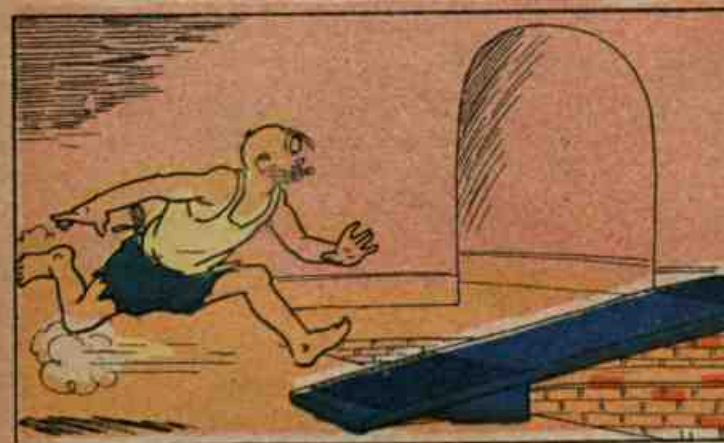
Finalmente em sessão de 10 de Dezembro de 1901 a Comissão Nobel, da Noruega, outorgou ao venerando ancião e a Frederico Passy, o principal fundador da Liga Internacional e Permanente de Paz, o *Premio da paz* legado pelo filantropo sueco Alfredo Nobel, cabendo a cada um a soma aproximada de cento e quatro mil francos, metade da importancia que constitue o referido premio.

Foi uma homenagem justissima, e uma recompensa merecida, posto que tardia, ao glorioso iniciador do grande movimento humanitario em favor dos feridos em campanha.

PRINCIPAIS PRODUÇÕES
DO CONTINENTE AMERICANO
MADEIRA
TRIGO
MILHO
TABACO
ALGODÃO
FERRO
TABACO
CAFÉ
PERAS E MAÇÃS
CANAS DE AÇUCAR
ALGODÃO
CÔCO
PETROLEO
PEDRAS PRECIOSAS
OURO-FERRO
CACÁO
CAFÉ
BANANAS-LARANJAS
CACÁO
BORRACHA
TRIGO
MATE
CAFÉ

O MENDIGO
Vivia em um povoado, cujo nome não interessa, um pobre lavrador, com sua mulher. À fôrça de trabalhos tinham conseguido reunir umas economias, privando-se até de coisas necessarias. Um dia se apresentou ante êles um mendigo, e lhes disse: — Amparai-me, pelo amôr de Deus! Há vários dias não sei o que é comer, e vivo ao relento...
Pedro, o lavrador, ia dar-lhe um pedaço de pão, e despedi-lo, mas Anna, a esposa, interveio, penalizada: Sejamos caridosos. Vamos dar agasalho ao infeliz. Sabes bem que Jesus às vezes se disfarça em mendigo para experimentar as pessôas, e vêr se são bôas para com o próximo...
Convencido, Pedro fez o velho entrar e lhe deu de comer à mesa, e lhe preparou um leito. Para isso, teve que tirar o colchão de sua própria cama, e lhe deu o único cobertor que possuia. Contudo, não deixou de pensar, durante a má noite que teve, que a caridade é uma coisa...
...muito bonita, mas custa um bocado. Os dias se passavam e o mendigo não dava sinal de que tencionava ir embora. Comia e bebia por quatro e roncava à noite, que era um horror! A despensa de Pedro estava já vasia, e o casal teve que gastar as economias tão custosamente juntas, para atender às necessidades da hospedagem. — Paciência — dizia Anna — Êle é um pobre de Deus!
Mas Pedro pensava que, se aquela situação se prolongasse, êle é que teria que pedir esmolas e, sem nada dizer à mulher, decidiu acabar com aquilo. Foi ao encontro do mendigo, para lhe dar ordem de partida êsse mesmo dia, e encontrou-o a dormir à sésta.
Depois de despertá-lo, disse: Irmão, sinto muito, mas a verdade é que, apezar da alegria que nos causa socorrê-lo, isso nos tem custado despezas grandes, e não podemos suportá-las mais. Has de encontrar outros que te acolham, adiante, sem dúvida. Peço-te que te vás embora.

Não é que nos aborreças ou que estejamos arrependidos do que te demos. Não! E' que, infelizmente, estamos esgotados. Já não nos resta nem mais uma simples migalha na despensa e as nossas economias se foram todas embora! Tens bom apetite e comes com disposição...
Porque não disseste isso antes, irmão? — respondeu o mendigo. — Amanhã mesmo, ao amanhecer, deixarei tua casa, com pena e com saudade, acredita-me! Peço-te que me chames, ao despontar do dia.
Mal começou a clarear, e Pedro já estava à porta do comodo habitado pelo mendigo. O homem dormia a bom dormir e nem deu pela sua entrada. Pedro esteve por algum tempo a olhar para êle pensando: Não há outro remedio. Deus o sabe, e me perdoará. Gastei com êle tudo o que tinha e quem sabe se poderei juntar outra vez?
Acercou-se da cama e tocou suavemente no ômbro do mendigo, que continuou a dormir, calmamente. Sacudiu-o, então, com mais fôrça, e êle abriu os olhos, assustado: — Heim? Que foi? Que aconteceu? sem se lembrar do que tinham combinado.
Irmão — disse Pedro — recorda o que combinamos hontem. Tens que partir! — Partir? Ah! sim! Não tens mais nem uma só migalha na despensa... E' verdade... Mas, dize-me: amanheceu, já? — Claro, disse Pedro. O meu galo acaba de anunciar o raiar do dia.
Como? — perguntou o velho. Teu galo? Pois ainda tens um galo?! Quer dizer, então, que não estás tão pobre como disseste! Ainda posso ficar aqui uns dois dias, pelo menos... E, sem esperar resposta, o mendigo se deitou novamente e recomeçou o sôno interrompido, deixando Pedro arrependido de falar o que não devia.

Malempeor foi tomar banho

Há muito que a Familia Zé Macaco sonhava com um brazão! Varias tentativas haviam sido feitas para...

...idéia-lo, mas nunca chegára a concretisa-lo. Foi quando a presença do Dr. Baratinha, resolveu o caso.

Como o filho tinha estudado e m muitas academias seria facil ao herdeiro crear o símbolo da...

...notavel familia, que há três decênios vem assombrando o mundo... infantil o rapaz depois de...

...muito matutar e consultar todos os brazões da idade média chegou a uma conclusão notavel: Creou de fáto o Brazão da Familia Zé Macaco: "Num campo verde um cajú e duas bananas se destacam em ouro, as bananas simbolisam o desprendimento pelas cousas da vida " o cajú: o fim! E' escusado dizer que o Brazão foi inaugurado com grande solenidade.

Os dôze mêses

Adaptação de Galvão de Queiroz

EM um pequeno povoado da montanha, viviam, há muitos anos, uma viúva chamada Maria, sua filha Joana e uma enteada, chamada Carmen.

A madrasta de Carmen e a filha eram duas criaturas de sentimentos máus, enquanto que ela se distinguia pelo seu bom e terno coração.

Os bens que a viúva possuía, tinham sido todos deixados pelo pai de Carmen, ao morrer, e consistiam em uns campos lavrados de pouca extensão, de cujo cultivo viviam as três, aliás mui pobremente. Todo o trabalho da casa, entretanto, pesava sôbre as costas da infeliz Carmen, pois a irmã era muito preguiçosa e deixava que a outra tudo fizesse, em casa, desde a simples arrumação até ao tratamento dos animais. Nem Maria nem Joana tinha compaixão da órfan. Ao contrario, cada dia a madrasta demonstrava mais ódio pela enteada e a filha seguia de perto, se não ultrapassava, o máu sentimento da mãe.

A existência da desditosa Carmen era, assim, árdua e cheia de sofrimentos.

Óra, um belo dia — belo, só modo de dizer, pois era no rigôr do inverno e caía neve que não era brincadeira — a feia Joana teve um capricho: queria violêtas! Chamou, então, a pobrezinha da Carmen, e lhe deu, nem mais nem menos do que esta ordem obsurda:

— Vai imediatamente ao bosque e de lá me trarás um ramalhete de violêtas! Quero violêtas bonitas, para colocar no meu peito e aspirar seu perfume.

— Santo Deus, Joana! Ficaste louca?! Violêtas no inverno, com os campos inteiramente cobertos de neve?! Pensas mesmo que, com êste tempo, eu encontrarei violêtas para te trazer?

— Cala-te e obedece-me! gritou a outra, irritada. E se não o fizéres verás como te arrependerás! Já me conheces!!

— Mas, minha irmã, com certeza estás brincando... Como queres que encontre violêtas com um tempo dêstes?

Naquêle momento apareceu Maria que, indagando do que falavam, tomou logo o partido da filha, reforçando a sua ordem absurda. E embora Carmen protestasse, agarrou-a pelo braço violentamente e, empurrando-a para a porta, nem lhe deu tempo para procurar um agasalho mais grôsso, lançando-a para a rua:

— Pobre de ti, se voltares sem as violêtas! — exclamou.

Carmen permaneceu durante algum tempo diante da porta, estarrecida. Não sabia mesmo o que pensar. Muitas tinham sido, até então, as ordens injustas que lhe haviam dado, mas haviam sido ordens mais ou menos possiveis de executar. Aquela, porém, ultrapassava a todas. Era incrivel!

Por fim, decidiu obedecer, pois era a isso que estava acostumada, antes de mais nada. Pôe-se a andar, encomendando-se a Deus.

Sob o fino chale que levava, a coitadinha tiritava. Andava depressa, quase corria, para aquecer-se. A neve caía e se acumulava no sólo.

Andou cêrca de meia hora. O frio aumentava sempre e ela quase perdia as forças. Mas prosseguia sempre.

Depois de tanto andar, alcançou uma clareira, onde se achava uma fogueira. Aproximando-se mais, viu que em tôrno desta se acumulavam, aquecendo-se, alguns personagens estranhos, cujo aspecto lhe causou assombro, a ponto de esquecer o frio que estava sentindo. Eram dôze os que se aqueciam. E todos eram homens de pequenina estatura: eram anões!

As capas que traziam não eram iguais. Três eram brancas como a neve, três eram verdes como a hérva dos prados, três doiradas como as espigas

maduras e as três restantes eram rôxas como as amóras silvestres.

Estavam todos em silêncio absoluto, com os capúzes enfiados até os ôlhos. Um dêles empunhava um báculo, ou cajado de ponta recurva, como usam os Bispos da Igreja.

Como não mostrassem ter notado a sua chegada, a menina avançou mais um pouco e examinou de perto os estranhos homenzinhos.

— Não há dúvida de que são os dôze mêses do ano — pensou para si. Nada de máu me poderão fazer...

E, dirigindo-se ao que empunhava o báculo, falou, com bons modos:

— Peço-vos, senhor, o favor de me dardes licença para me aproximar do vosso fôgo. Estou com tanto frio!!

O mês de Julho, — pois era êle — se afastou um pouco para deixar passar a menina e lhe perguntou:

— Que vens fazer aqui, minha filha? Porque estás tão longe de tua casa, com um tempo cruél como êste?

— Oh! senhor! — respondeu Carmen. A minha madrasta me obrigou a sair!

— Porque? — perguntou Julho.

— Para buscar violêtas — respondeu ela.

— Mas não sabes que com êste tempo não há violêtas? Estamos no inverno...

— Sei sim. Isso mesmo lhe disse, porém, nem ela nem a filha quiz ouvir. E me obrigaram a saír sem dar tempo siquer de apanhar um abrigo!

— Pobrezinha! — exclamou Julho, compadecido. E que pensas fazer?

— Ainda não sei — disse ela, mais animada por causa do calôr do fôgo. A verdade é que não me atrevo a voltar, pois sei o que me espera...

Ao ouvir estas palavras, Julho se dirigiu a Setembro, um dos anões que tinha capa verde, e lhe entregou o báculo, dizendo:

— Irmão Setembro, o caso é com você...

Setembro se levantou, tomou o báculo e com êle revolveu as brazas, das quais se ergueu uma chama viva e alegre. A neve, em torno, se derreteu depressa e imediatamente começaram a brotar do sólo pequenos pés de violêtas, que repentinamente cresceram e deram lindas flôres perfumosas.

— Pronto, minha filha, disse Setembro, sorrindo. Toma quantas violêtas desejares e volta com Deus para a tua casa.

Carmen se apressou a formar um lindo ramo de violêtas, agradeceu carinhosamente a Setembro e a seus irmãos o benefício que lhe haviam feito e, reanimada e contente, tomou o caminho de casa. A volta foi muito mais rapida, como é facil de imaginar. Chegou em poucos minutos à porta de casa, que estava bem fechada. Bateu e um postigo foi aberto. A madrasta espiou e, vendo que ela trazia as flôres, exclamou, abrindo a porta:

— Como?! Onde arranjaste essas violêtas? Joana vem vêr o que Carmen trouxe, minha filha!

Mãe e filha olhavam estarrecidas as flôres fresquinhas e cheirosas.

— Onde arranjaste isso? Onde as colhestes?

— Na montanha — respondeu Carmen. Achei enorme quantidade.

Joana pôs o ramo ao peito e nem siquer se deu ao trabalho de agradecer à irmã.

— Se fez isto, bem poderá fazer outras coisas — pensou.

Com esta pérfida idéia, no dia seguinte chamou Carmen e lhe disse:

— Sai, o quanto antes, e vai buscar morangos, para mim.

— Como? Enlouquecêste? Morangos, agora? Não é tempo, Joana!

— Nada disso. Deixa-te de conversa e vai buscar morangos!

— Pelo amôr de Deus — gemeu a pobre Carmen. Como queres que eu arranje morangos, com tanta neve?!

Ouvindo a discussão, apareceu Maria que, sem ouvir os rógos de Carmen, como da outra vez levou-a e a empurrou para fóra, gritando, ao fechar a porta:

— Ou trazes morangos, ou não me voltes aqui!

Maria queria que Carmen morrêsse de frio, na floresta, para que os bens deixados pelo marido morto passassem a ser de Joana.

Carmen, soluçando, se pôs a andar para o mesmo ponto do dia anterior, tomada de esperança de que encontraria os dôze mêses de novo. E assim aconteceu.

Tal como na véspera, mas mais confiante, a menina lhes disse:

— Peço, queridos senhores, que me permitam aquecer-me ao fôgo.

— Outra vez aqui? — perguntou Julho. Que queres, agora?

— Não vê que — respondeu ela — minha irmã de criação desejou comer morangos... E eu tive que vir buscar Se não os encontrar, estou proibida de voltar à casa.

— Sabes muito bem que esta não é a estação dos morangos — disse o anão.

— Sim, bem sei. Mas que vou fazer? Sem morangos não voltarei... E como o senhor foi tão bondoso ontem, tomei coragem e vim pedir-lhe que me diga onde poderei encontrar as frutas desejadas por Joana...

— Chegou a tua vez, irmão Novembro — disse o mês de Julho, passando o báculo a outro dos irmãos de capa verde.

Novembro recebeu da mão do companheiro o cajado recurvo, revolveu com êle as brazas e eis que no chão brótaram labarêdas, e logo a neve se derreteu e nasceram de repente pés de morangos, e floriram, e deram frutos maravilhosos!

— Toma os morangos, quanto antes, minha filha — disse êle.

Carmen, radiante, apanhou no avental a maior quantidade que poude, agradeceu sorridente aos bons amigos que tanto a ajudavam, e deitou a correr em direção à casa, satisfeita da vida.

Não foi menor o assombro de Maria e de Joana, ao vêr os morangos, do que o do dia anterior, vendo as violêtas.

— Onde os encontraste?! perguntaram elas, maravilhadas.

— Lá, na montanha — respondeu Carmen, simplesmente.

Mãe e filha nada mais quizeram saber a respeito dos morangos. Foram devorar vorazmente, glutonamente todas as frutas, e nem uma só deram a

Carmen para remédio! E nem muito obrigado!

Joana não se conformou, entretanto, com o acontecido. E na manhã seguinte deu-lhe desejo de comer maçãs...

Deu-lhe a vontade e ela nem quiz saber de coisa alguma: logo botou portas a fóra a irmã de criação, com ordem expressa, dela e de Maria, de não regressar a casa sem trazer as frutas

Desta vez, Carmen já não saiu tão desanimada. Contava já com a bôa acolhida dos dôze mêses, seus camaradas, e logo se encaminhou para o mesmo lugar, na montanha.

De novo se dirigiu a Julho, pedindo licença para se aquecer ao fôgo. Estava gelada de frio.

— Outra vez aqui, minha filha? — perguntou o velho. E agora, que é que deseja a sua irmã de criação?

— Ah! o que ela quer, agora, são maçãs, imagine o senhor! Maçãs, no inverno! E se eu não as levar... não poderei entrar em casa!

— Irmão Março, — disse Julho — agora é contigo. E lhe deu o báculo, para que êle remexêsse as brazas. Março se ergueu, revolveu o fôgo e as chamas vermelhas viveram. A capa côr de amóras que Março vestia tinha reflexos tristes. E eis que do sólo brotaram pés de maçãs com folhas doiradas, algumas das quais caíram ao chão, dando ao local um aspecto outonal.

Dentro de pouco havia maçãs maduras e Março disse a Carmen:

— Sacóde uma das árvores e leva as maçãs que caírem.

A menina obedeceu. E duas maçãs se desprenderam e vieram ao chão, maçãs que ela apanhou e levou, em seu avental, depois de ter agradecido com palavras cheias de sinceridade o bondoso auxilio que os mêses lhe haviam dado.

— Maçãs frescas e saborosas em pleno Julho! gritou Maria, quando viu que a enteada trazia no avental, efetivamente, maçãs. Onde as encontras-te?

— Naturalmente, no mesmo lugar de sempre — disse, despeitada, Joana. Acho que há lá alguma quitanda, com geladeira... E porque não trouxeste mais do que duas maçãs, bôbalhona, tonta? Comêste as outras, no caminho, com certeza! Vamos, fala a verdade!

— Eu? Que injustiça! Só pude dar duas sacudidélas na macieira, e por isso apenas duas maçãs caíram.

— És uma bobóca! Isso é o que tu és! disse Joana, feroz. E deu uma tremenda pancada na face de Carmen, que fugiu, soluçando.

Depois, mãe e filha foram comer, tranquilamente, as maçãs. Acharam-nas tão bôas, tão saborosas, que ficaram com vontade de outras.

— Ela é uma idiota — disse Joana. Se a mandarmos de novo, é capaz de não trazer coisa nenhuma, por vingança. O melhor será que eu vá. Ela me dirá onde se acham essas maravilhosas frutas e eu irei agora mesmo para trazer uma porção. Vale a pena aguentar o frio, pois as maçãs são deliciosas!

— Saíres com este frio, filhinha? E' arriscado...

— Tolice! Quero ir e irei!

Foi em busca de uma capa de péles, voltou bem agasalhada, chamou Carmen e começou a fazer perguntas:

— Anda, palerma. Dize-me como é que se vai até êsses pés de maçãs!

— Não sáias, minha irmã — disse Carmen. O frio é medonho. Não resistes...

— Ah! Ah! Não queres que eu aprenda o caminho da tua "quitanda", não é isso? Vamos! Não pedi con-

selhos. Quero saber onde fica a macieira e nada mais.

Carmen, que conhecia de sobejo o genio da irmã, não insistiu. Deu-lhe indicações as mais precisas sôbre o caminho. Explicou como encontrára os dôze mêses se aquecendo ao fôgo. Como falára a um deles. E o resto, que já sabemos como aconteceu.

Joana então partiu, arrogante e convencida, pelo caminho coberto de neve, rumo da montanha. Tiritava de frio. E depois de muito andar, vislumbrou de longe a fogueira dos dôze mêses, e para lá se encaminhou.

Morta de frio e de fadiga, sem pedir licença a ninguem, foi-se aproximando do fôgo. E para o alcançar meteu o cotovelo num dos anõezinhos que se aqueciam.

— Quem és tu? Que queres aqui? perguntou Julho, aborrecido.

— Que te importa isso? — foi a resposta malcriada que ela deu. E' da tua conta, o que eu quero?

Os dôzes mêses olharam para ela com desagrado. E depois que Joana se aqueceu bastante, levantou-se novamente e se encaminhou para o bosque, na esperança de encontrar as macieiras. Julho olhou para ela com expressão de colera e, revolvendo a neve com a ponta do báculo, provocou nesse instante uma nevada violenta e cerrada. Soprou o vento, com fúria, fazendo redemoinho dos flócos imaculados.

Joana não podia vêr nem siquer o caminho que devia seguir. Quiz voltar atraz, mas não acertou com a direção. Cada vez mais se internava no bosque. E acabou por cair ao sólo, sem forças para se levantar. O frio que sentia lhe deu um sono invencivel e fatal...

Enquanto isso, e à vista da demora da filha temeraria, Maria se resolveu a partir tambem para a montanha, a buscala. Bem abrigada, saiu de casa e se internou no bosque. E veio tambem a fadiga, e ela acabou por não poder seguir adiante, resvalou na neve e caiu sem mais forças para erguer-se. Adormeceu tambem.

Carmen, alarmadissima, saiu então em busca das extraviadas. A neve a empurrava mas, impulsionada pelos seus bons sentimentos, a menina conseguia achar fôrças para prosseguir na caminhada. O vento, agora, já não estava tão violento e tão forte. Morta de fadiga, ela chegou ao lado da fogueira, e pediu aos dôze mêses licença para se aquecer.

— Que buscas, agora, minha filha? — perguntou Julho.

— Procuro minha irmã de criação e minha madrasta. Sairam para cá e não regressaram... — respondeu Carmen.

— Dormem, sob a neve — sentenciou o sétimo mês do ano.

— Oh! Suplico que a salve! — pediu enternecida a menina.

— Elas te farão sofrer de novo... — advertiu Julho.

— Pouco importa. Mas não queria que morressem. Peço que me ajude a salva-las!

— Es bôa, devéras — disse o anão. E, dirigindo-se a Dezembro: — Agora é a tua vez!

Dezembro tomou o báculo, revolveu as brazas e logo se espalhou o calôr pela terra. A neve desapareceu e foram vistas no chão, desacordadas, mãe e filha.

Por coincidência estavam bem perto dali, e próximas uma da outra.

Despertadas, vieram reunir-se junto da fogueira. E Julho então falou:

— Se não fôsse a bondade de coração desta menina, vocês duas estavam, a esta hora, condenadas à morte. Peçam-lhe perdão por tudo o que ela tem sofrido e jurem que nunca mais hão de maltrata-la!

As duas culpadas se lançaram aos pés de Carmen. Parecia que, com a neve, se tinha derretido dentro de seus corações as pedras negras da maldade. Confessaram suas culpas, declararam estarem arrependidas. E prometeram entregar a casa para Carmen dirigir, como era justo, visto que ela era a dona de tudo. As duas partiriam para longe, para nunca mais voltar.

Em vão lhes pediu Carmen que compartilhassem do que era dela. Mãe e filha desceram a montanha pelo lado opôsto e nunca mais se tornou a saber o que foi feito delas.

Ficando única dona de suas propriedades, não demorou Carmen a encontrar um belo rapaz com quem se casou. Os dôze mêses não abandonaram sua protegida, depois disso, de modo que todas as colheitas do casal são abundantes. E eles prosperam magnificamente.

Dessa maneira, por ser bôa e pura de coração, a desgraçada Carmen passou a ser feliz.

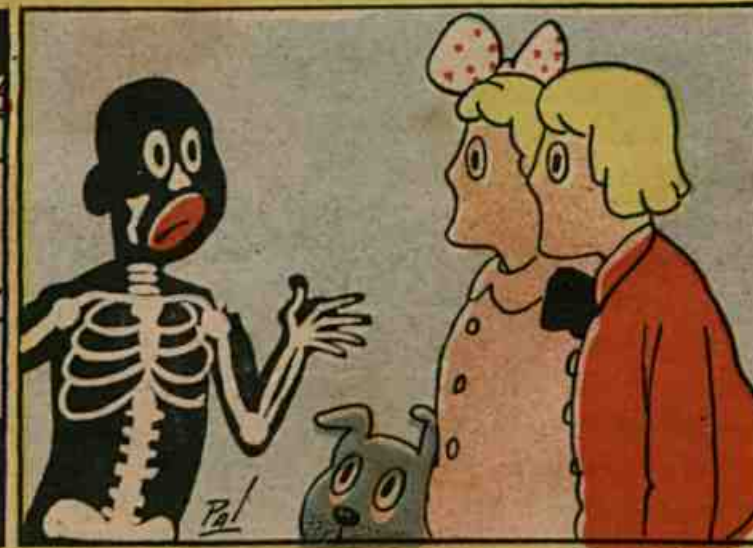
As aventuras de Chiquinho

A Lili dizia ao Chiquinho que não acreditava e nem tinha mêdo de assombrações, pois que essas cousas todas não passavam de puras tolices.

Chiquinho quiz então experimentar a coragem da prima e, chamando o Benjamin, combinou qualquer cousa com êle, recomendando-lhe o mais absoluto silêncio.

Entraram os dois para um quarto. Benjamin vestido com um calção de banho de mar da sua côr, e Chiquinho *com um pincel e uma lata de tinta esmalte branca. Lá...*

...dentro ficaram quáse uma hora. Depois, Chiquinho saíu à procura da sua prima e, encontrando-a pediu-lhe para que fosse *ao tal quarto, que era muito escuro, buscar os livros para...*

...estudarem as lições. Quando a Lili entrou, soltou um grito medonho! Na escuridão do quarto um esquelêto pulava e dansava uma dansa macábra. Não é preciso dizer que a Lili botou sêdo nas canélas.

Depois do susto foi que ela viu o logro! O esquelêto não era outro senão o Benjamin, em quem Chiqunho pintára sôbre o corpo os ôssos com a tinta branca, que na escuridão do quarto se destacava.

Desventuras de don Jaburú

ALMANAQUE D'O TICO-TICO

CURIOSIDADES DO MUNDO — por Bob Steward

O CINA é um pássaro indiano curiosissimo. Em liberdade é amarelado; preso numa gaiola torna-se verde ou vermelho.

MULHER COMO HA POUCAS—A senhora Mary Beyer, de Helpin (Inglaterra), tem 79 anos de idade, respeitaveis barbas e distrai suas horas de ócio fumando um enorme cachimbo.

Esta sandalia pertencia ao tesouro imperial de Viena, apresentando mais de 800 contos em pedras preciosas.

O PEIXE-FACA—das profundezas oceânicas, apezar de ter olhos enormes, é quasi cégo só enxergando o que lhe fica no nariz.

O GLANCOSO, molusco do alto mar quando vivo é transparente, tornando-se invisivel. Morto, torna-se negro.

Esta máscara horrenda é uma das representações do pecado n[illegible] ritos religiosos dos mosteiros de Kachmir.

Bob Steward '40

O CASTELO DOS TRAPALHÕES

O BARÃO DE RAPAPÉ, QUE ME VENDEU ESTE CASTELO DEVE SER, MUITO ERUDITO. ESTOU ENCONTRANDO LIVROS QUE NUNCA MAIS SE ACABAM.

KAXIMBOWN COMPROU O CASTELO DO BARÃO DE RAPAPÉ

NÃO CONSIGO PREGAR OLHO. ESTE CASTELO DEVE ESTAR MAL ASSOMBRADO

DE UM TEMPO P'RA CÁ ESTOU OUVINDO RUIDOS NO MEU CASTELO. TRATEM DE INVESTIGAR
DEVE SER A ALMA DE GENSERICO III PAI DO BARÃO
PANDARECO & PARACHOQUE

EU, O GRANDE DETEPITIVE PANDARECK HOLMES
VOU DESCOBRIR TUDO

AQUI ESTÁ A FICHA DO BARÃO DE RAPAPÉ. UM GRANDE TRAPALHÃO

SAI DAI, VULGAR VIRALATA, PLEBEU. NÃO ÉS DIGNO DE ENTRAR NO CASTELO DO MEU AMO
NÃO TE ENXERGAS, SEU PAPATRIPAS? SABES QUE SOU POLICIA?

UAI CREDO, UM FANTASMA
PATRÃO, O CASTELO ESTÁ CHEIO DE FANTASMAS - NÃO FICO MAIS AQUI

VOU ENTRAR PELO TELHADO. É MAIS COMODO
CUIDADO COM OS ESCORREGÕES

OH! QUE LINDA MACA ESTA TEIA DE ARANHA! VOU TIRAR UMA SONECA

UAI! UM FANTASMA!
UMA ARANHA CICLISTA..

(CONTINUA)

BOM DIA. SNR KAXIMBOWN - MANDOU-ME CHAMAR? QUE NOVIDADES HA?
SEU CASTELO, QUE UI COMPREI ESTÁ MAL ASSOMBRADO. OUVEM-SE RUIDOS

ENTÃO, SR BARÃO DE RAPAPÉ, O SR. SUPÕE QUE PODE SER O ESPIRITO DE SEU BISAVÔ QUE MORREU EM 1231?
SE FÔR ELE, COM CERTEZA HA-DE ME RECONHECER

HAUAIII-YÔ ... QUE SONÉCA! QUANTAS HORAS DORMI NESTE SOTÃO? QUE FOI MESMO QUE VIM FAZER AQUI? AH! INVESTIGAR FANTASMAS

UM SACO COM TRES FUROS! QUE SERÁ ISSO? É BOM PARA DISFARÇAR-ME COM ELE

NINGUEM SUSPEITARÁ QUE SOU O FAMOSO DETETIVE PANDARECK HOLMES

UPA! UMA ALMA DO OUTRO MUNDO! MAS NÃO SE PARECE COM MEU BISAVÔ
BRRRR
AÍ ESTÃO KAXIMBOWN E O BARÃO DE RAPAPÉ. QUE SUSTO LEVARAM!

QUE BARULHADA! SERÃO OS FANTASMAS? É PRECISO QUE EU VEJA O QUE HA

SE ISSO CONTINUAR ASSIM ACABO MORRENDO NA FLÔR DOS MEUS 75 ANOS DE MOCIDADE

LARGA, VULGAR VIRALATA IMUNDO. QUEM TE DEU LICENÇA DE SERVIR-TE DA TOALHA? TU NÃO COMES DE COLHER
CALA A BOCA! SOU FOCINHONARIO DA POLICIA

ONDE SE METEU O PANDARECO? DEIXOU-ME SOSINHO NO CASTELO

CHI! TRES DE UMA VEZ!
MISERICORDIA! TODAS AS ALMAS DOS MEUS ANTEPASSADOS!
HM! ATÉ PIPOCA VIROU FANTASMA!
UAIH!
GRRR
Mantok

A GINÁSTICA DESASTRADA

Malaquias tem a mania da ginástica exagerada. Ginástica com pêsos e brutalidade.

Mal pula da cama, começa o exagêro, esquecido de que a bôa ginástica é a suéca...

...feita com método, sem nada de levantar arrôbas de chumbo como nos circos.

Ei-lo aqui, a levantar e baixar os "halteres" de cinco quilos.

Agora, faz proêzas sôbre uma cadeira, com um enorme pêso nos dentes.

Outra proêsa! Sustenta o pêso nos pés e nem parece!!

No andar de baixo seu Zuza e Dona Cóta tomam café...

... e nem suspeitam do que vai acontecer agora mesmo!!

E vejam só que coisa horrivel! Malaquias exagerou tanto o pêso...

... que acabou vindo tomar café tambem!!

Julio Verne

ESCREVEU PARA OS MOÇOS LIVROS MARAVILHOSOS

FOI durante um passeio que realisava em companhia de amigos, amigos que eram de Alexandre Dumas Filho, o grande romancista, o Dr. Veron, o fotógrafo, o aeronauta Nadar e o cantor Nadaud, que Julio Verne planejou a realisação de suas obras magnificas, instrutivas e hoje conhecidas em todo o mundo como a mais adequada leitura para a juventude.

Começou publicando "Cinco semanas em um balão". Logo depois aparecia "Aventuras do Capitão Hatteras", e êstes dois livros popularisaram por tal fórma o autor, que seu editor enriqueceu, quase, só com as reedições dêles.

A obra de Julio Verne era tão completa, tão formidável, que na Italia houve quem afirmasse que êle não existia, mas sim que o editor Hetzel inventára aquêle nome fantástico, tendo um grupo de escritores trabalhando e por êle pagos, para escrever os livros que apareciam como sendo de autoria de uma única pessôa : Julio Verne.

Contudo, Julio Verne existiu. Não era, como algumas pessôas supunham, explorador, nem viajante. Para escrevêr seus maravilhosos livros, que ainda hoje jovens e velhos lêem com encanto, e aprendendo novas coisas sempre o escritor não saia de seu gabinete, mas apenas mergulhava no mundo dos livros, estudava, tomava notas, e acabava por oferecer sempre aos seus milhões de leitores uma nova obra - prima.

Julio Verne nasceu em Nantes, a 8 de Fevereiro de 1828, e estudava para ser advogado, em Paris, mas interrompeu êsses estudos antes do tempo e nunca se diplomou.

Nos seus primeiros trinta e sete anos de vida, nunca chegou mesmo a sair da França. Era casado e vivia uma vida simples, pacifica, sem agitações.

Quando alguem se admirava de que êle escrevesse livros cheios de aventuras, de paisagens, de atrativos inúmeros, mostrando conhecimentos profundos de raças, fauna, flora, costumes, geografia, ciência náutica, e tantas outras coisas, o bom provinciano sorria, levava êsse alguem ao seu gabinete e mostrava de que se cercára para realisar aquela obra monumental : livros, livros, muitos livros, planisférios, mápas murais, globos, retratos de viajantes e exploradores, animais dissecados . . .

Por causa disso, foi Julio Verne chamado de "Viajante Imóvel". E inúmeras reportagens, artigos, notas se publicaram em tôda a imprensa do mundo, no dia em que um grupo de jornalistas chegou até à casa do criador do admirável Phileas-Foog, para ouvi-lo, e de lá saiu com a noticia sensacional : o autor dos atraentes livros de viagens e de aventuras nunca tivéra aventuras e nunca fizéra viagens !

Os livros de Julio Verne são daquêles que nunca perdem o encanto, o interêsse e a oportunidade. São livros feitos com material valiosissimo, frutos do estudo, da imaginação posta a serviço da ciência. São livros para a mocidade.

Uma das coisas que notabilisaram Julio Verne, meus meninos, foi o fáto de seus trabalhos apresentarem quase que o caráter de verdadeiras profecias. Num tempo em que nem de longe se sonhava com a possibilidade de se construirem submarinos possantes, êle idealisou o "Nautilus", um submarino de proporçoes gigantescas, cujas aventuras são capazes de eletrisar o leitor. Antecipou-se, isto é, fez referências, com incrivel segurança, em todos os seus livros — que são muitos — à rádio-telefonia, à tele-fotografia, à guerra quimica e bacteriológica e até ao aproveitamento da fôrça solar, como energia motriz — num tempo em que estas coisas podiam ser consideradas impossiveis, nada mais que isso.

No dia em que completou 77 anos, isto é, em 8 de Fevereiro de 1905, Julio Verne teve uma das suas maiores alegrias : recebeu uma carta afetuosa da filha do Presidente dos Estados Unidos, Teodoro Roosevelt, carta que terminava com êste trêcho : "Meu pai manda dizer ao senhor que êle também tem lido com grande prazer todos os seus livros".

Esta devia ser uma das últimas alegrias que o romancista da mocidade devia ter. Em Março êle morria, e deixava no mundo incalculável multidão de meninos, rapazes, moças, homens, e mesmo velhos, que se deliciavam com os seus livros.

Desde então, nenhum outro narrador de viagens e aventuras se igualou àquêle, que a Academia de Letras da França não quiz aceitar entre os seus 40 membros porque "não era um homem que escrevesse com belo estilo". Entretanto, seu estilo era o mais belo entre todos, porque era o estilo simples, o que mais agradava aos seus leitores, tanto que a sua morte foi lamentada, foi chorada em todos os recantos da terra até onde os seus livros haviam chegado.

A ARTE DE PESCAR LAGOSTAS

RESPOSTA ADEQUADA

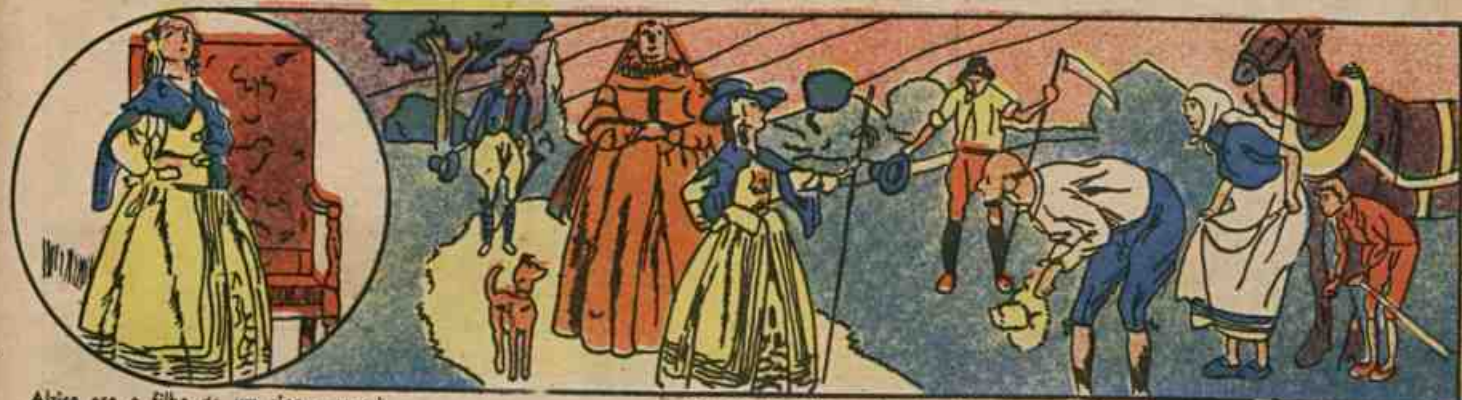
Tertuliano, frívolo peralta,
Que foi um paspalhão dêsde fedêlho,
Tipo incapaz de ouvir um bom conselho,
Tipo que, morto, não faria falta,

Lá um dia deixou de andar à malta,
E indo à casa do pai, honrado velho,
A sós, na sala, em frente de um espêlho,
À própria imagem disse em voz bem alta:

— Tertuliano, és um rapaz formoso!
E's simpático, és rico, és talentoso!
Que mais, no mundo, se te faz preciso?

Penetrando na sala, o pai sisudo,
Que por trás da cortina ouvia tudo,
Serenamente respondeu: — Juízo.

ARTUR AZEVEDO

"E' MUITO MINHA AMIGA"

Alzira era a filha de um rico comerciante que comprára um castêlo perto de Verona. Menina educada como uma princêsa, e por isso imensamente orgulhosa.

Quando passeiava pelos domínios de seu pai, todas as pessôas que a encontravam deviam fazer-lhe profundas reverências, sob pena de sevêros castigos, pois assim o exigia a orgulhosa mocinha.

Um dia, quando ao lado de sua dama de companhia, ia à cidade, um dos cavalos do coche que as conduzia perdeu uma das ferraduras, e foi preciso par-- -m uma ferraria.

Alzira se encolerizou muito, ameaçando o cocheiro de ser despedido. E nessa ocasião parou perto de sua carruagem uma outra, de aspecto modesto e singêlo.

Dessa carruagem surgiu, à portinhola, a cabeça de uma jovem mais ou menos de sua idade, que lhe disse: — Posso convidá-la a vir comigo, senhorinha? Vejo que está contrariada com o contratempo e com o atrazo...

Alzira aceitou. Mas logo, para deslumbrar aquela que tão gentilmente a socorrêra, disse: Você me fez um grande obséquio, pois vou visitar a filha do Governado, que é muito minha amiga.

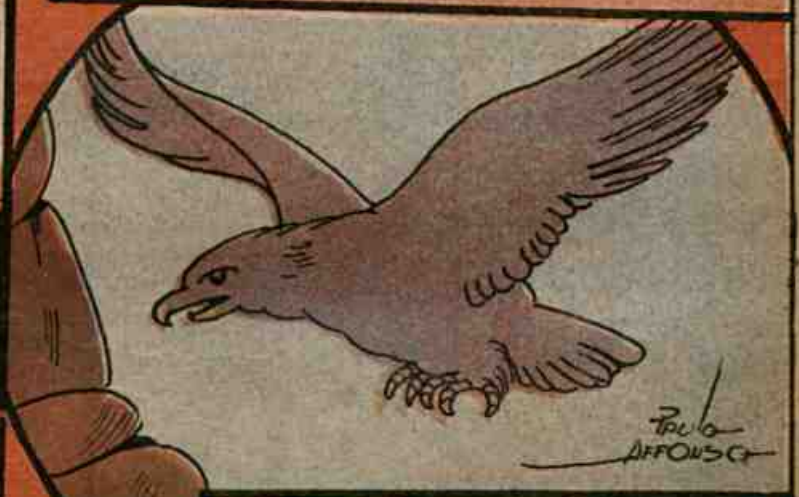
— Deveras?! perguntou a menina, espantada. — Sim. Meu pai é um dos homens mais importantes do país. Não vê como toda a gente me cumprimenta? E note que pouco ando por aqui!

Acho, entretanto, tão aborrecido ter que responder a todos que me cumprimentam! — Não seja por isso — disse a outra. E' só não responder, mesmo porque êles cumprimentam é a mim, que sou a filha do Governador...

... e sou muito querida por toda essa gente, cujas homenagens recebo com muita alegria.

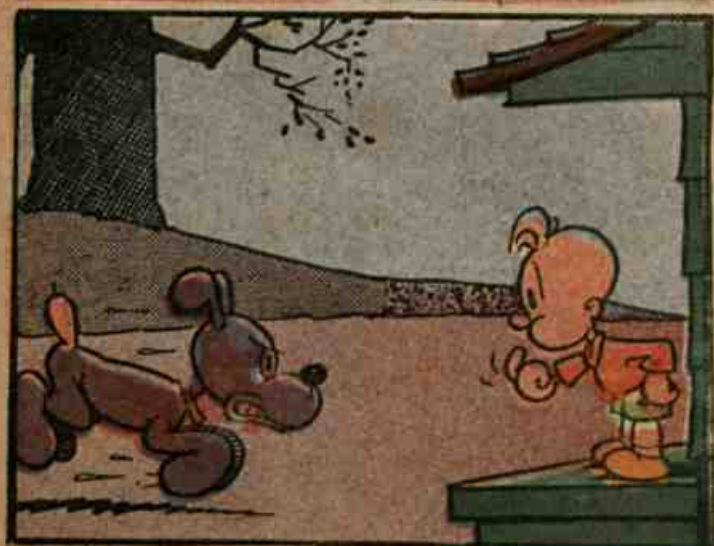
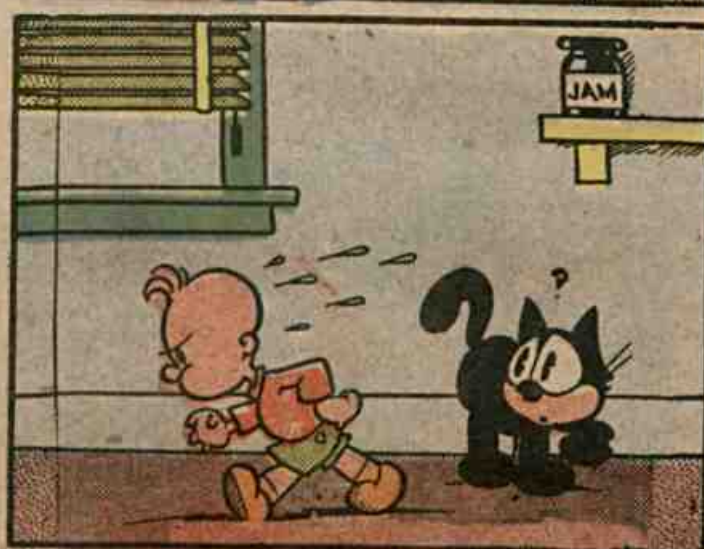
Quando a carruagem chegou ao seu destino, a mocinha disse adeus amavelmente a Alzira, que estava vermelha de vergonha e curada de seu desmedido orgulho.

AVENTURAS DE TUPINIQUIM

Curiosidades do Reino Animal
O CARACOL PERCORRE UM ESPAÇO DE 50 CENTIMETROS EM CINCO MINUTOS.
A FORMIGA E O GRILO VIVEM SOMENTE UM ANO.
UMA RÃ ATINGE GERALMENTE 15 ANOS DE VIDA.
O CROCODILO, SE NÃO ESTÁ ESFAIMADO, QUANDO CONSEGUE CATURAR UM HOMEM OU QUALQUER ANIMAL, EM VEZ DE O DEVORAR, ENTERRA-O ATÉ QUE FINALMENTE APODREÇA PARA COMEL-O.
A BALEIA POSSUE MUITO RUDIMENTAR O SENTIDO DO GOSTO APESAR DA SUA ENORME LINGUA.
O CARANGUEIJO DESFAZ-SE DE TEMPOS A TEMPOS, DE SUA COURAÇA, RENOVANDO-A. EMQUANTO POSSUE ESSA COURAÇA O ANIMAL NÃO CRESCE, O QUE SÓ ACONTECE NA ÉPOCA DA MUDA.
A AGUIA É DE TODOS OS ANIMAIS O QUE PARECE BATER O RECORD DE RAPIDEZ NO VÔO; PERCORRE UM ESPAÇO DE 1.875 METROS POR MINUTO OU UM POUCO MAIS DE 22 LÉGUAS POR HORA.
Paulo Affonso

PERIPECIAS na AMAZONIA

PERIPECIAS na AMAZONIA

POR LUIZ RIBEIRO

AS PROEZAS DE GATO FELIX

Trem errado...

O RÁPIDO Rio-S. Paulo corria, vertiginosamente, devorando as distâncias, como um esfomeado gigante de aço. Dona Generósa, voltava para Bélo Horizonte, depois das férias que passára no Rio. Olhava, distraidamente, as paisagens que se sucēdiam, de momento a momento, como figurinhas de lanterna mágica.. O chefe do trem se aproximava, picotando os bilhetes.

Quando chegou a vez de dona Generosa, verificou que ela se enganára, pois, a sua passagem era para o percurso Rio-Bélo Horizonte, e, o trem estava se dirigindo a S. Paulo.

Chamou a sua atenção. Dona Generosa escandalisou-se!

— Isto é um absurdo! Onde iá se viu um relaxamento assim!

Depressa, seu chefe! Depressa! Mande avisar o maquinista! Ele está tomando o caminho errado!!!

Caçador de Jacaré

— COMO eu ia dizendo, o ultimo jacaré que matei, media cinco metros.

— Púxa! que bichão, heim?

— E' verdade. "Oceis" conhecem aquela "fogo central" que eu comprei do Juca Banguela? Pois, foi com ela mesma que eu derrubei o bicho. Sentei os "óio" na mira e bati fogo. O bichão nem piscou...

— Mas, compadre. "Ocê" sabe que tiro de espingarda não fura casco de jacaré...

— E' verdade... mas... eu, "primêro" "oiêi" bem pra êle e disse adeusinho com a mão. O jacaré deu uma risadinha e levantou a pata da frente pra "respondê"... então eu sentei fogo bem debaixo do braço...

Amigo infiel

O velho Salim tinha um cofre cheio de moedas de ouro. Certa vez, precisou fazer uma pequena viagem.

Se levasse consigo, o cofre precioso estaria sujeito a ser assaltado pelos ladrões da estrada. Se o deixasse em sua tenda, seria roubado pelos visinhos.

Depois de muito pensar, resolveu confia-lo à guarda do amigo Saúl, recomendando:

— Confio-te o meu tesouro. Sei, que não vais abrir o meu cofre. Porém, como prova de confiança, revelo-te o segredo do cofre mágico.

Ele se abre com três voltas da chave; mas cada volta só póde ser operada com o raiar do sól.

E Salim partiu tranquilamente.

Nas três madrugadas seguintes, Saul esperou o raiar da auróra, introduzindo a chave no cofre magico, para roubar as moédas de Salim.

Ao fim de três dias Salim voltou.

— Impostor que tu és, disse Saul nervoso. O teu cofre nada contém!

— Bem sei, retrucou Salim. Enquanto te entretinhas com o meu cofre, que nada tem de magico, minhas moédas ficavam escondidas no baú, em minha tenda, longe da cobiça dos ladrões como tu!

AS PROEZAS DE GATO FELIX

Trem errado...

O RÁPIDO Rio-S. Paulo corria, vertiginosamente, devorando as distâncias, como um esfomeado gigante de aço. Dona Generósa, voltava para Bélo Horizonte, depois das férias que passára no Rio. Olhava, distraídamente, as paisagens que se sucêdiam, de momento a momento, como figurinhas de lanterna mágica.. O chefe do trem se aproximava, picotando os bilhetes.

Quando chegou a vez de dona Generosa, verificou que ela se enganára, pois, a sua passagem era para o percurso Rio-Bélo Horizonte, e, o trem estava se dirigindo a S. Paulo.

Chamou a sua atenção. Dona Generosa escandalisou-se!

— Isto é um absurdo! Onde iá se viu um relaxamento assim!

Depresso, seu chefe! Depressa! Mande avisar o maquinista! Êle está tomando o caminho errado!!!

Caçador de Jacaré

— COMO eu ia dizendo, o ultimo jacaré que matei, media cinco metros.

— Púxa! que bichão, heim?

— E' verdade. "Oceis" conhecem aquela "fogo central" que eu comprei do Juca Banguela? Pois, foi com ela mesma que eu derrubei o bicho. Sentei os "óio" na mira e bati fogo. O bichão nem piscou...

— Mas, compadre. "Océ" sabe que tiro de espingarda não fura casco de jacaré...

— E' verdade... mas... eu, "primêro" "oiêi" bem pra êle e disse adeusinho com a mão. O jacaré deu uma risadinha e levantou a pata da frente pra "respondê"... então eu sentei fogo bem debaixo do braço...

Amigo infiel

O velho Salim tinha um cofre cheio de moedas de ouro. Certa vez, precisou fazer uma pequena viagem.

Se levasse consigo, o cofre precioso estaria sujeito a ser assaltado pelos ladrões da estrada. Se o deixasse em sua tenda, seria roubado pelos visinhos.

Depois de muito pensar, resolveu confiá-lo à guarda do amigo Saúl, recomendando:

— Confio-te o meu tesouro. Sei, que não vais abrir o meu cofre. Porém, como prova de confiança, revelo-te o segredo do cofre mágico.

Êle se abre com três voltas da chave; mas cada volta só póde ser operada com o raiar do sól.

E Salim partiu tranquilamente.

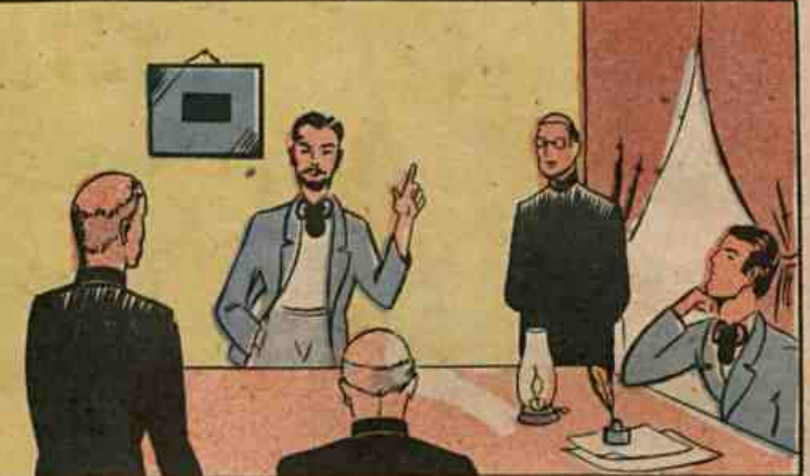
Nas três madrugadas seguintes, Saul esperou o raiar da auróra, introduzindo a chave no cofre magico, para roubar as moédas de Salim.

Ao fim de três dias Salim voltou.

— Impostor que tu és, disse Saul nervoso. O teu cofre nada contém!

— Bem sei, retrucou Salim. Enquanto te entretinhas com o meu cofre, que nada tem de magico, minhas moédas ficavam escondidas no baú, em minha tenda, longe da cobiça dos ladrões como tu!

A REVOLUÇÃO PERNAMBUCANA DE

Apezar do Brasil ter sido elevado a categória de Reino, por D. João VI, os patriotas pernambucanos ainda viviam descontentes. Havia grandes injustiças: os oficiais brasileiros só podiam ir até certas patentes, sendo reservada aos portugueses os postos de comando.

Desde muito, reuniam-se em casa do comerciante Domingos José Martins os padres João Ribeiro Pessôa, Roma e Miguelinho que mantinham idéias libertadoras. Tramavam eles uma revolução afim de libertar o solo patrio!

O movimento antecipa-se devido a um incidente entre oficiais brasileiros e portugueses: João de Barros Lima (o Leão Coroado) oficial brasileiro, sentindo-se insultado pelo brigadeiro Barbosa de Castro traspassa-o com a espada.

Os revolucionários, depõem o governador, Miranda Montenegro, e constituem um governo provisório do qual fazia parte Domingos José Martins.

Foi decretada a liberdade de comercio, religião, imprensa e escravos, tendo a República a aliança do Rio Grande do Norte, Paraíba e Alagôas.

Emissarios foram enviados para fazer propaganda da República.

Quando o Padre Roma desembarcava na Baía, afim de fazer propaganda e pedir a adesão daquela provincia, foi preso por ordem do Conde dos Arcos.

Ribeiro

Ao ser fuzilado, conservou o padre Roma grande coragem, pedindo que lhe atirassem sobre o coração, igual sorte tiveram Domingos José Martins, a alma de toda revolução, João Ribeiro, Miguelino e seus companheiros.

O CAVALO DE TRÓIA

AS guerras constituem os principais acontecimentos da vida dos povos, pois com elas as nações nascem e morrem. Não devia ser assim, mas infelizmente é essa a verdade. A história dos grêgos, por exemplo, tem seu inicio, póde-se dizer, com a conhecida guerra de Tróia, que teve lugar em uma data muitissimo afastada dos nossos dias, ou seja na Idade do Ferro, cêrca de mil e duzentos anos antes do principio da Era cristã, ou antes de Jesus nascer.

Conta-se essa guerra com muita fantasia em torno, mas, ainda assim, é interessante a gente conhecer o que foi ela, em suas linhas gerais.

Houve certa vez uma grande festa entre os deuses do Olimpo, que era o céu das divindades mitológicas, adoradas naquele tempo. Quando todos estavam no melhor dessa festa, uma deusa, que tinha deixado de ser convidada, não se sabe até hoje porque, resolveu tomar uma vingança. Para isso, tomando de uma linda maçã, lançou-a sobre a mesa do banquete, com estas palavras: "A mais bela"!

Essa maçã fez com que todas as deusas presentes começassem a disputar entre si, sobre a quem ela deveria pertencer, pois cada uma delas se achava mais bela e mais merecedora de ser a sua dona. O barulho foi tamanho que acabaram resolvendo chamar um juiz imparcial e este foi escolhido na pessôa de um pastor da Terra, chamado Páris. Ele é quem devia escolher aquela a quem caberia a maçã. Logo de chegada, Páris foi assediado pelas candidatas, tal qual como se fazem hoje nos concursos entre os homens. Cada uma lhe prometia coisas mais belas e agradaveis, se êle a escolhesse. E como Venus era a mais bela, o pastor se pronunciou a seu favor. Ha quem diga, mesmo, que ela lhe havia prometido que, se lhe désse a vitória, ela lhe daria para esposa uma jovem linda, a mais linda que existisse na Terra.

Páris, entretanto, não era apenas um humilde pastor. Era gente fina, tambem... Era, nada mais nada menos, que o filho de um rei, Príamo, soberano de Tróia, cidade que ficava perto da Grécia, do outro lado do már. Tinha sido, em criança, abandonado numa montanha, para ser devorado pelos lobos, mas fôra recolhido pelos pastores locais, que o haviam criado como filho.

A solução que Páris deu ao intricado caso originou tantas complicações que vocês não imaginam! A mulher mais bela daqueles tempos era Helena, mas já estava casada com Menelau, rei de Esparta, uma das cidades da Grécia, e Venus aconselhou Páris a raptar a mulher do rei. Era mal feito, mas a verdade é que ela aconselhou. E ele tratou de raptar, mesmo. Naquêle tempo, era assim, que é que vamos fazer?

Páris foi, então, a Esparta, onde Menelau o recebeu como bom amigo. De noite, Páris e Helena fugiram, e atravessaram o mar, rumo a Tróia. Meneláu, quando deu pela coisa, ficou furioso! E, com êle, todos os grêgos, e com razão! Armaram, então, uma expedição contra a cidade de Tróia, para vingar Páris e apanhar a rainha fujona. Naquela época, as cidades eram muradas, cercadas completamente por muralhas altissimas, com portas que se fechavam e tinham enormes chavões pesados como quê! Não havia nada disso de canhões nem aviões, com que hoje se combatem e tomam as cidades e fortificações.

E durante dez anos — imaginem vocês! — os grêgos sitiaram Tróia, postados do lado de fóra da muralha, sem conseguir vencer os que estavam dentro!

Findos esses dez anos, vendo que nada conseguiam, resolveram recorrer a um estratagema, um "truque", ou um "golpe", como diriamos hoje... Construiram, então, um cavalão de madeira, um cavalo tão grande que no seu interior pudessem alojar-se batalhões e batalhões. Era uma coisa formidavel, bem feita a ponto de enganar os outros. Meteram dentro quantos soldados puderam caber e, fechado o cavalo, abandonaram-no junto á porta da cidade, indo-se embora os que estavam de fóra. Quando os troianos descobriram aquêle cavalo ali parado, ficaram intrigados. Que seria?

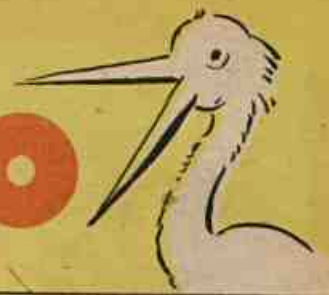
E como não sabiam que o cavalão era ôco, e estava cheio de gente, ficaram tão curiosos que arriscaram e foram vêr o bicho de perto. Para sair, abriram a porta da cidade. Gostaram de vê-lo. E logo alguem teve a idéia de arrastar o cavallo para dentro da cidade, o que, com grande custo, foi feito. Houve um troiano esperto, que achou que aquilo era tolice:

— De que nos servirá, aqui dentro, esse cavalo? — perguntou.

Os seus patricios, entretanto, não deram importância ao que êle dizia, e arrastaram o cavalo pra dentro. O troiano esperto chamava-se Lacoonte e era sacerdote, não esqueçam. E contam que, justamente nessa ocasião, duas enormes serpentes saíram de dentro do mar e enlaçaram Lacoonte e seus dois filhos, matando-os, tendo os troianos visto nisso um sinal de que os deuses estavam achando tolice a idéia do pobre sacerdote.

O cavalo entrou, mas para isso foi preciso quebrar um pedaço da muralha. Dentro, houve festança, alegria. Mas á noite, quando a cidade dormia, o cavalo foi aberto por dentro e saíram dêle soldados e soldados grêgos, que tomaram conta dos pontos estrategicos da cidade. Emquanto isso acontecia, as forças grêgas atacantes, que se tinham retirado, voltaram, para se postar do lado de fóra, esperando que os seus compatriotas abrissem a cidade. Quando isso aconteceu, elas penetraram, atacaram de rijo, trucidaram os troianos, lançaram fogo ás casas, retomaram Helena de Páris e regressaram com ela para a Grécia.

Vêm daí duas expressões muito usadas em sentido figurado nas conversas e na literatura: "presente de gregos" é uma delas, e "cavalo de Troia" é a outra. A primeira significa certos presentes que a gente, recebe, e que têem mais ou menos parecença com aquele que os grêgos deram aos troianos. Presentes que só o são na aparência, porque no fundo são verdadeiros motivos de aborrecimento. Quanto á segunda, é usada quando se recorre a um estratagema qualquer para vencer um adversario.

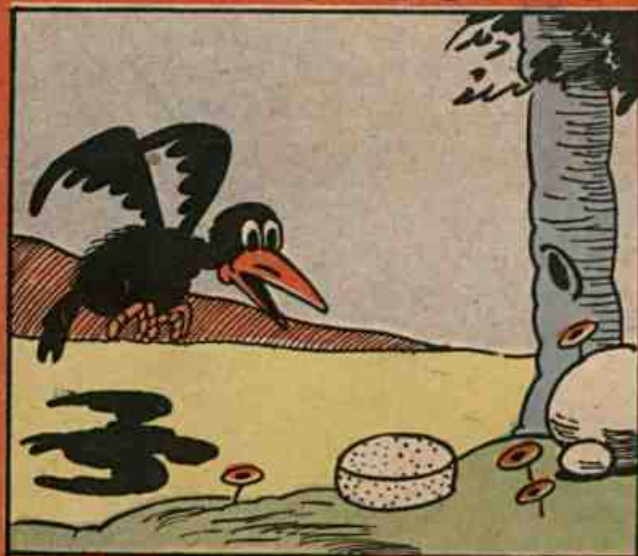
A HISTÓRIA DO PÓ MÁGICO

1 Eu tenho uma história muito importante a contar...

2 Eu vivia "assado"... Sofria e chorava como "gente grande"...

3 Agora vivo contente e bem disposto, porque o Talco Johnson me livra de assaduras!

O TALCO JOHNSON é o ideal para crianças, pois não contém partículas ásperas, nem ingredientes químicos irritantes. Preparado com finíssimo talco importado, o Talco Johnson é macio, suave e uniforme, sendo, porisso, do agrado das crianças, que ficam com o corpo refrescado e completamente livres de assaduras.

VEJA COMO É MAIS MACIO! **TALCO JOHNSON** para creanças

O CÔRVO E A RAPOSA (FABULA)

— Uma vez, ia um Côrvo voando quando viu no meio da estrada um belo e apetitoso queijo, tão cheiroso, que logo lhe encheu o bico d'água.

Sem perder tempo baixou o vôo, apanhou o queijo com o bico, e apezar do seu pêso que era muito, carregou com todo o sacrifício, para bem longe, onde pudesse comê-lo.

Empoleirou-se a um galho e ia meter bico a obra, quando viu em baixo da árvore uma Raposa que lhe olhava com uns olhos maiores do que a barriga e que lhe disse:

— Formosa ave, não existe pássaro mais belo do que tú! Se a tua voz fôr tão bela como é bela a tua plumagem negra e luzidía, não há pássaro que te iguale.

A Raposa bem sabia que o Côrvo não sabia cantar. O Côrvo envaideceu-se, e abrindo o bico começou a grasnar horrivelmente deixando cair o queijo. Era isso que a Raposa queria,...

...e assim que o queijo caiu, apanhou-o e comeu. E o Côrvo foi logrado por dar ouvidos aos elogios e adulações da Raposa, pois não sabia que quem lisonjeia a outrem só deseja enganá-lo.

OBRAS PRIMAS DA ARTE BRASILEIRA

"A PRIMEIRA MISSA NO BRASIL" — téla do pintor patricio Victor Meirelles que focalisa uma das páginas mais lindas da nossa historia, ou seja o primeiro contáto do gentio com a religião cristã que seria mais tarde a religião do povo de nossa terra.

BATALHA DE GUARARAPES

página empolgante da luta pela posse da terra brasileira, num trabalho do imortal pintor Pedro Americo.

Os leitores de "O TICO-TICO", que admiram as proesas de todos os heróis de suas páginas, e lhes acompanham as aventuras, terão decerto, curiosidade em conhecer os "pais" dessas crianças levadas e dêsses barbados gosadíssimos, como Tinôco e Mr. Brown, Kaximbown, Rapapé e Pandareco, "Pintado" e seus dois colégas, Carrapicho e os demais.

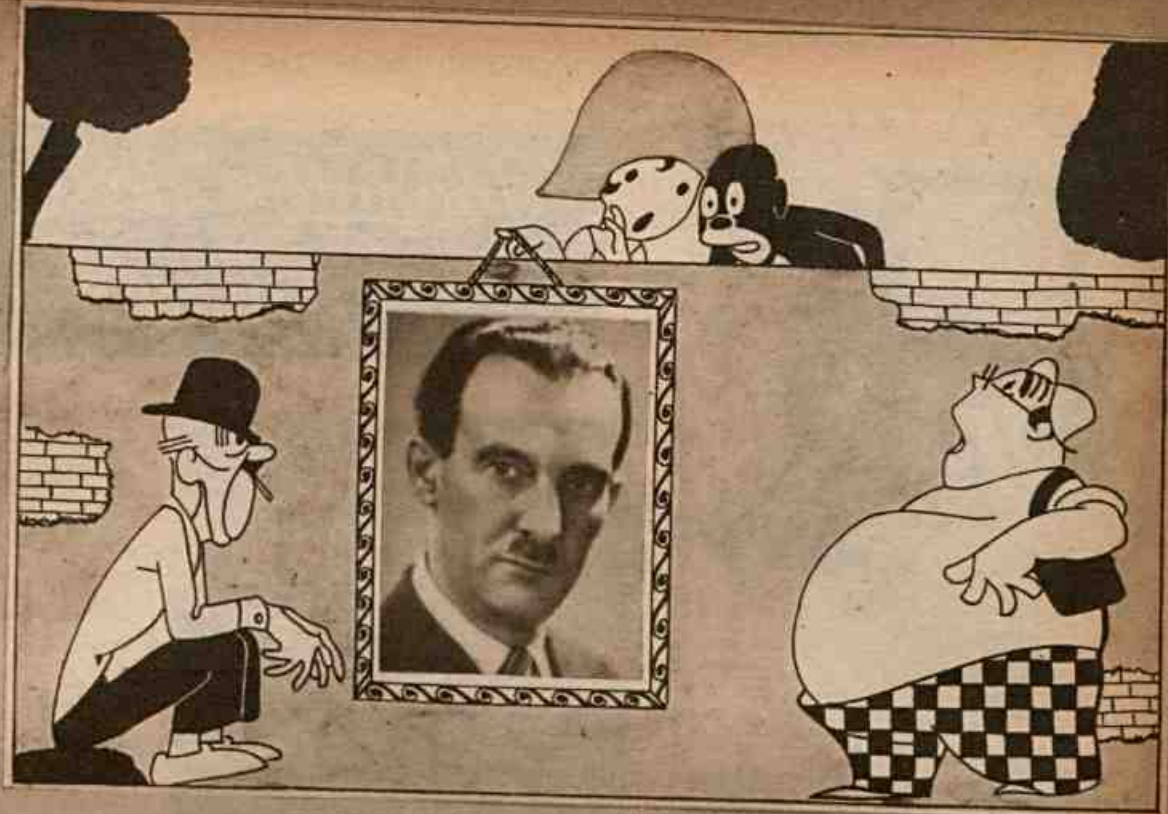
Pois bem: para satisfazer essa curiosidade, e aproveitando o nosso ALMANAQUE, reunimos nestas duas páginas os criadores dos personagens principais das nossas historietas, que temos o prazer de apresentar-lhes, para que mais os admirem.

Êste é Osvaldo Storni, "pai" de Duduca e da sua inseparavel companheira

Max Yantok não é muito apreciado pelos seus heróis. Também, inventa cada uma para os coitados!

Lembram-se dêste camarada? E' o célebre Juca Faro, detetive. Paulo Afonso, "pai" dêle. Não parece, mas é.

Luís Sá, "inventor" dos terriveis Réco-Réco, Bolão e Azeitona, aquí está.

OS NOSSOS HEROIS E SEUS CRIADORES

J. Carlos, que deu vida e renome a Lamparina, Goiabada, Carrapicho...

Thiré está sendo admirado pelos seus próprios personagens, Pintado e os outros dois legionários de sorte.

Granfinamente, Faustina e Zé Macaco se recostam sôbre o retrato de Storni (Alfredo).

Tinóco está mostrando a Mr. Brown o retrato de Théo. Desta vez não é mentira, não.

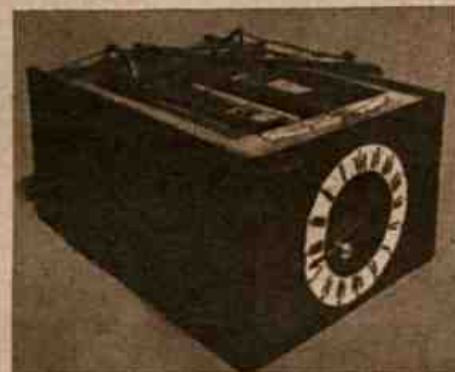
Inventos de ontem, utilidades de hoje

QUANDO os meninos vêem funcionar uma bonita máquina de escrever, ou acendem em seus quartos de dormir uma clarissima lampada elétrica, ou acompanham o trabalho de suas mamãs na máquina de costurar, ou ainda, escutam no rádio a irradiação de discos — estão longe de se preocupar com o trabalho que tiveram os inventores dessas maravilhosas coisas de que hoje em dia os homens se servem com tão pouco caso, como se se tratasse de coisas sem nenhuma importância.

Mas custou um infinito trabalho, uma grande luta, muito sacrificio, muita preocupação, teimosía, perseverança, a criação, pelos diversos inventôres, de todas as coisas, mesmo as de aparencia as mais simples, com que hoje nos cercamos e de que nos utilisamos para viver.

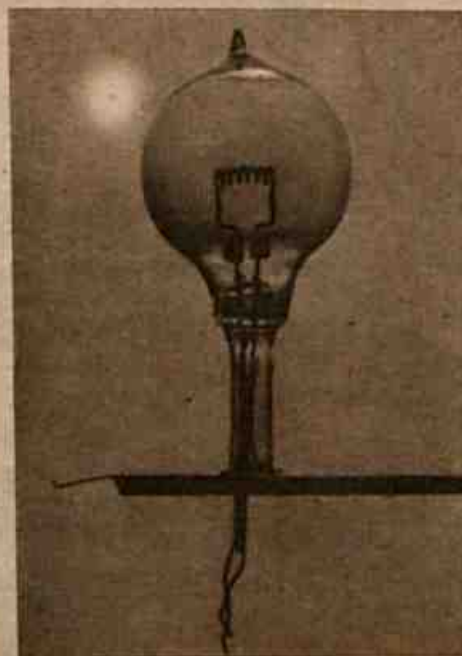
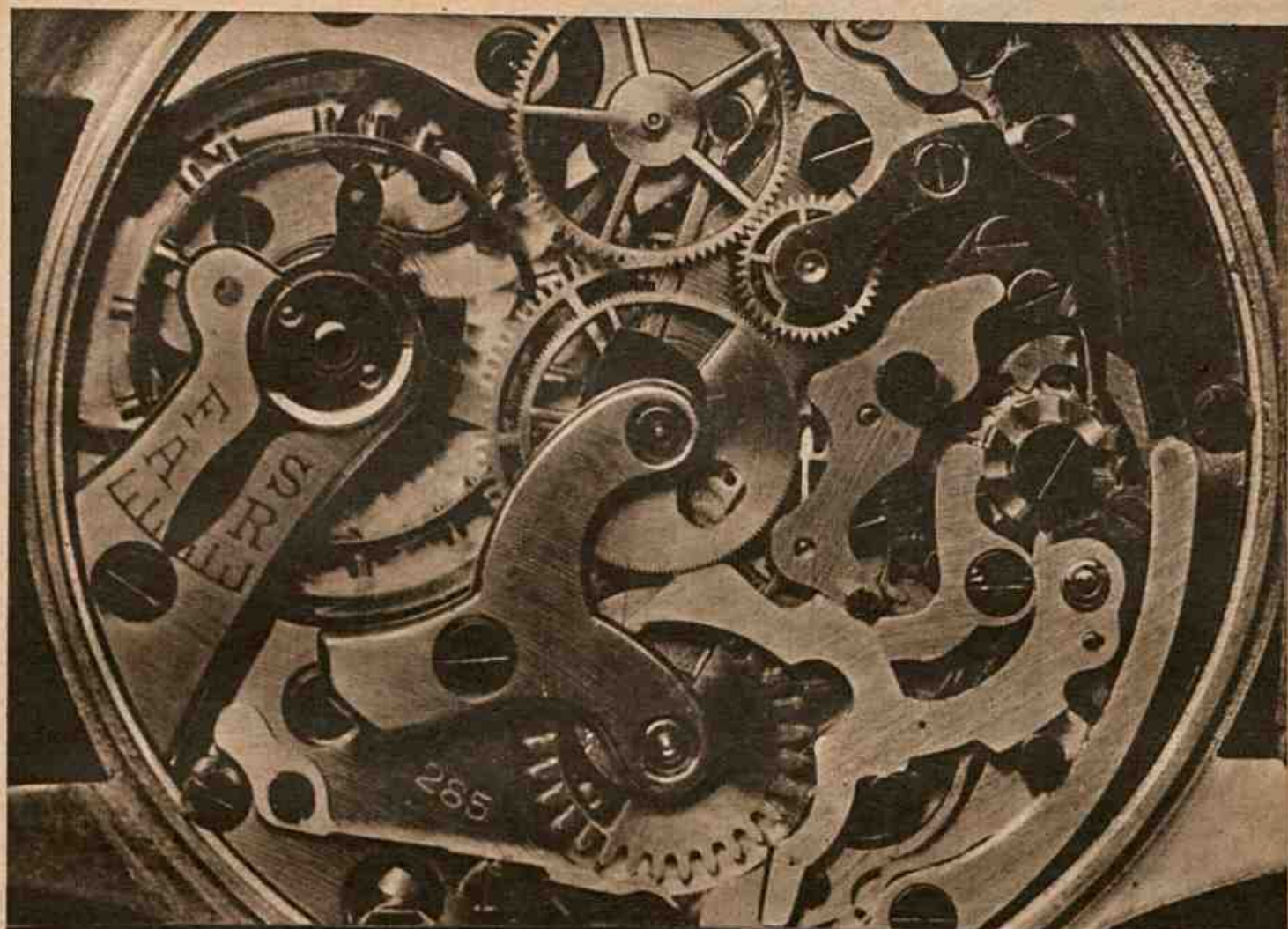
Nesta página, meninos, vocês encontram coisas curiosas. Damos, por exemplo, a fotografia da primeira máquina de costura. No ano de 1845 o inventor estadunidense Elias Howe Junior construiu a primeira máquina de costurar, a qual levou consigo para a Inglaterra, com o fim de vêr se poderia interessar aos industriais inglêses para fabricar o seu invento. Mas nada conseguiu. Só em 1854, depois de vencer muitas dificuldades, principalmente por parte dos invejosos e competidores, conseguiu ver reconhecidos os seus direitos a uma invenção que póde ser considerada como uma das mais uteis do século passado.

A história do fonógrafo, quase todas as crianças conhecem, e sabem que foi Edison quem inventou essa maravilha de que ainda hoje os homens se servem. Edison tinha 31 anos de idade, quando apresentou, em 1878, o seu fonógrafo de cilindro de folha de estânho. Numa das fotografias que aqui publicamos, vocês o vêem fotografado junto do seu aparelho.

Numa outra fotografia, mostramos a primeira máquina de escrever primitiva, o primeiro modêlo patenteado nos Estados Unidos. Alás, sôbre essa questão do invento da máquina de escrever, há quem afirme que o primeiro a idealisar essa maravilha, hoje em dia tão usada em toda a parte, foi um padre nosso patricio. Conta-se que êle não

recebeu o necessario apoio, para a fabricação da máquina de escrever que idealisára, tendo vendido, ou perdido, os desenhos do seu invento, que veiu mais tarde a ser aproveitado por outros. E' difícil saber-se até que ponto vai a verdade, a respeito.

Olhando para a máquina de escrever da nossa fotografia, vocês verão como é diferente da máquina atual, aperfeiçoadissima. Com o correr dos tempos, foram-se adaptando ao invento melhoramentos sucessivos, e hoje a máquina de escrever é uma verdadeira maravilha de perfeição. Devemos explicar aqui a vocês que o verdadeiro nome da "máquina de escrever" deveria ser, ou, melhor, é "dadilógrafo", nome que foi dado, por extensão, ao individuo que dela se serve. O nome se deriva do "dactylo" — dêdos — e "graphos." — escrever: escrever com os dêdos, ou "máquina de escrever com os dêdos".

Temos ainda na página uma fotografia da primeira lâmpada incandescente, que foi, como vocês sabem, inventada pelo *mágico* da eletricidade que foi Tomás Alva EDISON. Era bastante diferente das lâmpadas que usamos hoje, como vocês vêem.

Rarissimos hão de ser os inventos que, com o correr dos anos, não receberam aperfeiçoamentos, não se modificaram, não ganharam melhorías. Porquê o homem tem vivido sempre preocupado em melhorar o que possúe e em tirar o maior rendimento daquilo que os outros inventam. Por isso, meninos, devemos encarar respeitosamente a memoria daquêles, que, desde há anos atraz, vencendo dificuldades, tentando coisas quase impossiveis, lutando com tudo o que se mostrava adverso, vieram tornando a nossa vida melhor e mais cômoda, creando coisas novas, aperfeiçoando outras facilitando a nossa tarefa diária e enchendo a vida humana de maior comodidade e confôrto. Êsses homens são os bemfeitores da humanidade.

COMO É O RELOGIO POR DENTRO?

HOJE em dia, qualquer nenêzinho sabe ver as horas no relógio. E' tão fácil que até ninguem precisa ensinar.

Vamos recordar, então, alguns principios do relógio para ficarmos mais certos de que, de fato, sabemos estas cousas.

A parte mais importante, naturalmente, é o maquinismo. Chama-se mesmo "maquinismo de relojoaria". De que consta êle?

Muito simplesmente, de um conjunto de rodas dentadas, umas girando juntamente com outras, com um certo ritmo, sempre iguais. Uma fita de aço, chamada "corda", enrolada num eixo, é que dá movimento a tôdas as rodinhas.

Pois muito bem: diz-se que o relógio está com "corda", quando a fita de aço está bem apertada.

À proporção que ela vai se distendendo pela própria fôrça do aço, querendo se expandir, é que vai movimentando o eixo ligado de uma rodinha que vai e vem.

Daí todo o sistema se movimentar, combinando tôdas as peças.

Os ponteiros estão ligados às ditas rodas, andando pela vontade delas.

O homem, que é um bicho muito esperto, aproveitou a idéia e colocou um "mostrador", o qual nada mais é que uma rodela de papel com uns números gravados.

Daí, vieram os matemáticos e mostraram que o "dia" tem 24 horas, a "hora" 60 minutos e o "minuto" 60 segundos.

Por conveniência, não puzeram no mostrador os números seguidos de 1 a 24 que são as horas do dia, mas, apenas, numeraram de 1 até 12. O ponteiro das horas é o menor, o mais bojudo, conhecido pelo nome de "ponteiro pequeno". O mais longo, mais magro, é o ponteiro dos minutos, conhecido pelo apelido de "ponteiro grande".

Êste é o que mais trabalha dos dois, corre, dá uma volta inteira, enquanto o outro, apenas, muda de número.

Antigamente, os relógios eram movimentados por pêsos. Êstes ficavam dependurados na extremidade de uma corrente e, à proporção que iam descendo, davam impulso à roda do "vai-e-vem", a alma do maquinismo do relógio.

COISA MARAVILHOSA, OS "RAIOS X"

O descobridor dos chamados "Raios X" foi o físico alemão Guilherme Conrado Röntgen, nascido no ano de 1845, em Lennep. Röntgen era professor de Física em Strasburgo e ensinou tambem em outras cidades da Europa. E foi no ano de 1895 que descobriu os afamados "raios" que receberam o nome de "Raios X", mas são tambem conhecidos pelo nome de "Raios Röntgen".

Que teem de especial esses raios? A sua caracteristica principal é a de se propagarem em linha réta, ao contrario de outras especies de raios anteriormente conhecidas e estudadas tanto por Guilherme Röntgen como por outros físicos.

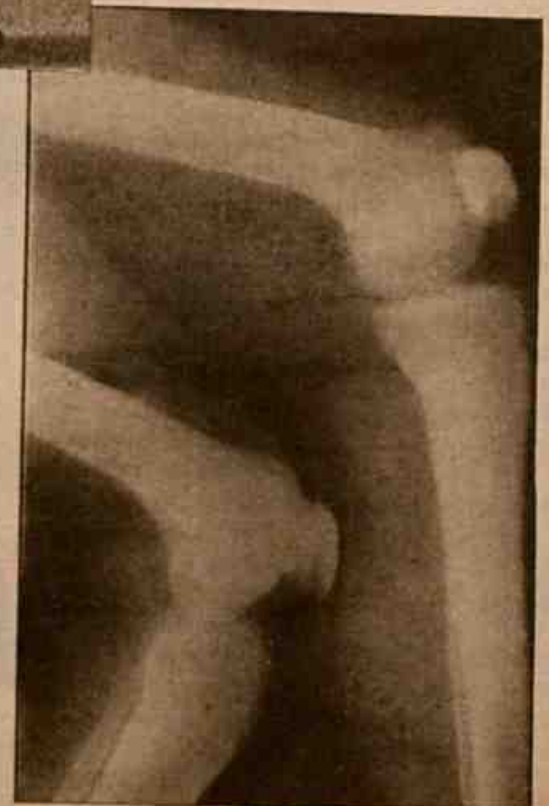
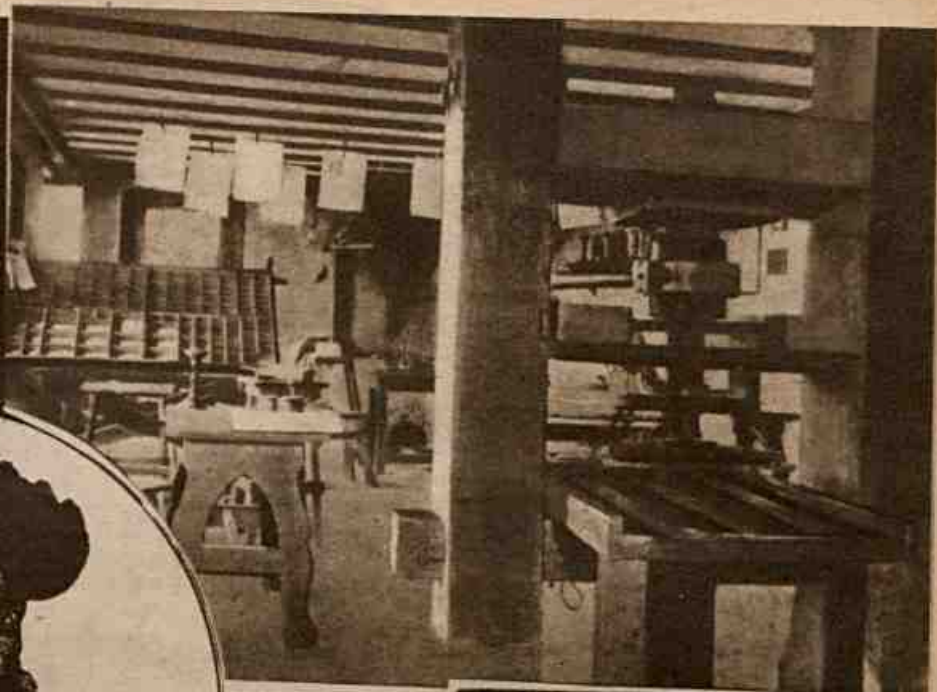
E vocês sabem que há várias especies de "Raios X"? Pois é verdade. Diante desses raios, raras são as materias que não são por elas atravessadas. Uma delas é o vidro com chumbo. Os "Raios X" provocam uma iluminação invisivel e esta é aproveitada com habilidade pelo homem para tornar os mesmos raios úteis.

Para se utilisar os "Raios X" se faz com que uma corrente elétrica passe através de um tubo de Crookes, e os raios assim obtidos são os "raios X" que, propagando-se, conforme dissemos, em linha réta, e produzindo aquela iluminação invisivel de que falámos, permite que se vejam objétos opacos dentro do corpo humano e que se possa até fotografar esses corpos. Essas fotografias teem o nome de "radiografias". Para se trabalhar com os "Raios X" são necessárias muitas precauções, pois seus efeitos são altamente perigosos. Há luvas especiais, aventais e capacetes com viseira, para serem usados pelos cientistas que manejam os perigosos, mas utilissimos raios.

Nesta página estão várias fotografias nas quais os meninos poderão apreciar os efeitos dos "Raios X".

As pernas de uma senhorita, elegantemente calçadas e elegantemente cruzadas, são vistas numa "radiografia" daquela maneira esquisita. O violino e as mãos do violinista, bem como o arco com que executa sua música, ficam como vocês estão vendo, na chapa de "Raios X".

E aquela mocinha que está a se pintar, com o seu "baton", vejam como fica engraçada. Ela está de anél e o anél aparece na chapa. Os brincos tambem aparecem, estão vendo?

Os "Raios de Röntgen" prestam excelentes serviços à humanidade, pois sem eles muitas vidas nunca teriam podido ser salvas. Röntgen foi um dos grandes benfeitores da humanidade.

COMO SE IMPREMIA ONTEM, E COMO SE IMPRIME HOJE

A oficina de impressão gráfica de Guttenberg, onde por primeira vez se usaram os tipos moveis.

Hans Guttenberg, o inventor da imprensa.

NÃO se sabe com exatidão a data em que apareceu o primeiro livro imprésso com tipos sôltos, ou moveis, mas é fóra de dúvida que isso foi no ano de 1440. Foi Hans Guttenberg o inventor da imprensa e da arte tipografica, como vocês sabem.

Guttenberg nasceu na cidade alemã de Moguncia, em fins do século quatorze. Sua vida correu sempre no meio da mais extrema pobreza, o que não impediu que sempre trabalhasse com coragem e dedicação.

Seu invento alterou de modo completo os destinos da humanidade.

Em 1639 foi que começou a funcionar a imprensa na América Inglesa, hoje Estados Unidos, embora desde um século antes já se conhecêsse o novo processo por êle inventado, na América latina. Guttenberg morreu na mesma cidade do seu nascimento, em 1468.

A primeira máquina de imprimir foi construida em 1803, na Alemanha, por Frederico Konig. Nesta página vocês veem essa máquina e veem tambem uma das mais modernas e completas "rotativas" dos nossos dias, dotáda de aperfeiçoamentos incriveis graças à infatigavel atividade do espirito humano, que quer sempre e sempre melhorar a conquista do dia anterior.

A primeira máquina de imprimir, fabricada por Konig.

Uma "rotativa" dos nossos dias.

Aquêle queijo está tão cheiroso que até dá vontade ao Tufão de prova-lo. Mas como? Tufão é inteligente e sabe que aquilo é uma ratoeira, e que foi armada ali para pegar um rato que anda a roubar coisas na despensa... E' preciso cuidado!

O BOCADO NÃO E' PARA QUEM O FAZ

A inteligência é uma grande arma. Tufão imagina e põe em prática um plano de ataque, um meio de desarmar a ratoeira. Vai buscar um pedaço de pau. Nisso êle é *cráque*. Sabe apanhar tudo com os dentes e trazer, correndo. Foi seu dono, o Mauricio, quem o ensinou. Vamos vêr se dá certo o plano?

Deu! Num triz a ratoeira foi desarmada e agora o queijo apetitoso está ao alcance de Tufão! Vai ser uma delicia, saborear esse petisco, agora. Está cheirôso que dá gôsto!! Tufão está lambendo os beiços, antegosando esse prazer. Mas, nêsse instante...

...aparece o Mimoso, seu amigo e companheiro de brinquedos, tambem apreciador de petiscos e, principalmente, de queijo assado! Que? Vai comer o queijo do Tufão? E você vai deixar, tolinho ?

Ah! Já sei... Você é camarada, sabe que o seu dono vai ficar contente e por isso não estrila... Faz bem, Tufão. Não custa ser bom, neste mundo!

Brasileiro: onde está a tua Pátria?

ILUSTRAÇÃO DE FRAGUSTO

TUA PÁTRIA NÃO ESTÁ SOMENTE NO TORRÃO EM QUE NASCESTE;
TUA PÁTRIA NÃO SE LEVANTA NUM SIMPLES RELEVO TOPOGRÁFICO.
O SOLO EM QUE PISAS,
AS AGUAS EM QUE TE REFLETES,
O CEU QUE TE ALUMIA,
AS ÁRVORES QUE TE DÃO VOZES, FRUTOS E SOMBRAS,
O AR QUE RESPIRAS,
RECEBESTE, EM PARTILHA, COM TODOS OS HOMENS, SÔBRE A TERRA.

TUA PÁTRIA NÃO É UM ACIDENTE GEOGRÁFICO!

BRASILEIRO:
SE TE PERGUNTAREM: ONDE ESTÁ A TUA PÁTRIA?

RESPONDE:
MINHA PÁTRIA ESTÁ NA GEOGRAFIA IDEAL QUE OS MEUS GRANDES
MORTOS ME GRAVARAM NO CORAÇÃO;
NO SANGUE COM QUE TEMPERARAM A MINHA ENERGIA; NA
ESSENCIA MISTERIOSA QUE TRANSFUNDIRAM O MEU CARATER;
NA HERANÇA DE SACRIFICIO QUE ME TRANSMITIRAM, NA HERANÇA
CUNHADA, A FÔGO, NO FERRO, NO BRONZE E NO AÇO DAS BANDEIRAS,
DOS GUARARAPES, DAS MINAS, DA INDEPENDENCIA, DA
CONFEDERAÇÃO DO EQUADOR, DO IPIRANGA E DO PARAGUAI.
MINHA PATRIA ESTÁ NA CONCIÊNCIA QUE TENHO DA SUA GRANDEZA
MORAL E NESSA LIÇÃO DE TERNURA HUMANA QUE A SUA
IMENSIDADE ME OFERECE, COMO SIMBOLO PERENE DE TOLERANCIA
DESMEDIDA E INFINITA GENEROSIDADE.
MINHA PATRIA ESTÁ EM TI, MINHA MÃE! NO ORGULHO
COMOVIDO COM QUE ARRANCASTE, DAS ENTRANHAS DO MEU SER,
A MAIS BELA DAS PALAVRAS, O NOME SUPREMO: "BRASIL"!

OS TRÊS CABÊLOS DO DIABO

ILUSTRAÇÃO DE OSWALDO STORNI

ZEBEDEU nasceu com dentes — uma dentadura completa, perfeita e igual. As "comadres" disseram que havia de ser muitíssimo feliz; e uma delas, que passava por feiticeira, profetisou o seu casamento com a princeza, filha do imperador do país, quando completasse quinze anos.

O monárca, passando casualmente pela vila, ouviu a conversa e os comentarios. Ignorante e supersticioso, acreditou no vaticinio da velha e quís empregar todos os esforços para que aquilo se não realizasse.

Viajava incognito, e assim poude apresentar-se, sem ser conhecido, na choupana dos pobres camponezes. Dizendo-se negociante, propoz aos pais do recem-nascido tomar conta da criancinha, e leva-la consigo. Prometeu adota-la, pois não tinha filhos, legando-lhe toda a sua fortuna, quando morresse, e encarreirando-o, logo que chegasse à idade precisa.

Soube usar de tal linguagem, conversar tão insinuante e habilmente, que os crédulos aldeões se deixaram influenciar, cederam, e confiaram-lhe o filhinho. O imperador despediu-se, levando o pequerrucho.

Chegando fóra da vila, meteu-o numa caixa e atirou-o n'agua, com tenção de o afogar, para que o prognostico da bruxa se não realizasse.

Em vez de ir ao fundo, a caixa flutuou, até parar de encontro ao açude de um moínho.

O moleiro, vendo o fardo a boiar, apanhou-o, na esperança de encontrar algum tesouro. Admirou-se, quando viu aquele meninozinho tão bonito e esperto, e, como não tinha filhos, adotou-o, com grande satisfação de sua mulher.

Zebedeu cresceu, muito bem tratado, por entre os desvelos e carinhos dos seus pais adotivos.

* * *

Mêses depois de haver ele completado quinze anos, o imperador, fugindo à chuva, abrigou-se no moínho. Enquanto esperava que a tempestade acalmasse, começou a conversar e perguntou se o mocinho era filho deles.

A mulher contou a historia do engeitadinho.

O soberano, vendo que havia falhado a sua primeira emprêsa, para faze-lo desaparecer, lembrou-se de executar outro plano. Escreveu uma carta à imperatriz, ordenando-lhe que mandasse decapitar imediatamente o portador. Em seguida pediu ao moleiro que deixasse o rapaz leva-la.

Zebedeu partiu, mas, não sabendo bem o caminho, perdeu-se no mato, indo parar a uma casinha habitada por uma velha.

Essa mulher, de muito bom coração, ouviu-o contar que se perdêra. Avisou-o de que a casa onde se achava era um covil de ladrões e que o matariam com certeza se o encontrassem.

Ele, porém, era destemido; e, como se achasse em extremo fatigado, não fez caso e deitou-se.

Pelo meio da noite entraram os salteadores, e a velha contou-lhes quem era o portador da carta para a imperatriz. O chefe dos bandidos teve curiosidade de saber o que continha a correspondencia, e abriu-a. Indignado ao ver que o monarca mandava cortar a cabeça ao pobre moço, lembrou-se de fazer uma partida ao malvado. Imitou a letra de Sua Majestade e escreveu outra carta, ordenando à imperatriz que casasse a princesa com o portador.

Zebedeu partiu pela madrugada sem desconfiar de coisa alguma, e chegou ao palacio.

A soberana admirou-se da missiva, mas cumpriu a ordem, acostumada como estava a obedecer sem discussão.

A princesa Cecilia casou-se com o engeitado, na capela imperial. Quando o imperador chegou, ficou aflitissimo, mas viu que a culpa não era nem do môço nem da imperatriz. Entretanto, como se não podia resolver a aceitar por genro um indivíduo sem eira nem beira, disse-lhe :

— "Para eu consentir que continúes a viver com minha filha, é preciso ires ao inferno e trazeres tres fios de cabêlo do diabo. Se mos trouxéres, serás principe".

O rapaz não teve mêdo e partiu.

* * *

Na manhã seguinte começou a jornada. Depois de andar muitos dias, chegou a uma grande cidade.

A' porta principal perguntou-lhe uma sentinela que ofício tinha êle e o que sabia fazer.

— "Tudo !..." — respondeu o moço.

— "Então faça o favor de explicar porque é que a fonte do nosso mercado, que antigamente jorrava leite, agora nem siquer deita agua..."

— "Espere. Quando voltar, di-lo-ei".

Continuou a jornadear, e chegou a outra cidade, onde tambem encontrou uma sentinela que lhe fez a mesma pergunta.

— "Tudo !..." — respondeu êle, como da primeira vez.

— "Então faça o favor de explicar porque é que a árvore grande dos jardins reais, que antigamente dava frutos de ouro, agora nem siquer tem fôlhas..."

— "Espere. Quando voltar, di-lo-ei".

Prosseguiu no caminho, e chegou a um rio que era preciso atravessar.

O barqueiro, do mesmo modo que as duas sentinelas, inquiriu do seu modo de vida e do que sabia fazer.

O moço respondeu-lhe ainda da mesma fórma, e o canoeiro falou:

— "Então, faça o favor de explicar porque é que hei de viver eternamente neste posto, sem nunca ser rendido..."

— "Espere. Quando voltar, di-lo-ei".

* * *

Tendo atravessado o rio, encontrou finalmente a porta do inferno. O diabo não estava em casa, e viu apenas a governante.

O rapaz contou-lhe toda a sua historia. A velhinha, condoendo-se da sua sorte, prometeu servi-lo, arranjando os tres fios de cabêlo, e fazendo com que Satanás respondesse às tres perguntas que desejava saber.

Quando Lucifér chegou, o mancêbo escondeu-se. Pouco depois o diabo dormia profundamente no regaço da velha, que, como de costume, começou a lhe catar a cabeça.

A governante arrancou-lhe um fio de cabêlo.

— "Ai !" — gemeu êle. "Que estás a fazer ?"

— "Nada ! Tive um sonho mào, e agarrei-o pelos cabêlos".

— "Que foi que sonhaste ?"

— "Sonhei que a fonte do mercado de uma cidade, que antigamente jorrava leite, agora secou de todo".

Satanás se pôs a rir.

— "Isso é verdade. Existe um sapo debaixo da pedra. Si o matarem, a fonte correrá outra vez".

A velha continuou a cata-lo, e êle adormeceu. Então, arrancou-lhe segundo fio.

— "Ai !" — gritou. "Sonhaste outra vez ?"

— "Sim. Sonhei que num jardim real há uma árvore, outróra carregada de frutos de ouro, e que agora está sem fôlhas".

— "E' porque há um camondongo que lhe róe a raís. Si o matarem, a árvore reverdecerá; do contrario acabará por morrer inteiramente".

Pela terceira vez, Lucifér dormiu. A governante, passado algum tempo, tirou-lhe o outro fio, o último.

O diabo, como das outras vezes, despertou com a dôr.

— "Com efeito ! Queres porventura fazer-me caréca ?... Não acabas com os teus sonhos ? !..."

— "Não sei o que é isso hoje, mas o fáto é que sonhei com um barqueiro que se queixava de andar eternamente a passar gente de uma para outra margem do rio, sem ser substituido".

Satanás riu-se gostosamente:

— "E' por ser tôlo. A primeira pessôa que lhe aparecer, pedindo passagem, não tem mais que lhe abandonar os remos, e pôr-se ao fresco. O outro não terá remedio sinão ficar no seu logar.

Zebedeu ouviu tudo quanto queria saber, recebeu os tres fios de cabêlo, agradecendo muito à velha governante, e voltou para o imperio do seu sogro.

Caminhou pela mesma estrada percorrida, e ensinou ao barqueiro e às duas sentinelas o que desejavam saber.

Cada um dêles deu-lhe um presente valioso, e o venturoso rapaz chegou rico e satisfeito ao palacio.

O imperador cumpriu a palavra, e fe-lo principe, consentindo que êle vivêsse com sua mulher.

Mas, como era um monarca avarento e ambicioso, quiz saber em que sitio o genro havia achado as riquezas que trazia.

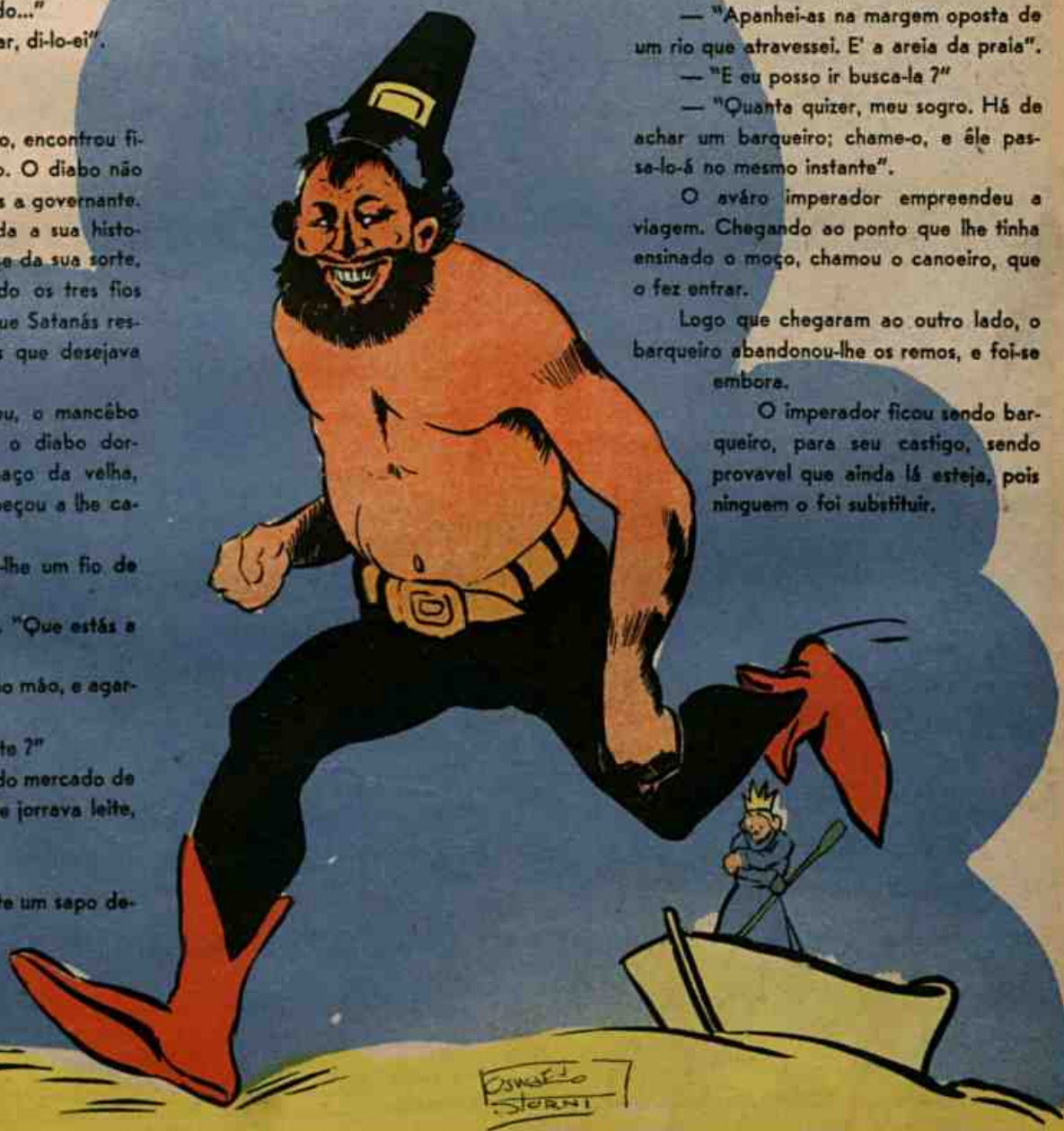
— "Apanhei-as na margem oposta de um rio que atravessei. E' a areia da praia".

— "E eu posso ir busca-la ?"

— "Quanta quizer, meu sogro. Há de achar um barqueiro; chame-o, e êle passa-lo-á no mesmo instante".

O aváro imperador empreendeu a viagem. Chegando ao ponto que lhe tinha ensinado o moço, chamou o canoeiro, que o fez entrar.

Logo que chegaram ao outro lado, o barqueiro abandonou-lhe os remos, e foi-se embora.

O imperador ficou sendo barqueiro, para seu castigo, sendo provavel que ainda lá esteja, pois ninguem o foi substituir.

O carvalho e o balseiro

NO seio de um bosque, crescia um alto e soberbo carvalho, e tão orgulhoso estava da sua imponente altura e da sua ramagem frondosa, que despresava o humilde e delicado balseiro que vivia aos seus pés.

Um dia, o pequeno balseiro muito timidamente lhe perguntou:

— Diga-me, amigo carvalho; porque és tu tão orgulhoso?

Fazendo farfalhar a frondosa ramagem o carvalho respondeu:

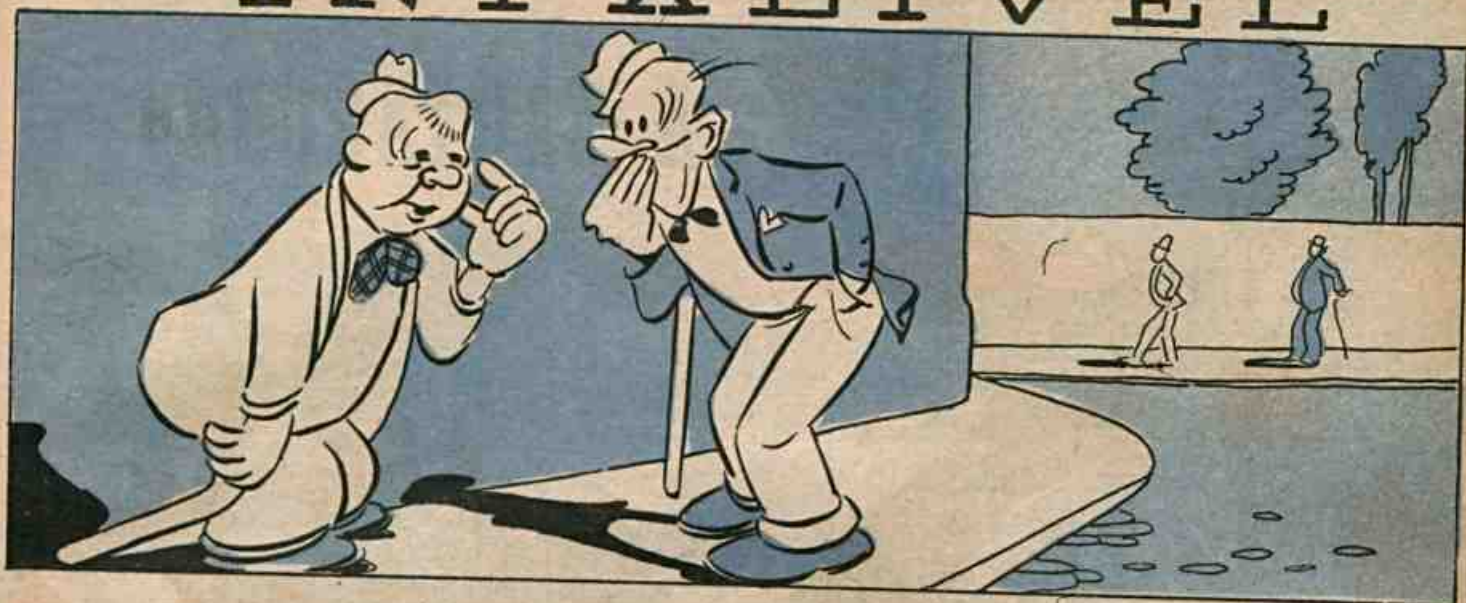
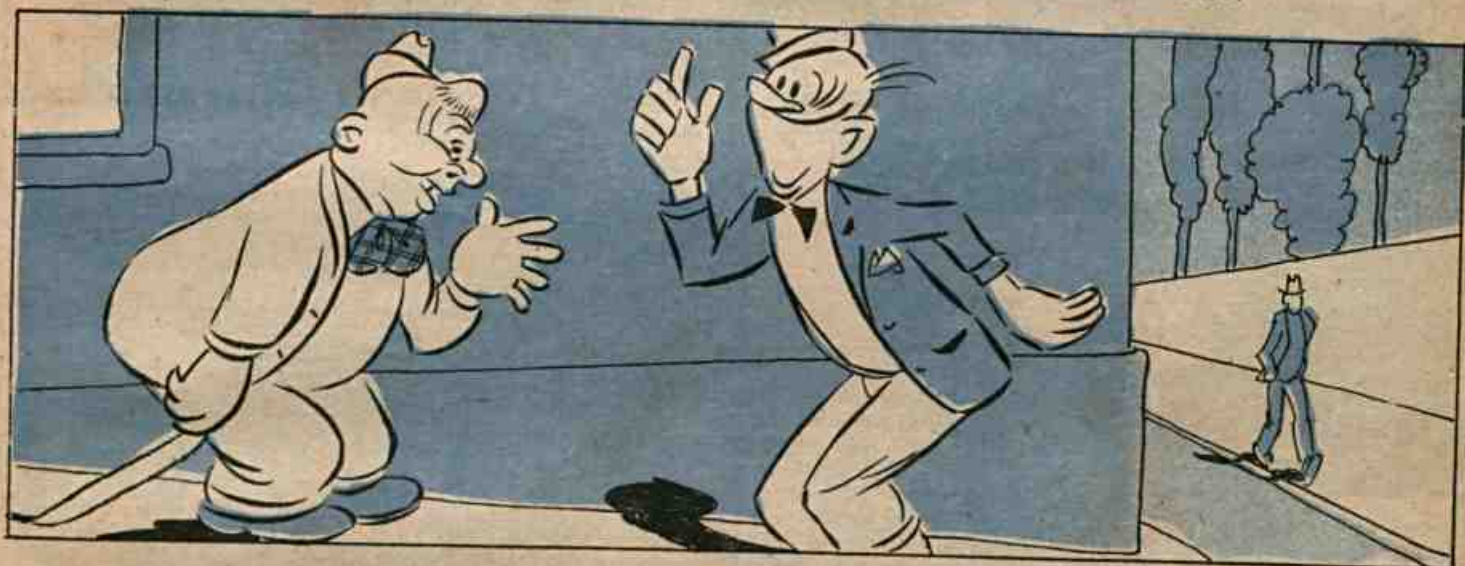
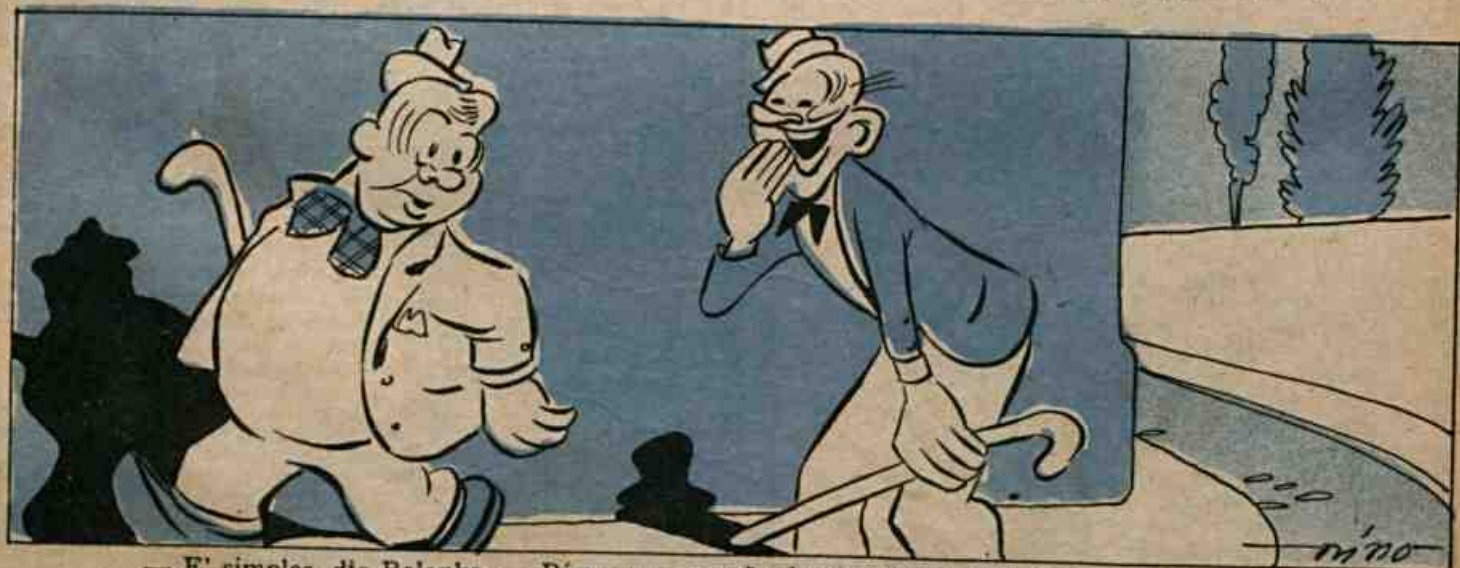
— Então não vês? De todas as arvores que crescem por êstes sitios, eu sou a mais bela. Quási chego às nuvens e os meus ramos são vigorosos, enquanto que tú, infeliz balseiro, arrastas-te pelo chão expondo-te a ser pisado pelos animais.

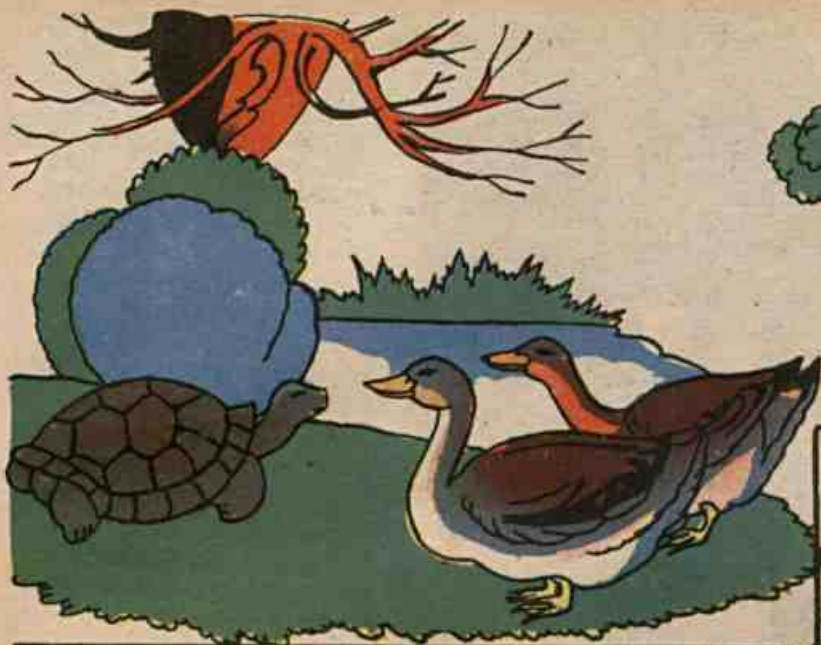
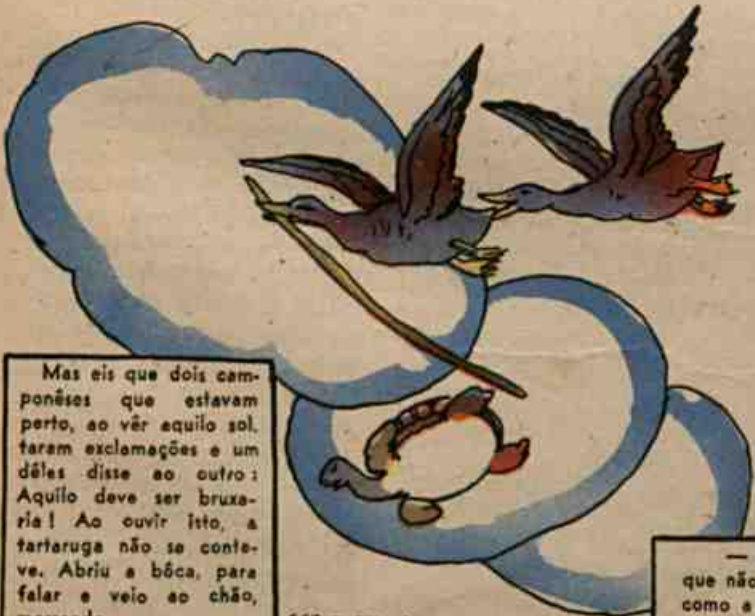
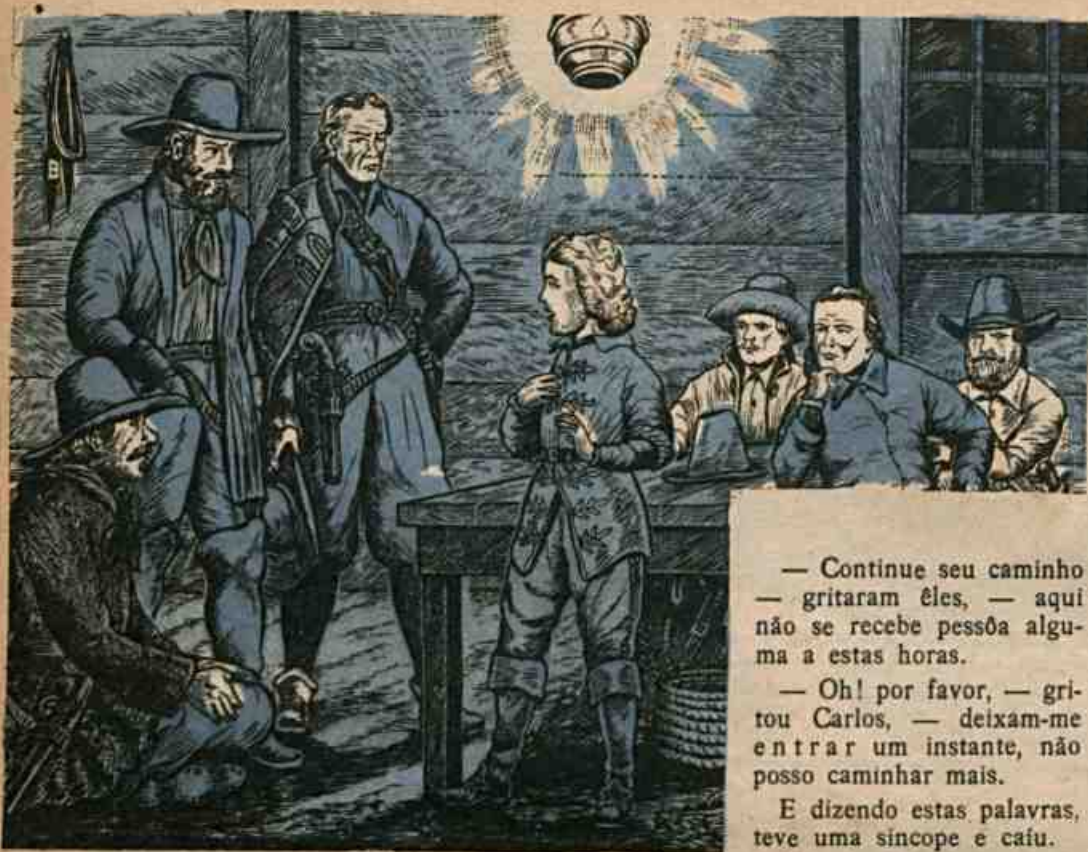
— Orgulhas-te por isto? — falou o balseiro muito admirado.

— Então? — respondeu-lhe o carvalho.

E então o humilde e delicado balseiro olhando o tronco majestoso do carvalho que se alinhava quási furando o céu, falou assim:

— Tens razão; mas lembra-te bem de que o orgulho, nunca estará longe de uma grande quéda, e no dia em que o lenhador te marque para seres cortado, e sintas o aço do machado ferir o teu tronco, talvez desejes trocar comigo...

INFALIVEL

Seu Pancracio estava se queixando da vida: —Pois é, seu Bolonha. — Esta protuberancia, aquí na tésta, é o meu maior tormento. Não ha remédio que faça efeito. Já experimentei de tudo . . .

— Pois, meu amigo, eu conheço um remédio que não falha !
— Oh! Por favôr, seu Bolonha. Diga-me ! Que devo fazer ? Eu ficarei muito agradecido ! ! !

— E' simples, diz Bolonha. — Pégue uma porção de cêra, déssa de lustrar o chão, e passe uma léve camada sôbre o "galo" friccionando-o, em seguida, com um pano de flanéla . . .
— Já sei! O "galo" vai desaparecendo . . .
— Não. O "galo" não desaparece. Mas fica lustrôso ! ! ! Brilhando que é uma beleza ! ! !

A TARTARUGA
Era uma vês um sultão poderoso, muito bom para os seus vassálos, justo, caritativo e magnânimo. Mas, como não há ninguem perfeito, Omeyan — era o seu nome, — tinha um defeito: era incorrigivel falastrão.
Quem mais sentia com isso era o grão-visir Namur, seu dedicado servidor, amigo e conselheiro, homem de grande discreção e sabedoria, e que, como o monárca, só desejava o bem de todos, aconselhando sempre para o direito e a justiça.
Certa vez, em que passeiavam pelo jardim do palacio, Namur pediu ao Sultão licença para lhe contar uma história. — Conta-o, se te apraz, meu dedicado Namur — disse o soberano. Ouço-te sempre com prazer. Não é debalde que te chamam "Namur, o sabio". Inclinando-se, agradecido, o grão-vizir começou, então, a história:
Há muitos anos — disse êle — vivia num formôso lago, perto das montanhas, uma tartaruga cuja existência transcorria tranquila e feliz, sem mais preocupação do que passear pelas margens do lago, procurar alimento e tomar banho para se refrescar.
Ora, certo dia passavam por ali, vôando, dois patos selvagens, e como estivessem cansados e o sitio lhes parecêsse aprasivel, desceram, para descançar. A viagem que faziam era longa e a quietude das águas do lago era mesmo uma grande tentação...
Mal tinham pousado eis que avistaram a tartaruga, que logo os saudou delicada e atenciosamente.
Depois de nadar, mergulhar e descansar um pouco, um dêles lhe disse: — O lugar onde vivemos é mais lindo que este. — Porque não vens conôsco? — perguntou o outro.

Ai de mim! respondeu a tartaruga. Se pudesse, bem que o faria, pois estou enjoada de vêr sempre as mesmas paisagens. Este lago já é pequeno para mim. Mal posso nadar, aqui... Mas, como poderia ir para lá, se não posso vôar?
Por isso, não seja a dúvida — disse um dos patos. — Nós te levaremos. Se não vês inconveniente... A única condição é não abrires a bôca durante a viagem. — Isto é fácil — respondeu a tartaruga.
—Ótimo! Aqui temos, então, este pau. Tu o seguras com a bôca fortemente... — Para que? — perguntou ela. — Para vôares conôsco. Por nossa vez nós o seguraremos com os nossos bicos. Vôaremos, então, e irás pelo espaço conôsco.
Tudo combinado, os patos seguraram as extremidades do pau, que ela mordía no meio, e alcançaram vôo. Antes de vôar êles lhe recomendaram: Amiga, é bom não esquecer: não deves abrir a bôca, no caminho!
Mas eis que dois camponêses que estavam perto, ao vêr aquilo sol. taram exclamações e um dêles disse ao outro: Aquilo deve ser bruxaria! Ao ouvir isto, a tartaruga não se conteve. Abriu a bôca, para falar e veio ao chão, morrendo.
— Já vês, Senhor — terminou o Grão-Visir, o que custa ser falador. Aquêles que não sabem conter a lingua, por maiores que sejam, acabarão por se perder, como a tartaruga. — Omayan compreendeu a lição e, desde então, deixou de ser o falastrão que era, o que, para dizer a verdade, muito sacrifício lhe custou.

— PEÇO-TE, papai, que me deixes ir à caça.

— Não, meu filho. Posto que sejas um bom atirador e excelênte cavaleiro, não consentirei tal fantazía. És muito criança ainda para tomar parte na comitiva do rei... Temo de sua parte uma censura que, por ser real, não deixaria de ser desagradavel.

— Sua Majestade não me verá em sua escolta. Não quero aproximar-me dêle, mas simplesmente seguir de longe os caçadores para assistir às suas proêzas.

— Se assim é, meu filho, consinto. Pede a João para selar o "Andorinha". E êle te acompanhará montado no "Gavião".

— Obrigado, papai.

Tendo beijado respeitosamente a mão do duque de Olivares, o pequeno Carlos partiu aos saltos para anunciar ao criado que tinha obtido autorisação de seu pai.

Algumas horas mais tarde ouviu-se na floresta o som da trompa.

O rei, cercado de principes e da mais alta nobreza, procurava divertir-se nessa caçada habilmente preparada.

Alguns salteadores iludindo a vigilancia dos guardas estavam escondidos por detraz das árvores, a ver se podiam conseguir alguma coisa, quando um cavalo preto passou junto dêles em disparada, indo dar de encontro a uma árvore. A pancada foi tão forte que o animal tombou por terra.

Os salteadores, mais que depressa, avançavam para animal. Era o "Andorinha".

Sem perder tempo, tiraram-lhe os arreios com incrustações de prata e lavores e foram escondê-los, pois um outro cavalo se aproximava, como perseguindo o primeiro.

Ao caír da noite, êsses homens, que haviam tapado o esconderijo para não serem vistos, ouviram bater.

— Quem é? — perguntou um dêles.

— Um viajante perdido.

Era uma voz de criança. Entre as taboas mal reunidas que formavam a cabana um dêles olhou e avistou um menino que parecia muito fatigado.

Posto que o recemchegado fôsse fraco e estivesse sem armas, inspirava no entanto certo receio.

— Continue seu caminho — gritaram êles, — aqui não se recebe pessôa alguma a estas horas.

— Oh! por favor, — gritou Carlos, — deixam-me entrar um instante, não posso caminhar mais.

E dizendo estas palavras, teve uma sincope e caíu.

Quando voltou a si sentiu um gosto agradavel na boca. Era um reconstituinte que lhe haviam ministrado.

Viu-se deitado num leito de palha e à luz de uma lanterna fumarenta, alguns homens de pé e outros sentados na terra conversavam em voz baixa. Compreendeu que falavam dêle e julgando proceder corretamente, disse:

— Agradeço aos bons amigos, a hospitalidade que me concederam. Meu pai, o duque de Olivares há de saber recompensa-los.

Tais palavras produziram no bando um efeito inesperado.

— O duque de Olivares,— gritou um dêles — é nobre de mais para agradecer-nos. Êle persegue de um modo atroz os pobres larapios que furtam uma galinha para matar a fome.

Carlos levantou-se num salto.

— Estão muito enganados, — acudiu êle. — Meu pai é generoso. Sabe recompensar uma bôa ação e há de poupa-los.

— Que dizes, Domingos? — perguntou um dos homens àquêle que parecia o chefe.

— Vou interrogar o menino e depois veremos o que fazer dêle.

Interrogado, Carlos respondeu que o animal que montava assustado com o barulho da caçada, tinha-o deitado por terra, partindo a galope. Seu creado João montando "Gavião" tinha ido à procura do animal fugitivo.

A criança não sabia dizer se o havia apanhado.

Tal dúvida fez sorrir os salteadores, que se olharam maliciosamente.

— Agora, — continuou êle, — poderei ir ter ao palacio, se me indicarem o caminho.

— E' muito tarde para ir tão longe, — respondeu o chefe. — Amanhã te indicaremos.

O menino não quiz insistir, pois além de tudo estava muito cançado. Tornando a deitar a cabeça no travesseiro, dormiu até a manhã do dia seguinte.

Foi despertado finalmente por um ruido de vozes, por uma altercação violenta a seu respeito. Compreendêra, Carlos que se ocupavam dêle, os bandidos.

— Sómente os mortos não falam, — dizia um. — Já disseste isso muitas vezes Domingos, — respondeu o outro.

— O menino nada viu, nem ouviu, — disse o chefe. — Não gosto de praticar crimes inuteis.

— Êle irá com certeza contar a nossa aventura e estamos perdidos.

O menino ouvia tudo isso aterrorizado.

— Por mim, — acudiu o chefe, — estou persuadido do contrario; que nossa vida depende da sua existência; seu desaparecimento prolongando-se, virão fatalmente procura-lo. Nosso esconderijo será descoberto e tudo que aqui temos será levado... Então sim, é que estaremos perdidos, seremos reduzidos à miseria.

— Talvês.

— E' preciso dar uma solução ao caso, — acrescentou um salteador.

O chefe hesitára em responder Não sabia qual dos partidos tomar, quando alguem lhe tocou no hombro. Voltou-se. Era Carlos.

A PROMESSA

— Ouvi tudo — disse o menino — e posto que não tema a morte, peço misericórdia... Sou o filho único de meu querido pai, que tudo fará para vingar-me ou me salvar.

Devem estar à minha procura, e se aqui me demorar por mais tempo, será um perigo para os senhores.

— Meu menino, não podes fazer essa caminhada sózinho. Mandar-te-ei levar até a meio do caminho e o resto farás por ti mesmo.

— Quem te diz que não nos vai — trair? — acudiu um homem que parecia o mais feroz dos bandidos.

— E porque hei de eu fazer mal a quem me fez bem? — perguntou Carlos.

Falára com tanto desembaraço e franqueza, que os bandidos ficaram condoidos da sua sorte.

— Meu menino —, disse o chefe, — um motivo nos leva a manter-nos escondidos de todos; se um dia vierem a saber por ti onde estamos, a nossa vingança será terrivel.

— Tal ameaça é inutil, — respondeu Carlos com altivez. — Todos os meus antepassados foram leais. A exemplo de Olivares, nunca faltarei a uma promessa, sob palavra de honra... Prometo que não serão perseguidos por minha causa...

Estas palavras foram ditas, com tanta nobreza e segurança, que ninguem ousou desconfiar da sua sinceridade.

— Como o caminho não é curto, e deves estar fraco, acho bom comeres alguma coisa antes de partir.

O menino foi obrigado a aceitar a refeição e alguns minutos mais tarde, uma mulher, levantando uma cortina no fundo da cabana, entrou trazendo muitas iguarias que colocou sôbre a mesa tosca.

O chefe assistia sentado e os outros de pé esperavam suas ordens.

— Proponho bebermos à saúde do duque de Olivares e de seu filho, hoje nosso hospede — lembrou um homem barbado.

Houve um profundo silêncio, — e ninguem se recusou a bater o copo, esvasiando-o em seguida.

Carlos achou o vinho muito bom e o chefe dos bandidos, fê-lo beber varias vezes. — Como não havia de ser bom, — disse um dos bandidos — se foi tirado da adega do...

— O chefe deitou-lhe um olhar rancoroso e o salteador não terminou a frase.

Essa circunstancia não escapou a Carlos, que estava ancioso por se ver fóra daquêle antro.

Ficou muito contente quando Domingos, colocando o chapéu de feltro que lhe encobria parte do rosto, fez sinal a um dos homens para selar o cavalo.

Pouco depois o cavalo estava pronto.

— Hás de me desculpar, — disse o chefe, — mas vou vendar-te os olhos. Não deves cá voltar por mais agradavel que seja a visita.

O menino julgou chegada a sua última hora, mas Domingos, colocando-lhe um lenço nos olhos, pegou-o e levantou-o para a garupa do animal, partindo em disparada.

Depois de muitas voltas inuteis, sómente para enganar a Carlos, o bandido parou.

— Chegámos, — exclamou Domingos — não te posso conduzir mais longe. Pódes tirar o lenço.

Carlos obedeceu e viu que se achava nos fundos do castélo. Preparava-se para descer, quando o bandido tomando-o pelo braço disse:

— Que vais fazer?

— Contornar o bosque para entrar em casa.

— E' muito longe... Vou encurtar-te o caminho.

E assim dizendo, levantou Carlos e fê-lo passar por sôbre o muro, deixando-o cair sôbre a relva. Carlos levantou-se atordoado.

— Estás ferido? — perguntou o bandido.

— Não... agradecido.

— Bom, não te esqueças da promessa.

— Dei minha palavra de honra.

— Então adeus!...

— Adeus, Sr. Domingos...

O menino, muito contente por se vêr em casa deitou a correr enquanto o bandido voltava a floresta.

Passado um ano, morreu o duque e Carlos ficou como o único herdeiro do castélo onde vivia com sua mãe e alguns criados.

Os bandidos, que não deixavam as casas da cidade, nunca lá foram com grande espanto de todos, que não sabiam explicar a causa. Nenhum homem, que se dissésse criado do joven duque, era atacado pelo bando e quando tal acontecia por um engano entregavam-lhe o que lhe haviam roubado, pedindo mil desculpas.

Carlos ouvia comentar o fato mas nunca se manifestava, posto que fôsse êle o único sabedor do segredo.

Perseguidos pelos habitantes do país, os salteadores resolveram deixar a cidade. No dia seguinte a essa resolução, o camarista de Carlos, dirigiu-se para o celeiro e ficou muito surpreso, encontrando a porta aberta.

— Ah! — exclamou aterrorisado, — os bandidos da floresta vieram nos fazer uma visita!...

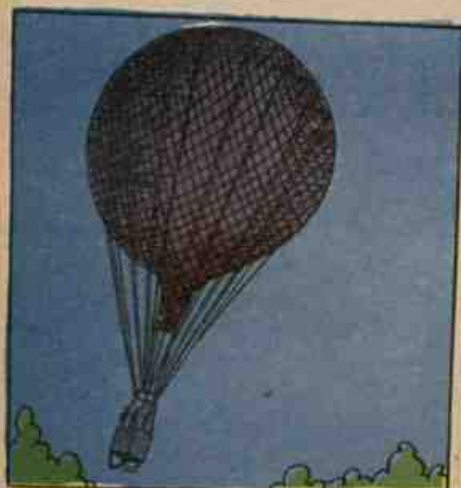
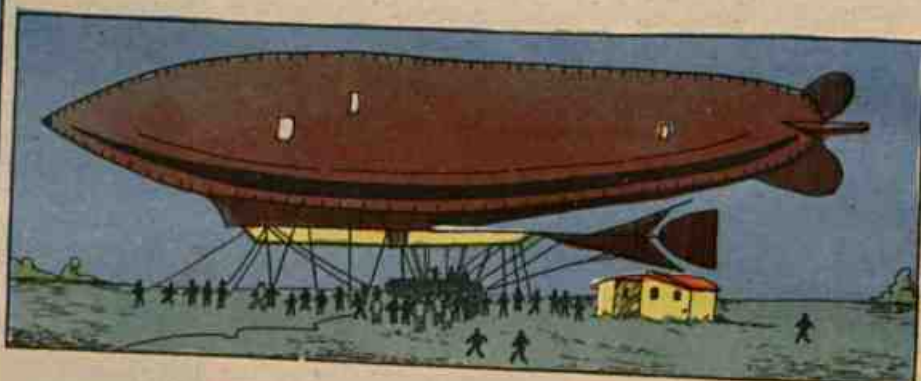
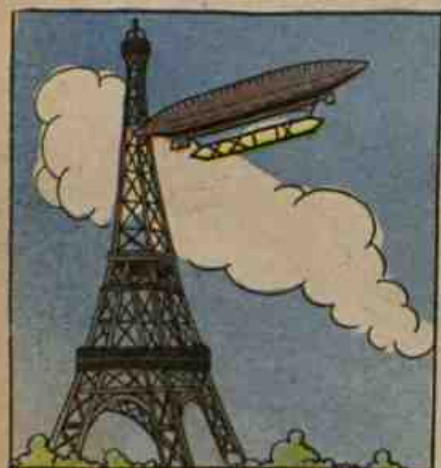
Chamou, gritou, procurou, mas em vão, ninguem lhe respondia. Ia saír, quando encontrou um embrulho e sôbre êle um papel escrito. Abriu-o e viu que eram os arreios do "Andorinha" que os bandidos haviam trazido com um bilhete de Domingos, agradecendo a Carlos, o cumprimento da promessa que fizéra.

HOMENS CÉLEBRES

Santos Dumont

Alberto Santos Dumont, ilustre aeronauta brasileiro, descobridor da dirigibilidade dos balões, nasceu no município de João Gomes, depois Palmira, hoje Santos Dumont, no Estado de Minas Gerais, aos 20 dias do mês de Julho de 1873.

Dedicou-se desde criança a diferentes gêneros de desporte, e cedo lhe veio a idéia da conquista do ar. Frequentou os melhores Colégios de São Paulo, realisando estudos especiais sôbre os problemas da navegação aérea, de que se tornou um dos mais esforçados pioneiros.

Em 1892 seus pais vão à Europa para tratamento de saúde, e êle acompanhou-os, resolvendo ficar, afim de aperfeiçoar os seus estudos. Fixa residência por algum tempo em Paris, depois em Londres. Aí, com grande paixão, dedica-se ao estudo das ciências físicas, principalmente à mecanica, que fôra desde criança a sua grande preocupação.

Em 4 de Julho de 1898 sobe ao ar no seu primeiro balão, o "Brasil", no Jardim da Aclimação. Este pequeno aparelho de forma esférica, cheio de gás, feito de sêda japonêsa, cubava 113 metros, e pesava 27 quilos. Com o "A Música", seu segundo balão, com 500 metros de cubo venceu um...

...concurso, entre 12 concorrentes, subindo mais alto e manobrando no ar 23 horas. Reconhecendo que os balões esféricos não eram muito eficiêntes, mandou construir um balão em forma de charuto. Era o "Santos Dumont n.° 1". Media 25 metros de extensão, 1,75 de raio e cubava 600 metros. Êsse não chegou a subir, pois rasgou-se no momento devido a uma manobra falsa. Dumont não desanimava. Outros balões iam sendo construidos, e aperfeiçoados. As experiencias se faziam com o risco da sua própria vida. Sofreu varios acidentes, nas felizmente saía ileso. Novas construções. Novas experiencias. Novos sucessos.

Em Agosto de 1900, com o "Santos Dumont N.° 4" ganhou o premio de 100.000 francos, fazendo a famosa volta em torno da Torre Eiffel, em 30 minutos, tempo marcado para vencer o premio, positivando assim a vitória definitiva de seu genial invento.

Um ano após, 1901, obteve novo premio com o "Santos Dumont n.° 6", o que deu largas e apaixonadas controversias. Recebido o premio, 100.000 francos, distribuiu-os pelos pobres e pelos seus operários. Mais tarde, demonstrou a possibilidade de vôos com aparelhos mais pesados que o ar, obtendo excelentes resultados com os seus tipos de aeroplanos.

Santos Dumont, considerado o pai da aviação, era membro da Academia Brasileira de Letras, e de várias Associações Literárias e Cientificas. Faleceu em Santos, no Estado de São Paulo, a 22 de Julho de 1932, sendo erigido em homenagem ao seu grandioso feito, um belo e expressivo monumento.

FELIZ ANO NOVO!

O Fagundes estava dispôsto a passar um "ano-novo" feliz, cheio de coisas bôas.

Mas começaram a aparecer os felicitantes pela entrada do novo-ano...

...porteiro do apartamento, carteiro, lixeiro, guarda noturno...

...e lá se foi todo o cóbre que êle reservára para as suas festas, que...

...ficaram reduzidas a um simples e minusculo cafézinho...

ABU E NIUTYN

NÃO há muitos anos que vivia em Bagdad um homem bem pobre chamado Abu, que apenas ganhava o necessario para matar a fome. Era, porém, honesto e crente em Deus, fugia do pecado e respeitava os mandamentos.

Um dia, vendo que já não podia subsistir, resolveu mudar de logar, e procurar em outra cidade alguma melhora da sorte. Vendeu os poucos trastes que possuia, e principiou a viagem projetada com um sequim no bolso.

A uma legua da cidade, Abu encontrou outro viajante, com o qual travou conversação, contando-lhe que ia em busca da fortuna, já que esta não o vinha procurar.

— Bem, disse o outro, que se chamava Niutyn, — se quizeres te acompanharei, e faremos bolsa comúm.

E entregou a Abu dez sequins, que constituiam a sua fortuna. Com os onze sequins, que então possuiam, os dois viajantes se julgaram mais ricos que soberanos, e continúaram alegremente o seu caminho.

Um dia, depois de penosa viagem, chegáram às portas de uma grande cidade, onde um pobre pedia esmolas. Abu, obedecendo à voz da comiseração, deu ao mendigo um sequim.

Esta generosidade enfureceu Niutyn, que exclamou:

— Já que estás tão louco para esbanjar a nossa fortuna, pódes seguir sósinho o teu caminho; restitue-me o meu dinheiro, que não quero mais saber de ti!

E, arrancando os dez sequins da mão de Abu, afastou-se rapidamente.

O misero Abu, sem um ceitil, ficou bem triste e abatido, quando desapareceu aquêle que já se havia acostumado a considerar como bom amigo. Entrou na cidade e foi parar em uma mesquita, onde passou todo o dia e toda a noite erguendo as suas preces ao céu.

Na manhã seguinte a fome obrigou-o a sair à rua, que percorreu esperando que alguma alma caritativa lhe oferecesse uma dádiva; mas ninguem o socorreu espontaneamente, e êle não se animava a mendigar.

De repente viu um escravo abrir uma porta e atirar à via pública restos de comida destinados aos cãis. Abu arrojou-se aos óssos e principiou a roê-los vorazmente, com grande espanto do escravo. Em seguida o pobre ajoelhou-se e agradeceu a Allah o socôrro que lhe havia enviado. O escravo, porém, correu a referir tudo fielmente ao seu senhor, e como êste era um homem caritativo, pegou em dez sequins, entregou-os ao escravo, ordenando-lhe que os levasse a Abu.

O escravo, ao descer as escadas, ponderou que nove sequins já eram bastante para um pobre esfaimado, e meteu o décimo na própria algibeira.

O dono da casa, entretanto, havia chegado à janela, donde viu Abu receber o presente, e ouviu seus agradecimentos fervorosos.

Retirou-se o escravo, e Abu, contando as moedas de ouro, exclamou:

— Que cousa singular! Diz o **Alcorão** que o bem, feito aos pobres, será retribuido dez vezes, e eu só recebo nove sequins pelo sequim que dei ao mendigo. Contudo, declaro-me bem satisfeito.

E, metendo as moedas no bolso, quiz afastar-se. O amo da casa, porém que lhe havia ouvido a exclamação, o mandou vir à sua presença, e, tendo-se certificado da subtração do sequim, deu ordem que castigassem severamente o escravo infiel. Em seguida pediu a Abu que lhe contasse a sua vida, e, conhecendo pela narração que o pobre era honesto e piedoso, brindou-o com sua amizade, e mandou que convivêsse com êle. Ao cabo de um ano fez o balanço de sua fortuna, e apartou a décima parte dela que deu a Abu, dizendo-lhe:

— Meu amigo e irmão, durante um ano experimentei os teus sentimentos concienciosamente, e achei-te digno de uma bôa sorte. Toma a décima parte dos meus bens, e vai negociar, que has de ser feliz.

Abu obrou segundo as ordens do seu bemfeitor, e um ano depois Allah o havia protegido de tal modo, que era citado entre os mais ricos negociantes da cidade.

Um dia, quando Abu estava sentado no seu armazém, viu passar um individuo esfarrapado, de aspéto miseravel e doentio, e reconheceu o antigo companheiro Niutyn, que pedia esmolas com voz lastimosa. Imediatamente o chamou, fê-lo entrar e lhe perguntou:

— Então, amigo, não me conheces mais?

Niutyn, porém, não podia reconhecer, no negociante opulento e bem vestido, o companheiro que havia abandonado na miseria. Abu então revelou-lhe tudo, abraçou-o, mandou-lhe dar comida e roupa, e lhe disse:

— Não penses, amigo, que me esqueci do nosso trato antigo; a metade de minha fortuna é tua.

E no dia seguinte repartiu todos os seus bens com o companheiro infiel, aconselhou-o a que estabelecêsse tambem uma casa de negócio, e auxiliou-o em tudo quando estava ao seu alcance.

Com êste procedimento nobre e desinteressado, deveria ter grangeado a gratidão de Niutyn; mas êste, perverso, só cogitava nos meios de pagar o bem com o mal.

Algum tempo depois da partilha, veio ter com Abu, propondo-lhe que vendessem tudo, e com o produto da venda fôssem correr terras, para aumentar mais depressa a sua fortuna.

Resistiu Abu por algum tempo; mas por fim cedeu aos rógos do falso amigo e, depois de terem convertido os seus bens em moedas de ouro, partiram para a cidade de Mussúl, afamada pelo seu comercio extenso e importante.

No meio de um deserto, que tinham de atravessar, chegáram a um pôço, onde paráram para pernoitar. Soltáram os seus camêlos, e Abu disse a Niutyn:

— Vou descer a êste pôço em busca de água frêsca. Ata-me uma côrda pela cintura, e baixa-me; depois de eu ter enchido os ôdres, me pucharás pela côrda.

Niutyn, que de há muito só cuidava em roubar o amigo e abandona-lo, alegrou-se com a lembrança de Abu, que tão bem lhe favorecia os planos, e desceu-o ao fundo do pôço. Cortou então a côrda, e gritou para baixo:

— Fica-te na tua côva, onde has de morrer! — E, montando em seu camêlo, tomou o outro pelo cabêstro e fugiu, deixando o pobre Abu expôsto à triste sorte de morrer de fome.

Abu ficou muito penalizado pela traição do companheiro, ao qual havia mostrado tanta amizade; contudo não o condenou, tratando, pelo contrário de desculpa-lo com a ponderação de que a sêde do ouro o havia cegado. Ergueu o pensamento a Deus, e preparou-se a morrer como crente fiél.

Quando já as sombras da noite o envolviam, ouviu no pôço as vozes de dois genios que conversavam. Dizia um dêles:

— Por fim, consegui perturbar o espirito da princeza de Mussúl e enlouquecê-la. Assim me vingo do pai dela, que outróra me ofendeu cruelmente. Ninguem póde cura-la, se não a aspergir com essência do fel da terra, em uma sexta-feira, durante o oficio divino na

mesquita; é o único rémedio, do qual tão facilmente ninguem se há de lembrar.

Disse o outro:

— E eu fui mais feliz ainda; descobri, perto de Mussúl, no monte Caleb, um tesouro inesgotavel de ouro e pedras preciosas; só póde dar com êle quem imolar no cume do monte um galo branco e regar o chão com o seu sangue, porque então a terra se abre revelando o que seu seio esconde. Não tenho medo, porém, pois que ninguem se ha de lembrar disto. Calaram-se os genios, e pouco depois desaparecêram pelos ares. Abu, porém, havia notado tudo quanto disseram, e pediu fervorosamente, a Allah que o salvasse.

No dia seguinte, uma grande caravana que ia para Mussúl parou no pôço para refazer-se de agua fresca. Abu ouviu o tropel, gritou por socôrro, e foi retirado do pôço, pelos viajantes, aos quais contou que por descuido havia caído, para não ter de acusar o amigo falso. Foi socôrrido pelos negociantes com alimentos, e com êles seguiu a Mussúl, onde foi procurar logo o Sultão, e lhe disse:

— Senhor, conheço o meio infalivel de curar a tua filha da cruél doença que lhe roubou a razão. Não exijo recompensa; só peço que perdôe a vida ao pobre médico que hoje, por ordem tua, e por não ter podido curar a princeza, deve ser executado, como me contáram no caminho.

Fitou o Sultão severamente Abu e lhe disse:

— E sabes que tú mesmo morrerás se não me curares a filha?

— Não o ignóro, Senhor, — retrucou Abu, — mas não tenho medo. Faze o que pedi e não te has de arrepender.

O Sultão deu ordem que suspendessem a execução, e levou Abu aos seus aposentos, onde o tratou com régia hospitalidade.

— Determina, Senhor — disse Abu, — que na sexta-feira se façam preces na mesquita com assistência da enfêrma; no mesmo dia ela ficará curada.

— Por ordem do Sultão dispôz-se tudo como Abu o havia indicado, e, na hora marcada, o soberano conduziu a princeza ao templo cheio de crentes. Durante a oração Abu tirou do bolso um frasco com essência de fél da terra, e aspergiu de repente o rôsto da doente. Ouviu-se ao lado déla um grito estritente; a princeza ergueu a cabeça e reconheceu com clareza de espirito seu pai e sua comitiva: achava-se completamente curada.

O sultão soltou gritos jubilosos, abraçou a Abu, e estava tão contente, que lágrimas de satisfação lhe corrêram pelas faces.

Acompanhado pelas aclamações do povo, o soberano dirigiu-se com a princeza e Abu ao palacio, onde perguntou ao salvador de sua filha:

— Como poderei agradecer-te? Pede a metade de meu reino e eu te darei: pede a minha vida e será tua! Pede o que quizeres, e eu te concederei.

Abu, porém, nem pediu o reino, nem a vida do Sultão; outros eram os seus desejos, e êle respondeu:

— Visto que queres por força recompensar-me, dá-me então a mão de tua filha, que muito amôr me despertou.

— Toma a princeza, disse o Sultão, que bem a mereceste.

Abu abraçou e beijou a princeza, e disse ao Sultão:

— Trataste-me como verdadeiro soberano, concedendo-me a mão de tua filha, quando me supunhas pobre e miseravel. Amanhã, porém, verás os meus tesouros, e compreenderás que sou mais rico que o mais poderoso do mundo. Basta que mandes dar-me um galo branco.

Sorriu o Sultão, porque já havia sabido que Abu chegára pobre e necessitado com a caravana; contudo, mandou fornecer-lhe o galo branco que pedira. Na madrugada seguinte Abu partiu com dez camêlos para o monte Caleb; imolou o galo, e, tendo-se aberto a terra, penetrou em uma caverna esplêndida, onde encontrou diamantes do tamanho de um ôvo de pomba, rubís e outras pedras maiores ainda, e milhares e milhares de barras de ouro. Carregou os seus camêlos tanto, que se dobráram sob o pêso, e tocou-se para a cidade entrando no pátio do palacio, onde exclamou:

— Vem, senhor meu sôgro, vem vêr o que eu trago.

Quando o Sultão viu as grandes riquezas que Abu havia trazido, ficou estático, e prorrompeu depois em exclamações entusiasticas.

— Não é nada, disse Abu; rogo-te que aceites esta bagatéla como mimo do teu genro. A mim não me faz falta, porque possúo mil vezes mais do que isto.

Desfez-se o Sultão em agradecimentos, e deu suas ordens para o casamento que teve logar no mesmo dia, com grandes festas populares e esplendor nunca visto.

Pouco tempo depois Abu viu da janela do seu palacio um homem maltrapilho, que pedia esmola. Reconhecendo Niutyn, o companheiro traiçoeiro, mandou chamá-lo à sua presença, e lhe disse:

— Aposto que não me reconheces. Pois bem, sou Abu, o companheiro que condenaste a morrer de fome no fundo de um pôço. Mas não te quero mal. Tua perversidade me serviu para alcançar grandes honras e riquezas, e casar com uma formosa princeza. Por isto te perdôo, e vou pagar-te o mal com o bem.

Em seguida mandou dar-lhe um banho perfumado, vestuario suntuoso, e servir-lhe um verdadeiro banquete, durante o qual lhe contou como surpreendêra no poço a conversação dos genios.

Admitido como comensal no palacio, Niutyn ralava-se de inveja. Um dia lembrou-se que talvez lhe fôsse proveitoso assistir a uma das conferências dos genios no fundo do pôço; quiçá lhe indicassem um meio para desgraçar Abu, sonho predilêto daquêle miseravel.

Deixou o palacio, dirigiu-se ao deserto, e ao caír da noite escondeu-se no pôço.

Não tardáram os genios em comparecer.

Dizia um:

— Irmão, algum astuto nos surpreendeu os segredos, porque a princeza foi curada.

Acrescentou o outro:

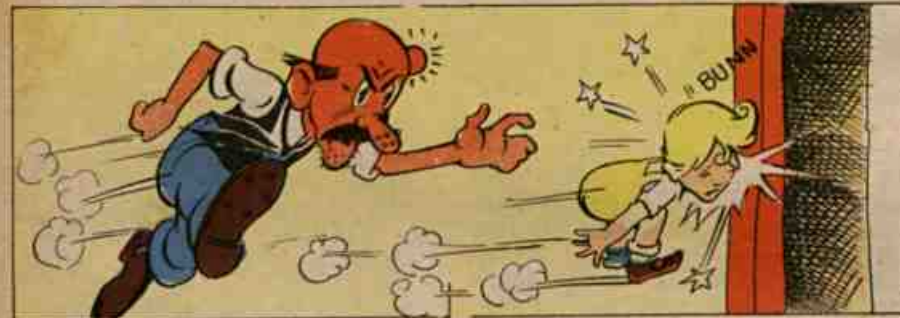
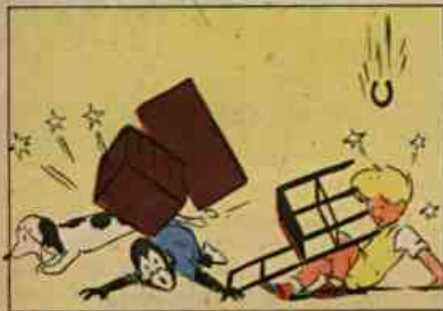
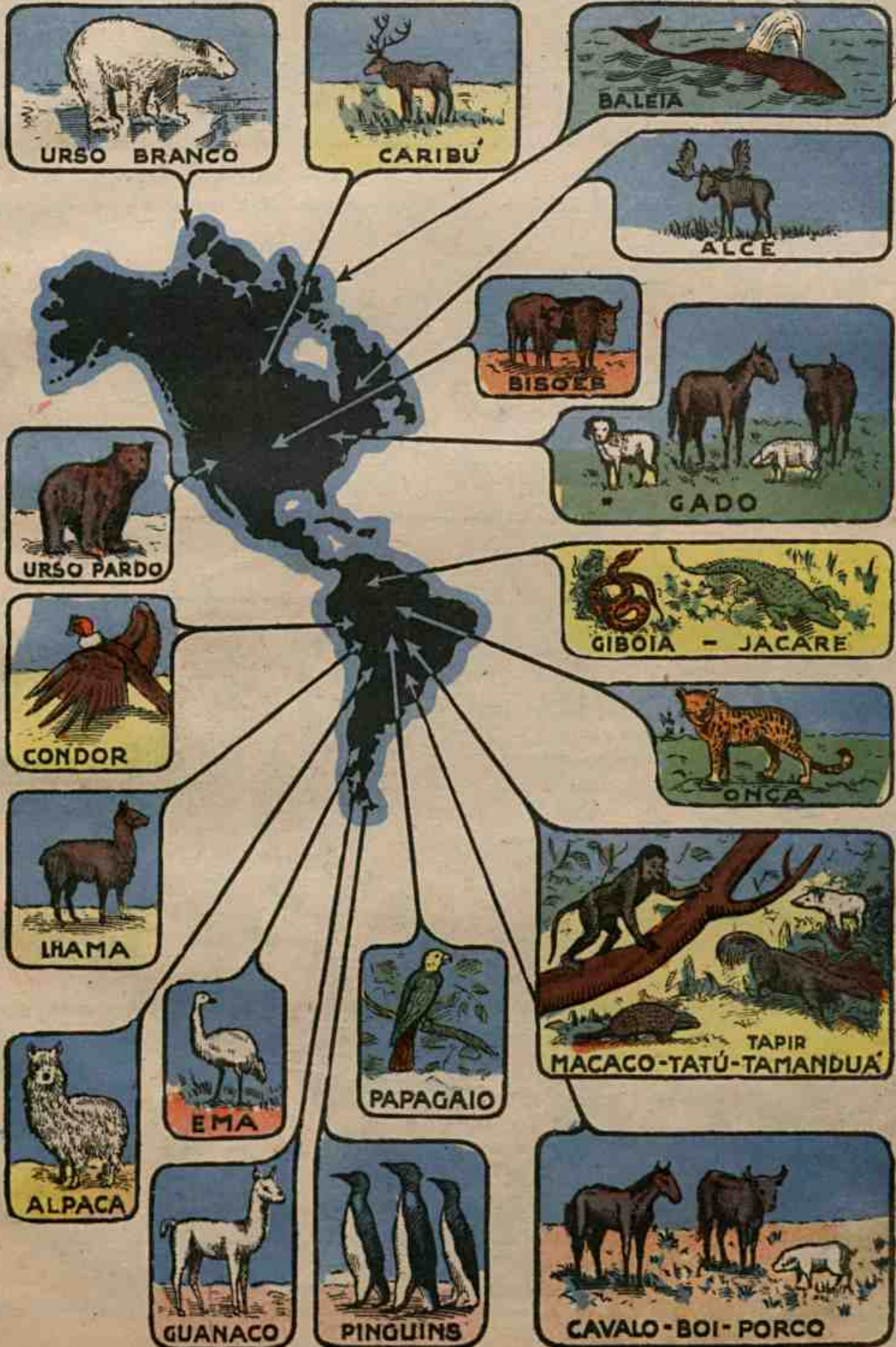
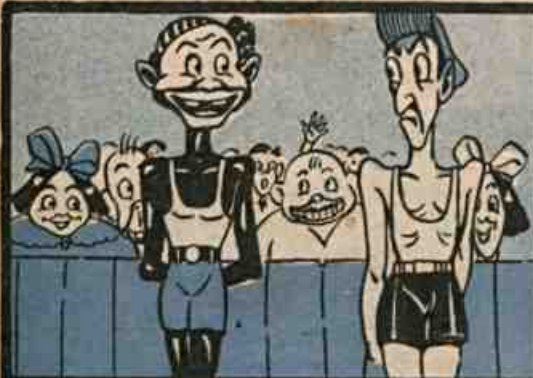
— E o meu tesouro foi surripiado. Desconfio dêste maldito pôço...

— Pois, então, entulhemo-lo, respondeu o primeiro.

E imediatamente puzeram mãos à obra, lançando grandes pedras e terra no pôço, enterrando o miseravel Niutyn, em paga de suas maldades.

Abu, porém, levou uma vida longa e feliz, em recompensa de suas virtudes.

A Ferradura

UMA FERRADURA, QUE SORTE!
VOU COLOCA-LA SOBRE O PORTAL
A ADEIRA ESTA CAÍNDO!
JA VOU DESCENDO
PONNNNNN
PINNNNNN
FOI SEM QUERER, TITIO!
?
BUNN
BUNNNNNNN
PAREI CONTIGO AZAR
STORNI

FAUNA
DO CONTINENTE AMERICANO
URSO BRANCO
CARIBÚ
BALEIA
ALCE
BISOES
GADO
URSO PARDO
CONDOR
GIBOIA - JACARÉ
ONÇA
LHAMA
TAPIR
MACACO-TATÚ-TAMANDUÁ
ALPACA
EMA
PAPAGAIO
GUANACO
PINGUINS
CAVALO-BOI-PORCO

RUBIÁCEA, FARÓFA E OURO BRANCO

Aqui estão os dois contendores, Ouro Branco e Canudinho, que vão disputar tres provas de campeonato: natação, corrida ...sa e equitação.

Ei-los nadando! O pretinho vem à frente, deixando o concorrente numa enorme bagagem... Quem diria? A meninada Tórce desabaladamente...

Ganhei a primeira!! Agora vem a mais dificil...

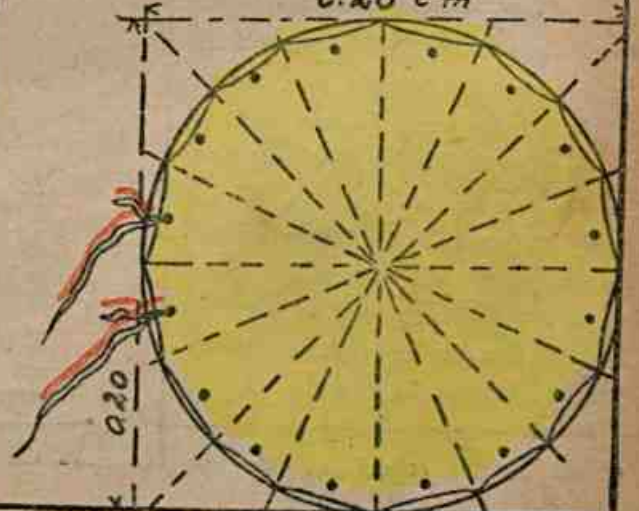
Larga! — gritou o juis. E os dois sairam em louca disparada... Agora é que é preciso vêr quem tem garrafas vasias para vender...

O negrinho vai na frente. Como côrre! Como é veloz! Parece que Canudinho tambem não levará vantagem desta vez... Será que vai perder? Já veremos. Ei-los que chegam!

Ganhei, pessoal! Estou mesmo **afiado!** Ganhei esta e vou ganhar a terceira prova!

E ganbei a terceira tambem Agora, quero agradecer a Rubiácea, que...

...foi quem me ensinou que só com treino metódico, com exercicios diarios e bem feitos se consegue ganhar qualquer prova esportiva. — Obrigado, menina!

PÁGINA DE ARMAR
(Vêr explicação em outra página do Almanaque)
PARAQUEDAS REDUZIDO
0.20 cm
0.20
O PARAQUEDISTA

As pescarias do Artúr

O Nascimento, guarda-livros de uma antiga firma, costumava voltar para casa invariavelmente à mesma hora. Jantava, tomava do jornal e ia refestelar-se na cadeira de balanço da varanda.

— Que é feito do Artúr? — perguntava à esposa, que, após o jantar, ficava na cosinha a lavar os pratos.

— Saiu para pescar e nem para o jantar voltou, como você já sabe.

— Ora, pílulas! Êste menino está com jeito de se tornar um vadío!

— Não diga isso, Nascimento. Êle ganha os melhores pontos na classe.

— Mas, nunca o vejo estudando. Ganha por "bamba" ou, então é muito inteligênte, como... o pai.

— Desde que se sáia bem, deixemo-lo continuar. Êle vai pescar todos os dias, quando não chove.

— E, até agora, ainda não vi peixe nenhum que êle trouxesse p'ra gente comer...

— Só pescador manhoso é que apanha peixe. Enfim, se êle continúa a pescar é porque se diverte. Melhor isso, do que gastar sapato jogando futeból na rua.

Diariamente, acabadas as aulas, depois de sua refeição, Artúr tomava do caniço, linha, anzol, minhocas numa latinha cheia de terra úmida, colocava em baixo do braço um grande livro e dirigia-se para um barranco que dominava uma curva do rio Jaguarà.

— Para que levar êsse livro? — perguntou pela primeira vez a mãe.

— E' para sentar-me em cima dêle. A herva é humida.

— Coitado do livro!

O que, na verdade, fazia o Artúr quando chegava ao seu posto predilèto de pescaria, não era propriamente pescar, mas lêr o livro, estudar, enquanto a linha com isca e

anzol ficavam mergulhados no rio, à espera de algum peixe tolo que abocanhasse a minhoca.

Mas, parecia que também os peixes tinham seus livros para ler, porque nenhum dêles se interessava pela isca ou, se algum o fazia, era tão matreiro que engulia a isca e cuspia no anzol.

No caminho que conduzia à beira do rio onde Artúr ia pescar, existia uma cruz de madeira, simples, desde aquêle dia fatal em que um bom homem fôra morto por um ladrão. Havia, ainda, na cidade, quem se lembrasse do fato e lastimasse a morte do Casimiro, e, sobretudo, a jovem Alda, sua filha, a qual não deixava de orar ao pé cruz, sempre que ali passava.

Artúr via a mocinha ajoelhada ao pé da cruz e ficava imóvel, cabisbaixo, comovido e, depois, quando a via afastar-se tristemente do lugar, meneava a cabeça e entregava-se a reflexões que só êle sabia.

Várias vezes acontecêra ao Artúr fazer bôa pescaria, e como êle sabia que em sua casa não faltava comida, se, por acaso encontrava algum garoto maltrapilho, dava-lhe uma porção de peixes, só guar-

dando alguns para que sua mãe os cozinhasse.

Um dia Artúr resolveu tomar outro caminho e escolher outro lugar para pescar, enveredando pela estrada muito frequentada por automoveis, até chegar à ponte sôbre o Jaguará. Sentava-se no espigão da pegada da ponte e ali pescava ou fingia pescar. Certa ocasião êle ouviu um ruído forte que abalou a ponte, sob a qual se achava e, de repente, viu um automovel rodopiando no ar, para logo depois mergulhar no rio. Um desastre !

Artúr não perdeu tempo. Bom nadador, atirou-se nágua e com poucas braçadas alcançou o carro que ficára atolado ao pé do barranco. Viu uma perna saindo dágua e agarrou-a, puxando com quanta força dispunha, chegando assim a salvar um homem, no momento em que ia afogar-se. Com esforços inauditos arrastou-o para a beira do rio e logo perguntou:

— Estava sózinho ?

— Sim, felizmente. Devo-lhe a vida, menino. Sem você eu teria morrido. Não sei nadar...

Artúr pediu ao homem para esperar e, às carreiras, foi buscar socôrro na cidade, de onde voltou com muita gente disposta a retirar o carro do rio assim como fazer os curativos no homem que estava ferido.

Artúr recebeu as felicitações da cidade, pelo seu áto heróico, mas, sendo muito modesto, ao retirar-se, nada contou aos pais.

O Nascimento, pai do Artúr já estava em casa, estirado na rêde, de papo p'ro ar pensando em cálculos de juros e outros problemas de contabilidade, quando o pequeno entrou, trazendo o caniço, mas peixe nenhum.

— Então, Artúr ? — perguntou o pai — Fôste pescar, mas não trouxeste nem um peixinho para amostra ?

— O que pesquei hoje era muito grande, papai — respondeu Artúr.

— Devia ser maior do que tu. Cuidado, podia arrastar-te para o rio.

— Atirei-me nágua para apanha-lo. Pesquei-o, mas, coitado, quasi ia se afogando.

— Peixe ... afogar-se ? Essa é bôa !

O Nascimento achou graça, longe de adivinhar o que o Artúr queria dizer. Mas, não demorou que uma verdadeira multidão se fôsse postar à porta da modesta casa de Artúr, aclamando-o. À frente vinha o homem que dirigia o automovel sinistrado. Procuravam o Artúr e foi com susto que os pais dêle foram abrir a porta. O Artúr procurava um lugar para esconder-se, mas, avistado em tempo foi cercado e suspenso no ar, em triúnfo.

— Êste menino salvou-me a vi-

(*Continúa na pág. seguinte*)

ASSIM SE DESENHA UM ELEGANTE

da — explicou o homem, abraçando o garoto com grande emoção. Venho aqui felicitar os pais dêste pequeno herói e dar-lhe a recompensa que merece.

— Agora compreendo! — exclamou o Nascimento. O peixe grande que êle disse ter pescado era então... o senhor?

— Eu mesmo. Sou Rodolfo Seixas, tio de Alda, e vinha justamente no meu carro para visita-la e leva-la comigo, quando aconteceu derrapar na ponte e cair no rio. Êste menino atirou-se à água e salvou-me antes que eu me afogasse. Sou homem de fortuna e desejo compensar seu áto.

— Fiz o meu dever e... chega — disse Artúr.

— Você deve aceitar, Artúr — entrou a dizer a jovem Alda. Meu pai, que dorme ao pé da cruz, onde vi você orar, como eu fazia, deve estar abençoando-o pela sua piedade e pedindo para que aceite o premio que meu tio quer lhe dar.

O tio de Alda tomou de um livro de xêques e assinou um dêles para uma pequena fortuna.

Artúr, emocionado com tantas demonstrações de apreço, ficára com a vóz embargada, até que, estimulado pelo pai e pela mãezinha que o abraçava ternamente, disse:

— Sempre gostei de pescar, mas nunca sonhei de pescar um peixe tão grande e... cheio de dinheiro.

— Deus te bemdiga, meu filho — disse o Nascimento com lágrimas a descer pelas faces — Eu nunca exigi que me trouxesses peixes, meu filho. Só estranhei que gostasses tanto de pescar.

As pescarías do Artúr

(Conclusão da pág. anterior)

Qual o caminho que a pequena mósca deve percorrer, partindo da pata trazeira da zebra, para atingir a cabeça do animal?

Nêsse momento um garotinho avançou entre a multidão e interrompeu:

— Êle não se importava de pescar. O que fazia era lêr muito, num grande livro. Quando êle apanhava algum peixe era a mim que êle dava, e eu levava para mamãe.

Os aplausos redobraram, após essa revelação de mais uma faceta da alminha generosa de Artúr.

De posse de uma grande soma, Artúr não se perturbou. Entregou-a aos pais e continuou a pescar. Um dia adormeceu sôbre o sofá e o pai, vendo que era hora de jantar, foi acorda-lo.

— Que é isso, Artur? Dormindo? Quem dorme não apanha peixes!

— Ora, papai, porque me interrompeu? Estava sonhando uma coisa engraçada. Pescaría grossa. Imagine, papai, sonhei que tinha pescado um diploma, depois pesquei um grande emprego, na casa do Sr. Rodolfo. Sabe? Ele tem uma grande casa de comércio e... sabe? tambem... pesquei uma irmã, pois a Alda me quer tão bem que me chama de "mano Artur".

— Chi, meu filho! Com tanta pescaria esgotarias até o mar!

— Papai, eu li naquêle livro que o coração humano póde abrigar generosidade maior do que todos os peixes contidos no mar, que não é mais profundo do que o nosso coração.

— Muito bem, meu filho. Acabas de pescar uma sentença que te vai garantir a felicidade por toda a vida.

Algumas expressões célebres

Meus meninos, há expressões que usamos frequentemente e que muitas vezes são empregadas sem que se saiba porque... Tôdas têm a sua origem. E vocês encontrarão aquí algumas delas, que eu reuni para o Almanaque d'O TICO-TICO.

CARMEN.

A TEIA DE PENELOPE

ULISSES, rei de Itaca e espôso de Penélope, havia marchado junto com outros reis aliados de Menelau, rei de Espárta, para a conquista de Tróia, afim de vingar o rapto da esposa dêste, Helena, perpetrado por Páris, principe troiâno. Terminada a conquista, Ulisses regressava à sua pátria, quando seu barco, surpreendido por uma tormenta, naufragou. Ulisses chegou a nado a uma ilha, onde foi retido pela ninfa Calipso. Como passasse muito tempo, muitos principes grêgos pretendiam casar-se com Penélope e reinar sobre Itaca. Mas Penélope, que esperava seu espôso, pediu aos pretendentes que lhe permitissem antes tecer uma fazenda para a mortalha do ancião Laertes, seu sôgro, de modo que não lhe faltasse esta, no dia de sua morte. Os pretendentes cederam. E Penélope tecia durante o dia e a desmanchava a noite, afim de ganhar tempo, sempre à espera do regresso de Ulisses que, depois de muito tempo retornou. Por isso ficou celebre a "teia de Penelope".

A FONTE DE JUVENTA

EM verdade ha pessôas para quem parece haver-se detido o tempo, a julgar-se por sua prolongada juventude. Isso se deve a multiplas razões: biológicas, fisiológicas e até filosóficas. No entanto, o tempo realiza por fim sua obra destruidora e a velhice vem com todos seus achaques inexoravelmente. Contra este destino fatal quiz lutar a humanidade em todos os tempos, achando um talisman, ou filtro, que eternizasse a juventude. E esta ancicdade deu lugar à creação de multidão de legendas que falaram de aguas milagrosas capazes de neutralizar a ação destruidora do tempo.

Da India proveio a legenda do "Rio da Imortalidade", fonte de vida perpétua que ninguem soube nunca onde se achava.

Adotada esta legenda pelo *folklore* francês se converteu o rio em fonte e se chamou "Fonte de Juventa" sem que tambem se soubesse nunca onde se encontra. O certo é que, à falta da milagrosa fonte, a mulher descobriu outra que, se bem não eternisa a juventude, pelo menos a prolonga. Essa fonte se chama "maquilagem..."

O TORMENO DE SISIFO

SISIFO era filho de Eolo, deus dos ventos, e de Enareta. Foi o creador dos jogos istmicos. E para prender viajantes, aos quais retinha como refens, fortificou o istmo, fechando-o com uma muralha. Logo chegou em sua audacia a invadir o territorio de Teseu, mas este o castigou dando-lhe morte. Atirado ao inferno, foi condenado ao suplicio de levar até o cume de uma montanha um grande rochedo, sem conseguir colocá-lo no alto, pois cada vez que estava para chegar, a enorme pedra lhe caia das mãos rodando até a falda da montanha, onde devia ir buscá-la para subir de novo e repetir a operação sem cessar.

O FIO DE ARIADNE

ARIADNE, divindade grêga nascida em Crêta, era filha de Minos e Pasifae. O herói Teseu se propôs livrar Atenas das iras do Minotauro, monstro de corpo humano e cabeça de touro, que obrigava a cidade ao pagamento de pesado tributo. Este monstro, que morava no labirinto de Crêta se alimentava com os audazes que se internavam no famoso lugar. Ariadne, enamorada de Teseu, lhe proporcionou todos os elementos necessarios para dar morte ao Minotauro. O dificil, uma vez que o herói houvesse logrado seu intento, era sair do intrincado refúgio do monstro.

Para facilitar a Teseu a saída, Ariadne lhe deu um novêlo de linha que o herói ia soltando à medida que avançava e que lhe servia de guia no seu regresso, depois de cumprir a sua façanha.

O TONEL DAS DANAIDES

AS Danaides eram as cincoenta filhas de Danao e figuram na mitologia grêga como as ninfas das fontes da Argólida.

Seguindo seu pai, que fugia de seu irmão Egito, foram à Grécia. A Argólida era um deserto infecundo, e Danao, querendo fertiliza-lo mandou as filhas buscarem agua para o regar.

Os filhos de Egito, enamorados de suas primas, quizeram casar-se com elas, no que consentiu Danao, contra a vontade das ninfas. Então estas, na noite do casamento, assassinaram os respectivos noivos. Para castiga-las, Júpiter as mandou ao inferno, onde deviam encher de agua um tonel como o fundo cheio de furos que, por conseguinte, não terminavam de encher nunca.

Tradução de CARMEN GALVÃO DE QUEIROZ.

A LENDA DOS SONHOS

1 *Domingos* era um sapateiro muito feio e corcunda. O seu maior prazer era o cultivo das flores, cujo perfume inebriava.

2 Notando que um botão nunca se abria, cortou-o e abriu-o. Encontrou dentro d'ele uma pequenina urna...

3 ... que imediatamente começou a crescer e tornou-se enorme. Mas era toda de aço e fechada por um cadeado fortissimo.

4 *Domingos* ia abril-a, quando uma voz gritou: — Espera a meia-noite, sinão a luz do dia me matará.

5 *Domingos* esperou a meia-noite; finalmente abriu a urna, que logo ficou rodeada de fumaça.

6 D'essa fumaça muito perfumada surgiu um velho imponente que disse:
— Eu sou o Rei dos Sonhos.

7 Um feiticeiro meu inimigo fechara-me naquela urna. Dirigiu-se á janela, assobiou...

8 ... e, logo uma nuvem se trasformou num passaro no qual o velho e *Domingos* montaram...

9 O passaro levou-os a um esplendido palacio onde *Domingos* se transformou num belo principe.

10 Apareceu, então, a filha do Rei dos Sonhos, a princeza *Estelina* que agradeceu a *Domingos*...

11 ... a salvação de seu pai, *Domingos*, encantado, pediu-a em casamento...

12 ... e o Rei imediatamente consentiu, declarando-os noivos.

(Continúa na pagina seguinte)

A LENDA DOS SONHOS

1) Apareceu imediatamente um cortejo de músicos e realisou-se o casamento.

2) De repente, ouviu-se — o canto de um galo anunciando o dia e *Estelina* disse a *Domingos* que se retiresse, porque com...

3) ... o dia ninguem devia ficar no reino dos sonhos. *Domingos* voltou para casa e tornou a ser feio como era.

4) Esperou anciosamente pela noite para voltar ao palacio. A" noite montou em um pássaro que se aproximou da janela...

5) ...sem notar que esse passaro não era o do Rei dos Sonhos e sim o do Gênio dos Pesadelos que o levou a um antro horroroso...

6) ... cheio de monstros e onde um anão horrivel começou a tortura-lo. Finalmente ouviu-se o canto do galo...

7) ...e o pássaro medonho levou de novo *Domingos*, atirando-o em sua casa.

8) Na noite seguinte *Domingos* prestou muita atenção para não se enganar com o pássaro...

9) ... e foi ter ao Palacio dos Sonhos onde se tornou formoso e encontrou a bela *Estelina*.

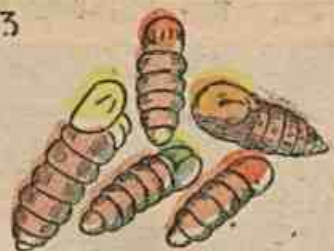
10) Mais tarde *Domingos* foi feito tambem Rei dos Sonhos e convidou varios amigos para visita-lo.

11) Deste modo estabeleceu-se o hábito de ir todas as noites ao Reino dos Sonhos.

12)Mas de vez em quando uma ou outra pessôa se engana e cai nas garras do Pesadelo.

O BICHO DA SEDA

UM VESTIDO OU UMA CAMISA DE SEDA SÃO COUSAS APRECIADAS POR TODA GENTE, MAS, MUITOS DE VOCÊS NÃO SABEM QUE ESSE TECIDO TÃO LEVE E MACIO, É O PRODUTO DUMA LAGARTA CUJO ASPETO NADA TEM DE AGRADAVEL

1

ESSA LAGARTA, CHAMADA BICHO DA SEDA, TEM UMA VIDA CURIOSA, E SOFRE VARIAS METAMORFOSES ATÉ O MOMENTO DA PRODUÇÃO DESSA MATERIA FILAMENTOSA, A QUAL CHAMAMOS SEDA ANIMAL.

2

O MOMENTO MAIS IMPORTANTE DA VIDA DA LAGARTA É QUANDO ELA TRANSFORMA-SE EM CRISALIDA. COMEÇA ENTÃO A SEGREGAR UM LIQUIDO PEGAJOSO, QUE SAE EM DOIS FIOS SEDOSOS, FIANDO ASSIM O CASULO, ATÉ FICAR NÊLE ENCERRADA COMPLETAMENTE INVISIVEL.

3

AQUI ESTÃO AS CRISALIDAS OU NINFAS FORA DOS CASULOS. NESSE ESTADO A LAGARTA FICA COMPLETAMENTE IMOVEL E SEM ALIMENTAR-SE ATÉ QUE SE DESENVOLVEM OS ORGÃOS QUE DEVEM CONSTITUIR O INSETO EM ESTADO PERFEITO.

4

O CASULO É DE CÔR BRANCA OU AMARELA E TEM A FORMA DE UM OVO, SENDO A SUA CAMADA EXTERNA COMPOSTA DE SEDA GROSSA E A PARTE INTERIOR DE UMA SEDA BRILHANTE E FINA.

Paulo Affonso

5

SE NÃO TOCARMOS NO CASULO, NO FIM DE DUAS OU TRES SEMANAS SAIRÁ DÊLE UMA LINDA BORBOLETA, DE DOIS A TRES CENTIMETROS DE COMPRIDO. AS FEMEAS MORREM DEPOIS DA POSTURA DE UNS 500 OVOS, E OS MACHOS NÃO COSTUMAM SOBREVIVER-LHES MUITO TEMPO.

6

A ALIMENTAÇÃO DO BICHO DA SEDA SÃO AS FOLHAS DE AMOREIRA, CUJA QUANTIDADE QUE CHEGAM A COMER É ASSOMBROSA.

DECALOGO ALIMENTAR

PROF. HÉLION PÓVOA

I

Quem come mal, vive pior: morre cêdo, cria filhos débeis, trabalha menos e adoece mais.

II

Comer bem não é comer muito. As vezes é mesmo comer pouco. Comerá melhor o que mais obedecer às bôas normas dietéticas.

III

A mesa deve ser farta, simples e sempre variada. Não se deve comer ao jantar só alimentos iguais aos do almôço.

IV

Um dia sem uma fruta, um copo de leite, um ôvo, é um dia descontado funestamente no precioso capital da existência.

V

O organismo humano precisa de alimentos frêscos (carnes, legumes, verduras, frutas) como de ar para respirar e de água para beber.

VI

O momento das refeições, três pelo menos ao dia, é sagrado. Como tal, deve ser de recolhimento calmo, sem preocupações de qualquer espécie e todo êle — nunca menos de meia hora — dedicado exclusivamente à nobre função alimentar.

VII

Uma refeição perfeita é aquela que fornece ao organismo os alimentos nutritivos de que êle necessita em qualidades e em quantidades. É preciso atender ao apetite nos seus caprichos, impondo-lhe, porém, horário certo de alimentação e o uso das refeições variadas.

VIII

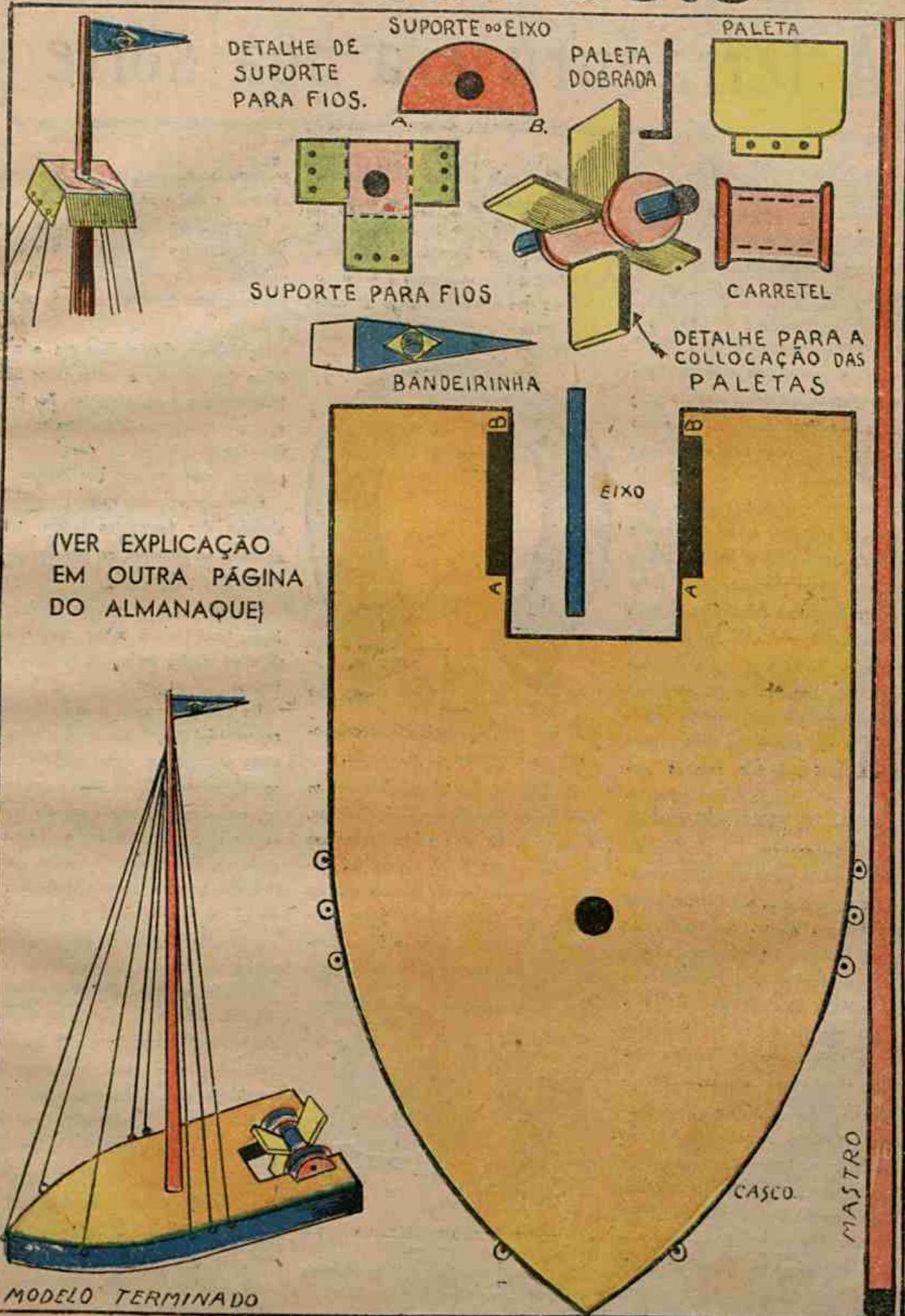
Durante a digestão, que sucéde às refeições, mesmo as mais simples ocupações devem ser realizadas com prudência e moderação. Esta salutar medida deve ser extensiva também às diversões e ao sôno.

IX

As bebidas tomadas às refeições são alimentares (leite, caldos, súcos de frutas) ou tóxicas (vinho, cerveja): aquelas beneficiam e estas são sempre maléficas.

X

Sendo a vida alimento transferido em energia, é sôbre a mêsa que se decidem verdadeiramente os destinos não só dos povos, mas da humanidade. Banir da mêsa todo e qualquer abuso e corrigí-la em todos os defeitos dietéticos é um dever biológico, com imperativos morais tão categóricos quanto o de só se cometerem átos dignos.

Um lindo bote

A ferradura e a bôa sorte

QUAL será a origem da fé que as pessoas depositam nas ferraduras, dizendo que elas dão sorte?

Antigamente era hábito colocar nos templos e nos lares a imagem do santo patrôno, ou padroeiro. Sôbre a cabeça dessas imagens havia o "hálo" ou auréola, que alguns chamam também resplendôr, tal como ainda a gente vê nos antigos desenhos. Às vezes essa auréola era feita com um pedaço de metal polído e por ser de metal, ainda mesmo que a imagem se quebrasse, continuava a existir, sendo guardada como objêto de fé. Nêste caso, era tirada do lugar onde tinha estado a imagem e dependurada atrás de uma porta, no alto desta, ou do templo, substituindo o santo desaparecido. Não demorou muito para que êsses pedaços de metal polído começassem a ser até feitos sôltos, para serem vendidos àparte, sem as imagens. E com o tempo foram adquirindo a fórma de uma ferradura, vindo a se transformar em um símbolo de proteção e bôa sorte, que afastam sortilégios e desgraças. Mais tarde, como as ferraduras tinham o formato das antigas auréolas, alguém teria achado nessa semelhança uma indicação de que também elas dariam sórte, e o uso de guardar ferraduras e dependura-las atrás das portas, ou em cima destas, se generalisou como sabemos.

Mas há outras versões, dignas de serem estudadas e conhecidas. Os irlandêses, por exemplo, dizem que como Jesus nasceu num estábulo, onde havia um cavalo, daí é que provém a sórte que dão as ferraduras.

Os alemães, mais prosaicos, atribuem a bôa sorte das ferraduras a outras razões. Acreditam que êsse objêto, que recorda a todos que o cavalo é o mais nobre dos animais domésticos, foi o primeiro que se convencionou colocar em lugar bem visivel para que o homem o tivesse sempre presente e pensesse que era um símbolo da criatura que fôra seu mais eficaz colaborador no progresso da civilização.

Os inglêses, em troca, atribuem as virtudes da ferradura a Santo Dunstan, o ferreiro. O bom santo trabalhava um dia em sua forja quando foi visitado pelo principe do Inferno, que lhe pediu que ferrasse suas patas, que eram de caprino. Assim o fez o bom santo, e, de propósito, fez com que o processo fosse o mais doloroso possivel, até que o diabo gemêsse de dôr.

Depois, Santo Dunstan o deixou partir, obrigando-o a prometer que não entraria jámais em casa alguma onde houvesse uma ferradura cravada sôbre a porta.

Na França, Santo Eloy era o patrôno dos ferradores, assim como São Martinho era o dos viajantes. Por isso, em suas capelas se ofereciam sempre ferraduras como dons propiciatorios para se assegurar uma boa viagem.

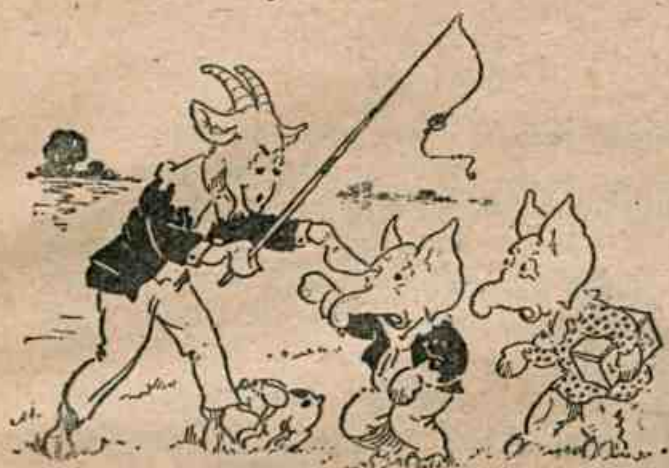
Entretanto, parece que as positivas virtudes das ferraduras foram reconhecidas na Holanda, na primeira parte do século XVII.

Conta-se que o grande almirante inglês Lord Nelson usava uma ferradura no mastro maior de sua náu vitoriosa.

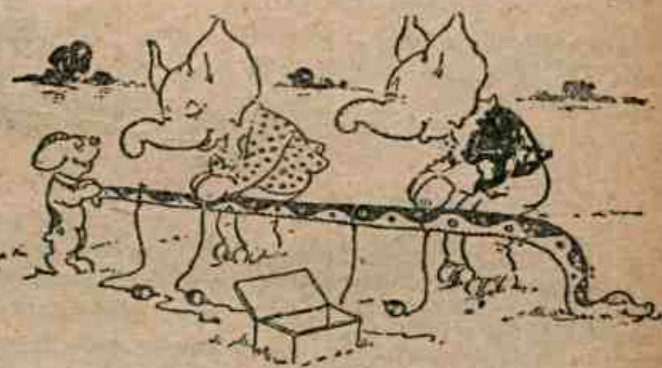
De qualquer modo, trata-se de uma superstição que só nos deve interessar como curiosidade, como símbolo, que se vai propagando de época em época, mas que nenhuma influência póde causar sôbre a sorte má ou bôa de cada um. Quem procede direito, quem trabalha, quem tem uma orientação retilínea na vida, e ouve os ditâmes da sua conciência antes de agir, e cultiva os belos e bons sentimentos, não precisa de se entregar à proteção de um simples pedaço de aço curvo, dependurado atrás de uma porta. A sua proteção contra os azares, contra as adversidades, contra os máus momentos, está no seu bom caráter, na sua previsão do futuro, no seu labôr honrado e honesto. Dentro de cada um de nós é que estão e que se desenvolvem as fôrças protetoras e benéficas, e não nos objêtos inanimados que nos cercam, estejam, ou não, nimbados pela brilhante névoa da legenda.

— Não posso comer êste bife. Chame o gerente!

— Se o bife está duro, prá que chamar o gerente? Êle também não vai poder comê-lo . . .

A pésca maravilhósa

— Quero muitos peixes ! — recomendou o Bôde aos elefantezinhos seus empregados. Estou com vontade de comer peixe e vocês têm que me arranjar uma béla muquéca, hoje, dê por onde dér !

Quando êle deu as costas, os coitadinhos começaram a chorar. Com um caniço apenas, como poderiam pescar peixe para fazer uma béla muquéca ? Foi então que apareceu a amiga Cobra...

... e, com um pouco de imaginação, de bôa vontade, de sentido de cooperação, tratou de achar a solução para o angustioso problema dos elefantezinhos. — Preparem varios anzóis — disse ela.

Então êles obedeceram, e ela tratou de se esticar bastante, ficou rija, dura, dura, foi ficando fina, parecendo um caniço. — Amarrem os fios no meu corpo, em varios lugares, disse ainda.

Depois disso feito, estava a coisa arranjada. Andando de costas a Cobra foi até dentro quase do rio e os anzóis mergulharam na agua. Os elefantinhos estavam ansiosos para ver o resultado !

E o resultado foi simplesmente surpreendente ! Quando menos esperavam, quatro belos peixes morderam as iscas. E a muquéca do Bôde foi preparada em menos de quinze minutos, para alegria dos elefantes !

Presente de Curupíra

REPORTAGEM DE SODRE' VIANNA

CURUPIRA é um caboclinho menino, mas um menino que nem gente grande. Quem manda no sertão é êle. O mais é conversa fiada. CURUPIRA protege todos os bichos e todas as plantas das caatingas, dos cerradões, das matas e das florestas. Póde parar a correnteza dos rios, póde dizer ao vento "vá pra ali", "venha pra cá". O que quizer. Mas, apesar de tanto prestigio, não abusa. Ao contrário. Não se conhece uma traquinada de CURUPIRA. Tudo o que êle faz é bom, revela juizo e carinho pelas coisas do Brasil. CURUPIRA não é como os seus dois irmãos — o tal de SACY PERERÊ e o mal-afamado NEGRINHO DA'GUA. Esses dois são a "vergonha da familia". CURUPIRA não. Tanto que, não podendo suportar as malandragens do par de peraltas deportou um para São Paulo e o outro para o Rio São Francisco. CURUPIRA ficou morando na Amazonia, numa casa toda de folhas verdes iluminada por milhões de estrelas e rodeada de piscinas. Quando quer ver como vai o Brasil, monta numa grande ave chamada mutúm e voa por esses céus todos. Agora, tempo de Arvores de Natal, êle me pediu que entregasse a você estes presentes: coisas da nossa terra, ditadas por êle, para que os meninos brasileiros saibam que aqui ha logar para muito "Acredite se quizer" e que, nêste genero de "maior do mundo", de "muito pitoresco", de "muito bonito", de "muito tudo" não precisamos de pedir emprestado a ninguem.

OS VAQUEIROS:

Os vaqueiros de Baia, Sergipe, Alagôas, Piauí, Pernambuco, Paraiba, Ceará e Rio Grande do Norte são obrigados a romper a cavalo estensos espinhais. Usam, por isso, além do chapéu, calças, colete e paletó de couro. As calças são as *perneiras*; o colete é o *guarda-peito* e o paletó é o *gibão*.

Êles não recebem pagamento em dinheiro. De cada grupo de quatro crias, tiram, por sorteio, uma para si. Chama-se a isso "tirar o quarto". Os patrões fornecem aos vaqueiros, gratuitamente, casa para morar e terras para uma pequena lavoura, cujos produtos se destinam, em geral, ao consumo domestico: feijão, milho, arrós maxixe, abobora, melancia, mandioca — eis aí a "plantação" comum de um vaqueiro do nordéste.

A EMA:

A ema, pernalta que vive em bandos nos sertões do Brasil, possue um "estomago de ferro." Come tudo. Quando domesticada, costuma engulir colherinhas, dedais, pregos, botões de roupa, qualquer objéto miúdo que lhe caia ao alcance do bico. E, apesar dessas estravagancias, não sente a menor necessidade de ir ao medico ou de tomar pilulas!

Um ovo de ema póde alimentar plenamente três homens normais !

Na fazenda Alegre, do municipio de Casa Nova, no Estado da Baía, há um lagêdo enorme: exatamente no meio deste lagêdo se vê impressa uma pegáda de ema. Este é um problema que intriga os habitantes da região: Teriam sido os indios os gravadores daquêle rastro no granito? Um engenheiro francês, sr. Apolinario Frot, que consumiu a mocidade e a vida procurando as famosas minas de prata de Roberio Dias, chegou a pensar que aquêle misterioso sinal, isolado e inexplicavel, era um dos élos do roteiro que conduzia ao tesouro do aventureiro que desejava ser o "Marquez das Minas".

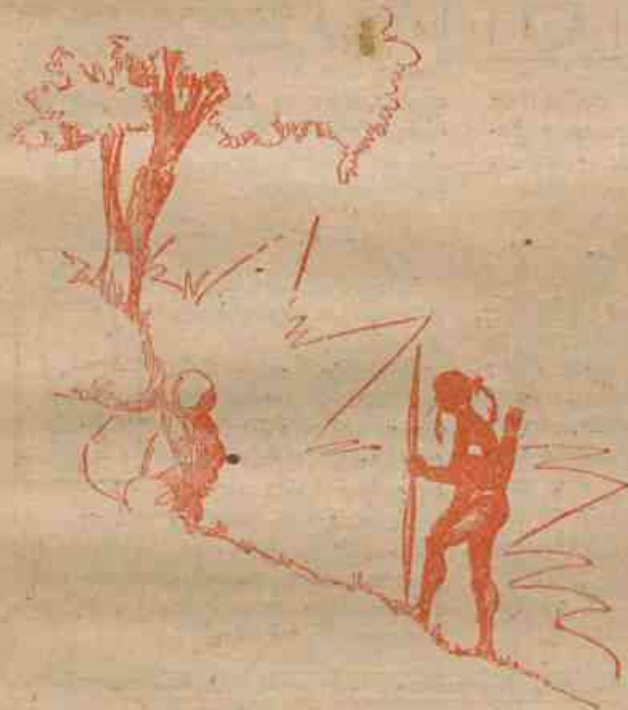
RIO S. FRANCISCO:

O ponto em que, na margem do Rio São Francisco, se limitam Baía e Pernambuco tem a denominação pitoresca de "Pau da Historia".

HÁ, entre a cidade dex mfp m m vila de Sento-Sé um trecho de rio tão razo que na epoca das "vazantes" os vapores passam por êle empurrados a braço. A agua não dá para cobrir o joelho de um homem de estatura mediana. Êsse trecho é conhecido pelo nome de "Capanga".

As principais cachoeiras do médio São Francisco chamam-se: "Dois de Julho", "63" e "Criminosa". Apesar do nome valentão, a "Criminosa" é a que menos medo faz!

Pocômono é um peixe que vive de preferência nos lamaçais de certos rios. Os "remeiros" das *barcas* do São Francisco inspiraram-se no *pócômon* e fizeram esta quadrinha, que é verso, mas é verdade:

"A minha vida parece
a vida do pócômon,
que vive sempre na lama
e pensa que está no bom!"

AMAZONIA:

Quando uma cachoeira se apresenta muito forte, os canoeiros guiam a embarcação para uma das margens do rio e, por terra, abrindo uma picada no mato, vão colocá-la a montante (quer dizer: acima) da correnteza. Chama-se a isto "fazer uma varação".

As celebres pedras-verdes da Amazonia, ás quais se atribuem virtudes beneficas (dão sorte e curam males do espirito) chamam-se *muirakitãs*.

Manáus, capital do Amazonas, é a única cidade do munmundo onde os fieis adoram Deus por conta do Diabo. A historia é esta: um homenzinho muito rico, porém muito sovina, só vivia se queixando da vida. Dizia a todos que era um miseravel, que não possuia um niquel de seu. E concluia sempre as suas lamúrias:

— Pois é meus amigos! Eu sou um pobre diabo!

Tantas vezes repetiu "pobre diabo" que de "pobre diabo" ficou apelidado. Quando êste homem morreu deixou uma parte de sua fortuna para que fôssé empregada na construção de uma Igreja. Cumpriu-se a vontade do defunto e, assim, Manáus tem um templo conhecido pelo nome de "Igreja do Pobre Diabo"!

INDIOS:

Certos indios da Amazonia, quando se excedem na refeição (o que acontece sempre que há comida a fartar) aceleram a digestão aquecendo a barriga com um tição em braza. E dá certo, porque êles aprenderam isto com a Natureza — e a Natureza é uma professora que não erra!

Os *nhambiquaras*, que habitam a Rondonia, usam orelhas furadas. Daí é que vem a denominação da tribu: *nhambi* (orelha) *quára* (furada).

Como gasta você o seu sapato?

MOSTRA-ME a sóla do teu sapato, e te direi quem és". Este é o lêma básico e a síntese do método da "Scarpologia".

Garré, de Bâle, que inventou esta "ciência" nova, é o primeiro a considera-la apenas como um engenhoso e assás fértil recurso para observar o seu próprio íntimo, ou estudar a psicologia alheia. Segundo o modo de vêr dos "scarpologistas", há tantos modos de gastar calçado quantas fórmas de compreender a vida, e de subsistir.

A classificação que se baseia nêsse princípio é em extremo minuciosa, e abrange uma multidão de "típos de estrago", correspondendo cada um a uma peculiaridade de índole. Damos, a seguir, um resumo dêles.

Agora vocês, que são meninos que gostam de saber tudo, coisa aliás muito louvavel, procurem aprender essa ciência e se habilitem a fazer o estudo do caráter e dos sentimentos dos seus colégas e amigos.

Tenham cuidado para não desgostar os paciêntes dos seus estudos, pois há gente que não gósta de certas brincadeiras, e devemos respeitar o gênio dos outros.

— I —

"Gasto igual e simultâneo de tôda a superfície do salto e da sóla":

Caráter enérgico e bem equilibrado, "mente sã em corpo são". E' o calçado de quem cumpre seus deveres.

— II —

"Gasto na órla externa" " Espírito caprichoso e singular; tendência para as ações inesperadas que às vezes se resolvem em êxitos pela trilha menos vulgar e pelo caminho mais curto. Na estrategía Anibal, na política Alcebiades, no romance Panurgio, Scapin na comédia e Ulísses na epopéia.

— III —

"Gasto na órla interna". Revela andar titubeante. O dono dêsse calçado, sendo de constituição franzina, possúe todavia inteligência viva de pensador, vive mais preocupado com as imagens que povôam o seu cérebro do que com o mundo real.

Pensa, ao caminhar, e só se preocupa com seu devaneio.

— IV —

"Buraco oval": - Tem a fórma do artêlho grande que o produziu com a pressão instintiva e contínua. Vontade inabalavel: resolução firme e conciente. Certeza de vencer enfim custe o que custar.

— V —

Gasto na parte de traz do salto e na parte de traz da sóla":

Espírito dócil, disposto a qualquer disciplina, quer proveniente de poder superior, quer imposta de motu-próprio. Pessôa que vê a vida sem complicações, não se abalançando ao que reputa impossível; confia na indulgência do Destino para quem vive sem hostilisar ninguem.

— VI —

"Gasto no bico do sapato e na orla externa do salto:

Devaneio, ou ceticismo. Ocioso inteligente, que se vai arranjando na existência, desde que para isso baste alguma fantasia, e que não seja indispensavel muito esfôrço. Está cansado desde que nasceu, embora dotado de certa curiosidade. Tipo de indolência e de despreocupada felicidade.

ONDE ESTARÃO ÊLES ?

Duas moças estavam a passeio no campo, quando se viram acossados por três ursos. Conseguiram fugir e os ursos esconderam-se. Ora, digam-nos: onde se encontram êstes cinco personagens ?

O macaco logrado

Era uma vez uma velha, que tinha no quintal muitas bananeiras carregadas. Mas como tinha as pernas trôpegas não podia colhêr as bananas.

Apareceu um dia um macaco, grande sbaidão, e ofereceu-se para cortar os cachos. Apenas, porém, se viu lá em cima entrou a comer as bananas maduras e a atirar as verdes para a pobre velha.

Vendo-se lograda a mulher procurou um meio de vingar-se e lembrou-se de fazer uma figura grande de alcatrão fingindo um moléque, tendo à cabeça um taboleiro de bananas bem madurinhas.

Quando o macaco apareceu e viu o moléque alí parado com o taboleiro na cabeça, logo se dirigiu a êle e pediu-lhe uma banana.

Mas o moléque naturalmente não respondeu nem se mexeu. O macaco zangou-se e gritou:

— Moléque, dá-me uma banane, se não, te arrumo uma bofetada... E o moléque calado. O macaco então desandou-lhe uma bofetada tão fórte que ficou com a mão grudada no alcatrão.

Torceu-se todo e gritou mais alto:

— Negro, larga minha mão, senão te arrumo outra bofetada...

E o moléque sempre calado!

E aí... pá!... O macaco atirou-lhe a segunda tapona e ficou com a outra mão também grudada.

— Moléque! moléque! berrou êle, sólta minhas mãos, senão te dou um ponta-pé!

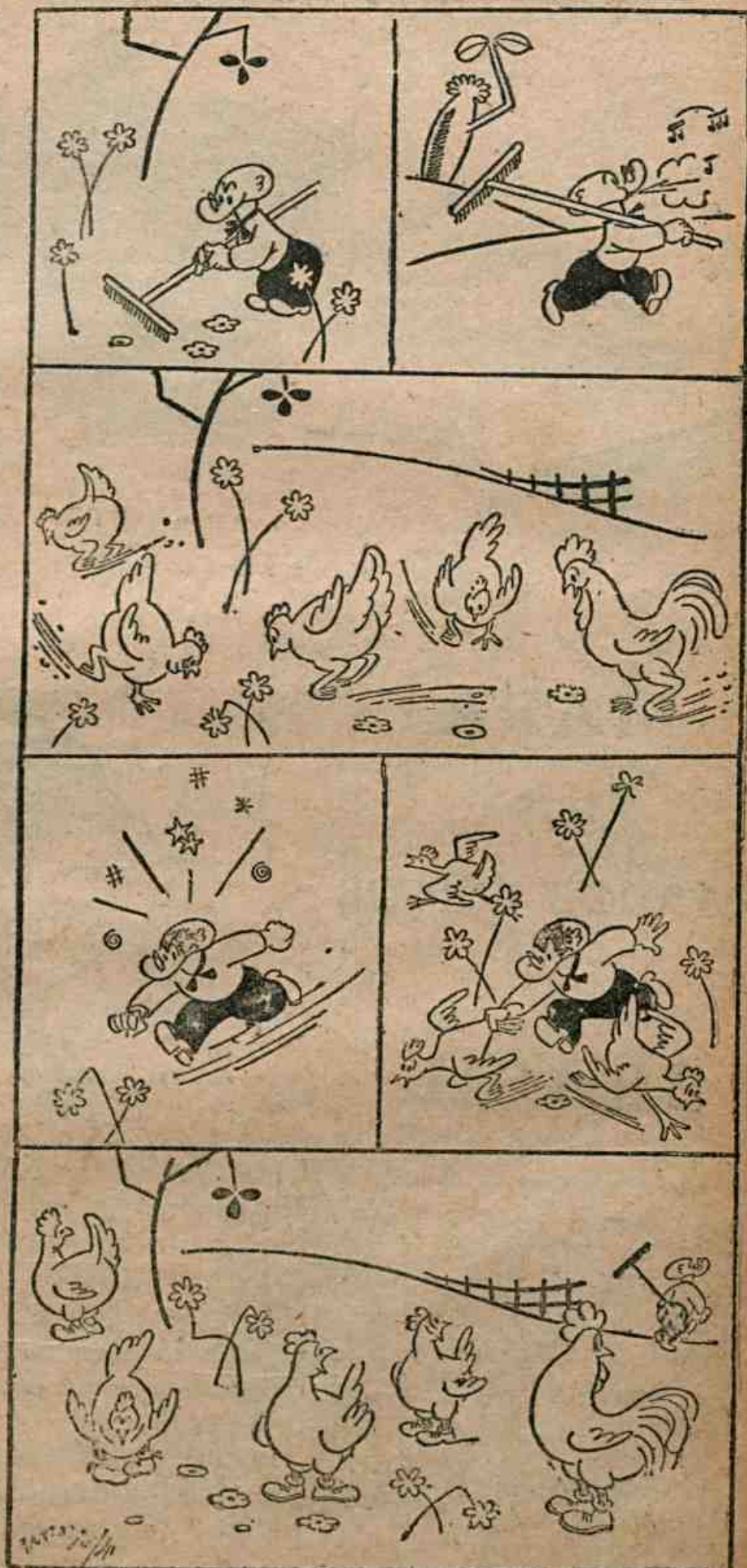
Silencio do moléque. O macaco desandou-lhe um pé e não póde mais desgrudá-lo do alcatrão.

O furor subiu-lhe à cabeça.

— Negro maldito, sólta minhas duas mãos e meu pé, senão te arrumo outro ponta-pé... E o moléque calado!... O macaco arrumou-lhe com o outro pé e ficou preso.

E então chegou a velha com um pedaço de páu e deu-lhe uma surra que o deixou moído para o resto da vida.

E desde então, ela pôde comer regaladamente as suas bananas maduras e amarelinhas de fazer gosto a qualquer de vocês.

ÓTIMO RECURSO

NOSSO GRANDE BRASIL

MAPA

DOS

ESTADOS UNIDOS

DO

BRASIL

LIMITES — ao N. com a Venezuéla e guianas inglesa, Holandesa e Francesa; a NE. L. e SE. com o Oceano Atlantico; ao S. com o Uruguai; a SO. com a Argentina e o Paraguai; a O. com a Bolivia e o Perú; e a NO. com a Colombia.

SUPERFICIE — 8.525.000 km².

POPULAÇÃO — 40.000.000 de habitantes pelo recenseamento feito no ano de 1920.

RAÇA — As raças branca, vermelha ou indigena e a negra com os tipos mestiços: mulatos, mamelucos e os zambos ou curibócas.

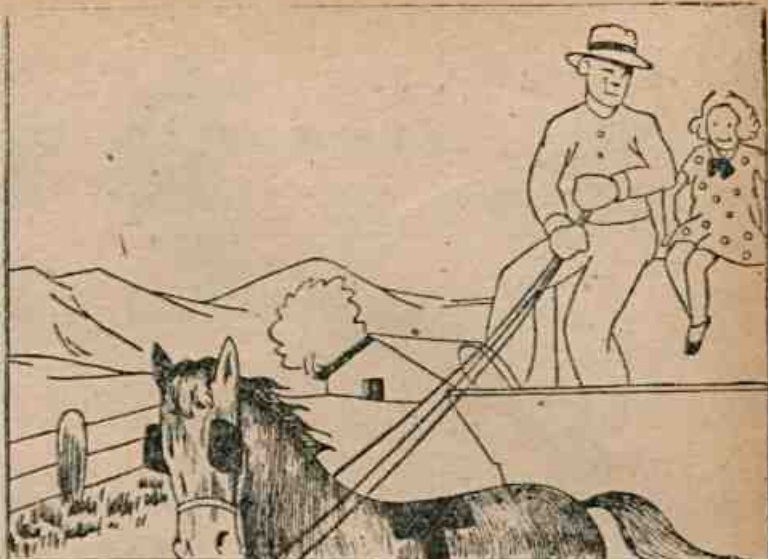
RELIGIÃO — Não há religião oficial, predominando a católica.

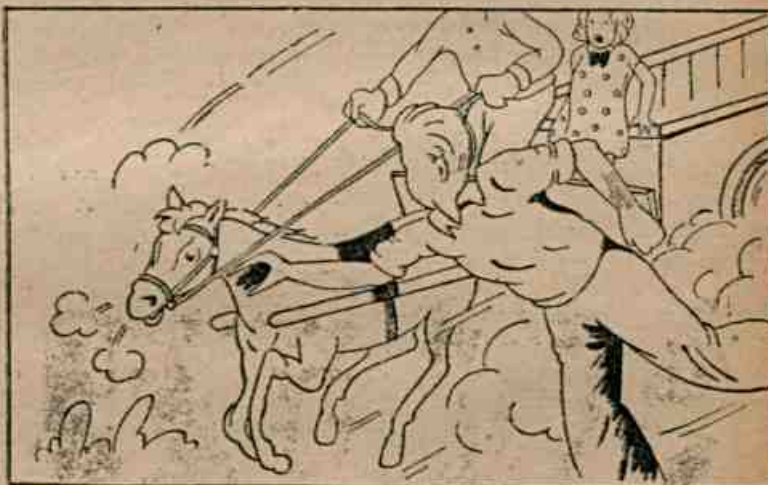
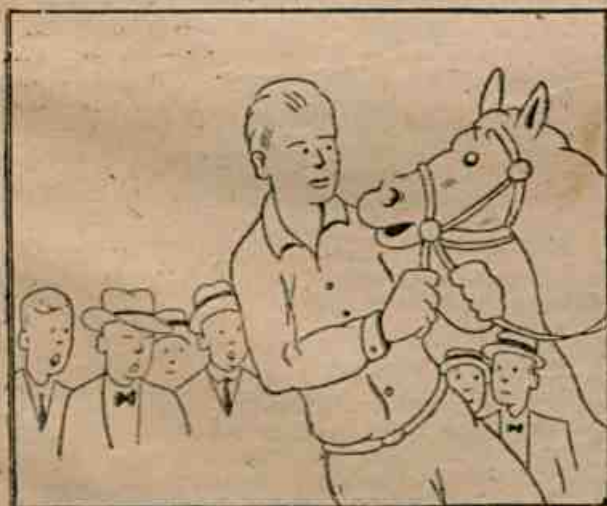
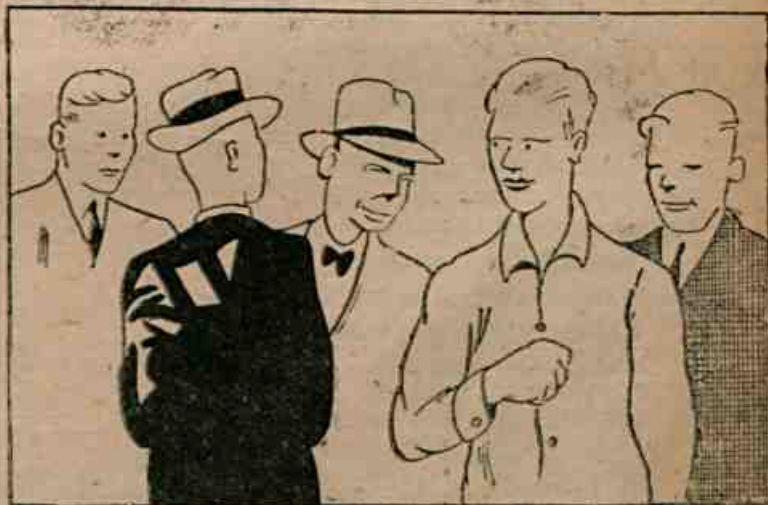
LINGUA — Portuguesa.

PRODUÇÃO — Nos reinos vegetal e animal, madeiras de construção, tinturaria, plantas medicinais, oliosas, resinosas, texteis e industriais. Grande variedade de palmeiras e frutos: café, cana de açucar, algodão, fumo, arrôs, milho, feijão, mandióca, etc.

Sem rival no que diz respeito a repteís desdentados, insétos e aves.

Possúi peixes em abundância. Nas florestas habitam entre outros: macacos, onças, lobos, pumas, tamanduás, capivaras, pacas, antas, caitetús, veados, etc.

Cinco eram os rapazes empregados na Emprêsa de Transportes de que era Diretor o sr. Gonçalves, pai de Esterzinha e de Luiz. Todos êles gostavam muito dos meninos e sempre que os carros de mudanças estavam parados, e êles apareciam na cocheira, faziam-lhes festas e proporcionavam passeios na boléa dos veículos.

Um dia, porém, aconteceu que um dêles estava a satisfazer o desejo de Esterzinha, dando uma volta pelo pátio conduzindo a menina na boléa de um dos carros, quando o animal se assustou, tomou o freio nos dentes e saiu em disparada. O rapaz tudo fez para suster o...

...animal, mas em vão. O burro estava disposto com vontade de correr. E foi então que Norberto, um dos moços, vendo o perigo que a menina corria, saiu em disparada para tentar evitar um desastre. Tomou, em movimento, um auto que...

...ia passando e gritou ao motorista para perseguir o animal. Quando o auto chegou perto, êle saltou, com extrema agilidade, para o varal da carroça e então, com músculos de aço, tomou as rédeas e fez o animal, desenfreado, moderar a carreira e, afinal, parar. Juntou-se grande multidão...

...para aplaudir seu gesto de coragem, e os aplausos eram os mais merecidos. E a todos que louvavam a fôrça e o vigor demonstrado pelo heroico rapaz, êle modestamente...

...explicava, com um sorriso feliz — Isso que eu fiz é simplesmente o resultado de eu ter tido pais cuidadosos que me deram sempre o poderoso elixir de inhame Goulart, a grande tônico da saúde que purifica, fortalece e engorda. Foi graças a esse maravilhoso produto que me tornei assim forte e vigoroso.

OS TRÊS REIS... MAGROS

(TERCÊTO COMICO)

Versos e música de EUSTORGIO WANDERLEY

Personagens: Gasparino, Bel-Chôro e Bal-de-Azar.

(Entram grotescamente vestidos, trazendo à cabeça corôas de papelão dourado, cétro tambem dourado nas mãos e manto vermelho nas costas).

JUNTOS: (Cantam):

Três reis... magros da Folia,
Sem fazerem nenhum mal
Cantam, dansam, noite e dia,
Quando chega o Carnaval.

GASPARINO: (Canta):

— Eu, por ser o Gasparino,
Já tirei a sorte grande !

BEL-CHÔRO: (Canta):

— Eu sou rico, sou "gran-fino"...

BAL-DE-AZAR — (Canta):

— Minha alegria se expande...

JUNTOS: (Cantam):

— Três reis... magros aqui estão,
Que desejam engordar,
Em qualquer ocupação...
Que não seja trabalhar.

Nós dansamos qualquer passo,
Da raposa ao canguru',
Valsa e samba no compasso
Frêvo e até... *maracatú!...*

JUNTOS: (Cantam):

— Nós chegâmos do Oriente
Num comboio especial
Qualquer um impaciênte
Por que chegue o Carnaval.

GASPARINO — (Canta):

— Eu sou rei da Pagodeira,
Um país muito afamado...

BEL-CHÔRO — (Canta):

— Eu sou rei da Maluqueira...

BAL-DE-AZAR — (Canta):

— E eu do Samba, bem rasgado!

JUNTOS — (Cantam e dansam):

— Tres reis magros aqui estão
Que desejam engordar, etc.

O tratamento de "tu"

Os antigos, quando se dirigiam a uma só pessoa, por muito digna de respeito que fosse, tinham o habito de lhe dizer "tu". Entre eles, não existia o "vós". E', provavelmente, um resto desse uso que faz com que, na poesia e na eloquencia, se empregue ainda comumente o "Tu", quando o poeta se dirige a Deus, a um monarca, etc.

O emprego do "vós", num sentido de polidez e de respeito, só foi introduzido na época da decadencia do imperio romano. Desde o seculo V, ele é encontrado com frequencia. Sidonio Apolonio oferece exemplos de seu emprego.

E' de supor que essa tendencia se desenvolvesse pouco a pouco na literatura da idade média e ganhasse os habitos da conversação. Os monumentos mais antigos das linguas meridionais da Europa atestam o uso geral do "vós".

Verdade seja que, no seculo XII, ainda aparecem, às vezes, na mesma passagem, sucessivamente, os dois tratamentos — de tu e de vós — como se nota no "Charroi", canção do gosto desse seculo. Depois desses tempos, o uso do vós na conversação estabeleceu-se definitivamente e o tu apenas se manteve no estilo pomposo ou na linguagem popular.

O uso do garfo na França

Não é tão antigo como possa parecer, a introdução do garfo na França. Quem o trouxe foi Henrique III, que passando pela Italia, vira-o usado em Veneza e resolveu adotá-lo. Isso, aliás, deu motivo a que seus oposicionistas o censurassem acremente. O normal era tomar o alimento com as mãos e não com aparelhos complicados, diziam eles, ridicularizando o uso do garfo.

Emilio de Menezes, o grande humorista, vivia suas ultimas horas. Emagrecera terrivelmente. Mas nem a presença da morte lhe fez perder a veia do humorismo que nele constituia uma segunda natureza. Arquejante, mas pleno de lucidez, estertorou as palavras derradeiras, que deveriam servir-lhe de epitafio:

— Que *bluff* vou pregar aos vermes! ... Roubei-lhes dezesseis quilos...

Ana Neri

D. Ana Justina Ferreira Neri, a caridosa enfermeira que tão relevantes serviços prestou na Guerra do Paraguai, nasceu na Baia em 1815 e faleceu no Rio a 20 de maio de 1880.

A ela devemos os melhores exemplos de dedicação e altruismo. E' a patrona das enfermeiras do Brasil.

O PRESENTE DA FADA

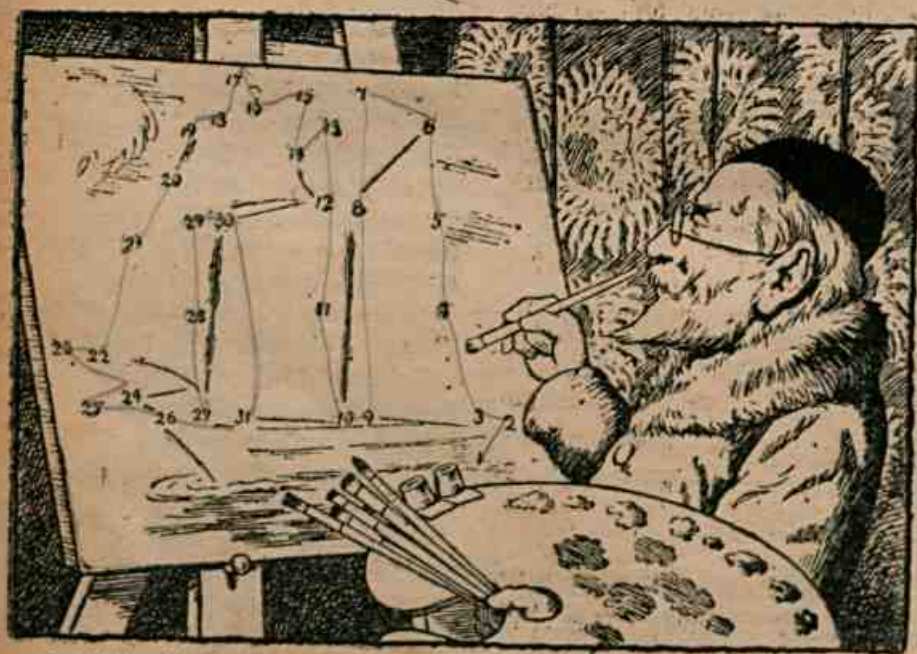
Longe do mundo e do mal,
No campo, em meio de flores,
Havia outrora um casal
De honrados lenhadores
Viviam a trabalhar,
Contentes com a sua sina,
Fazendo-se assim amar
Pela fada Montesina.
O que, porém, essa gente,
Cercada de mil favores,
Desejava ardentemente,
Era um herdeiro de amores.
Um dia, em loura manhã,
Ao aceno da varinha,
Uma criança louçã
Nasceu na humilde casinha.
A pobre mãe, enlevada,
Contemplando a criancinha,
Convidou a linda fada,
Para lhe ser a madrinha.
Dias depois, na capela
Escondida entre o arvoredo,
A madrinha, meiga e bela,
Dotou o infante em segredo.
Passou o tempo, e o menino
Formoso e forte cresceu;
E, confiante no destino,
Por todo o mundo correu.
O casal desanimado
De esperar pela bonança
De rever o filho amado
Perdera toda a esperança.
Eis porém, que o pai, um dia,
Estando lenha a rachar,
Notou que o prado sorria
Como para o alegrar.
Nisto ouvindo sons de trompas,
Deixou a foice cair,
E viu rodeado de pompas,
Chegar o filho a sorrir!
Vinha vestido de prata,
Seguido por servos mil,
E, ao ver o pai, quasi o mata
Com um abraço febril!
Passado o primeiro instante
Dessa doce comoção
Foram à casa distante,
Onde a mãe, com efusão,
Entre beijos, perguntou:
"Filho meu, como pudeste
Ganhar o que vendo estou?"
Mas eis que uma voz celeste
Da mata lhe respondeu:
"Para falar a verdade,
Foi a fada que lhe deu
Tudo, com êste dom: *Vontade*"

HILDA PENTEADO DE BARROS

SEMPRE UNIDOS

A página 43 dêste Almanaque vocês encontrarão os lindos versos de Judas Isgorogota "SEMPRE UNIDOS" que são a lêtra para esta música, de autoria de Hernani Bastos.

Publicando aqui a partitura musical, queremos facilitar aquêles que desejarem aprender o lindo hino patriótico, para canta-lo.

Que pintará o ... vôvô ?

O Vôvô está pintando. Mas a gente não distingue o que é...
Entrêtanto, se vocês ligarem os números, de 1 a 31, pela ordem natural, descobrirão o que êle vai pintar.

Anedóta histórica

Alexandre Dumas achava-se, numa noite, em casa de um amigo seu, onde dois famosos tenores deram concerto. Acabado este, todos os presentes foram cumprimentar os artistas que, deveras, tinham cantado bem.

O dono da casa, todo ancho pelo acontecimento mundano e artístico que se dava em sua residência, perguntou a Dumas:

— Gostou?

— Absolutamente, não — disse, sério, Dumas — Cantaram como dois animais.

O amigo se surpreendeu profundamente.

— Sim — prosseguiu Dumas — e são êles mesmos que se julgam como tais. Com efeito, quando fui levar os meus cumprimentos ao primeiro, respondeu-me: "Obrigado, sim. Pena é que o meu colêga tenha cantado como um asno"; e quando me dirigi ao outro, me disse: - "E' verdade, estou satisfeito comigo mesmo, porquanto o meu colêga cantou como um avestruz". Veja, pois, acrescentou Dumas, que o sr. deu em sua casa um concerto bestial! E rompeu numa gargalhada.

Para o dia dos seus anos

Amiguinha:

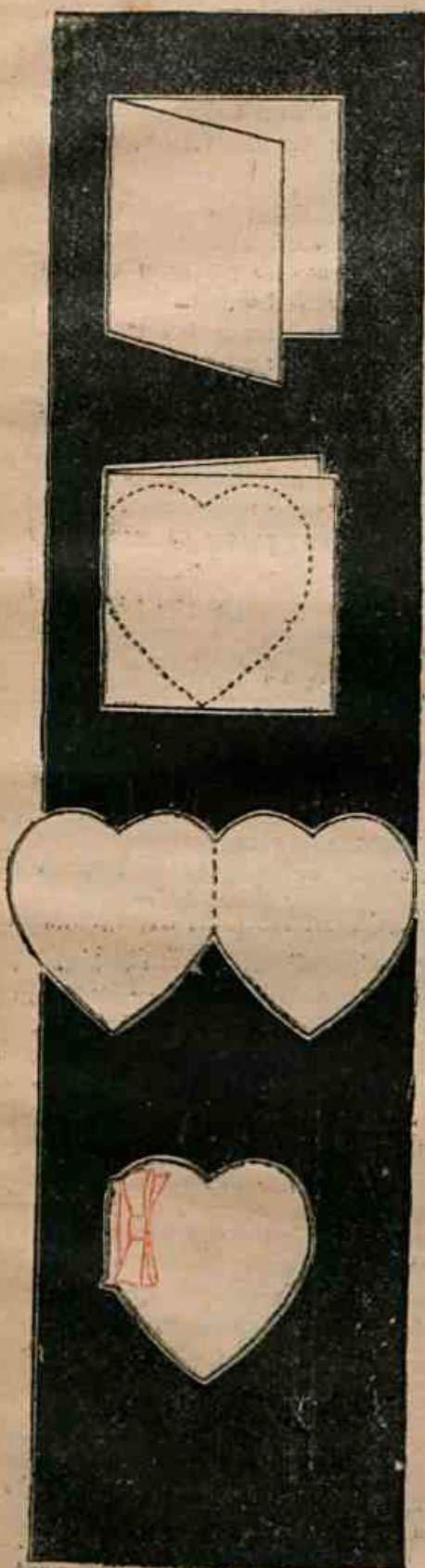
Vou dar a você uma sugestão bonita. Sei que você vai gostar e será facilimo segui-la obtendo magnifico resultado.

Olhe para a figura aqui ao lado. Você, quando fizer anos, ou quando fizer anos a sua irmãzinha, poderá enfeitar a mêsa, ou fazer uma distribuição de bonbons, usando seu próprio engenho e habilidade.

Em cartolina azul, ou côr de rosa, ou da côr que predominar na mêsa, córte pedaços como se vê na primeira figura, dobrando-os como está indicado.

Depois, aplique um "modêlo" préviamente recortado, em fórma de coração, e, segurando-o firme (ou desenhando o contôrno em uma das bases), recorte ambas as "folhas", deixando entretanto uma "ligação" de modo a poder abrir as "folhas", como se vê no penultimo desenho.

Com uma fita é facil enfeitar o coração, enfiando-a na "folha" da frente (não nas duas) e o resto depende do gosto e da paciencia, empregando tintas, crômos, figuras de calcomania, etc.

Como vê, simples, bonito, rápido e de ótimo efeito. Não é mesmo?

TIA CARMEN

EXPLICAÇÃO SÔBRE AS PÁGINAS DE ARMAR

UM LINDO BÓTE

Vêr a pag. 115

Para armar o bóte, é necessário uma tábua leve medindo mais ou menos um centimetro de espessura e do tamanho do modêlo do casco. Nela se pratica um orificio, para localisação do mastro.

Em um carretél de madeira, dos de linha de costurar, de que a mamãe não precisa mais, se cravam 4 alêtas do tipo e tamanho do modêlo. As alêtas serão feitas de lata. Dobrada conforme o modêlo, são enfiadas no carretél como indica a figura.

Outro carretél maior servirá para o supórte do eixo do primeiro, cortado em duas partes conforme indica a figura. Esses pedaços serão pregados em A-B, de cada lado daquêle córte do fundo do bóte.

O mastro é fácil de fazer. O suporte dos fios é feito tambem de lata, dobrado pelas linhas pontuadas e furado no centro, por onde passará a ponta superior do mastro.

Três preguinhos na prôa e três de cada lado do casco servem para amarrar os fios.

Amarrando um elástico no eixo e rodando êste de modo que o elástico se enróle nêle, quando se soltar o barco no chão êle andará.

O PARAQUEDISTA

Vêr a pag. 107

Cole o desenho em cartão e recorte de modo que as 2 partes (frente e costas) permaneçam unidas na calça e nos braços, como indica o desenho. Perfure os anéis da frente e por êle passe 2 fios de 0,m15 de comprimento, cujas extremidades serão atadas aos anéis das costas e aos cabos do paraquédas. Este será feito de pápel de sêda no tamanho indicado no modêlo e dobrado em 16 gomos. No meio de cada um desses gomos se amarrará um fio de 0,m15 de comprimento, cujas pontas, reunidas, serão atadas em nó e ligadas aos 2 fios do bonéco. Para utilizá-lo, se dobrará o paraquédas pelas 16 dóbras e êle será pôsto dentro das duas *bandas* do bonéco. Segurando êste pelos pés, você jogará o mais alto possivel.

Convém reforçar o cartão dos sapatos do paraquedista, para que êste, ao cair, venha com os pés para baixo.

UM BARQUINHO

Tomem uma tampa de caixa de charuto e arredondem uma de suas extremidades, à feição de uma prôa.

À retaguarda, colóquem uma latinha tendo, próximo à base, um pequeno furo. À prôa, ponham uma pedra. Lancem o barco à água, para verificar seu equilibrio. Se flutúa convenientemente, deitem água, na latinha. O barquinho começará a navegar. Que tal ?

FRASES QUE A HISTORIA GUARDOU

Os grandes homens de todas as épocas, em todos os paises, deixaram, além do exemplo grandioso de seus feitos, as suas frases.

Entre nós, desde o "Independencia ou morte!" que nos fez povo livre até o "A' bala!" do marechal de Ferro, que nos deu a conciencia de nós mesmos, todos os nossos maiores nos legaram frases que valem — na sua sintese — como magnificas lições de civismo e de inteireza de carater.

Mais tarde, na Republica, Campos Salles, o restaurador das nossas finanças, respondia a uma comissão que fôra a Palacio protestar contra o lançamento de um imposto: "Não posso obrigar ninguem a ser patriota; mas posso obrigar a cumprir a Lei!" "Governar é querer e querer é agir".

Na mesma época, afirmava o seu ministro da fazenda — Joaquim Murtinho — gloria da homeopatia brasileira: "E' preciso republicanizar a República"!

O general Tiburcio, ao lançar-se na ponte de Itororó, em meio de cerrado fogo: "Vejam como morre um general brasileiro"!

No mesmo combate, outro bravo, o duque de Caxias, exclamou: "Os valentes me acompanhem!" E tomou a ponte.

O Conde de Porto Alegre, na batalha de Curupaity, depois da 3.ª ordem de retirada: "Obedeço, porque a isso sou obrigado". E ao se ferir a luta de Tuyuty o mesmo denodado brasileiro disse: "Hoje, morre aqui até o último brasileiro!"

Foi ainda este destemido Manoel Marques de Souza que, num terrivel combate, ao vêr cair ao seu lado, milhares de soldados brasileiros, clamou: "Só para mim não há uma bala"!

Estas são bôas

— Menina, a mamãe está em casa?
— Não, senhor
— Impossivel ! Pois se neste momento eu ainda a vi á janela.
— Mamãe! Venha dizer a êste senhor que a senhora não está em casa ! Êle não me quer acreditar...

—O—

MENINO PRODIGIO

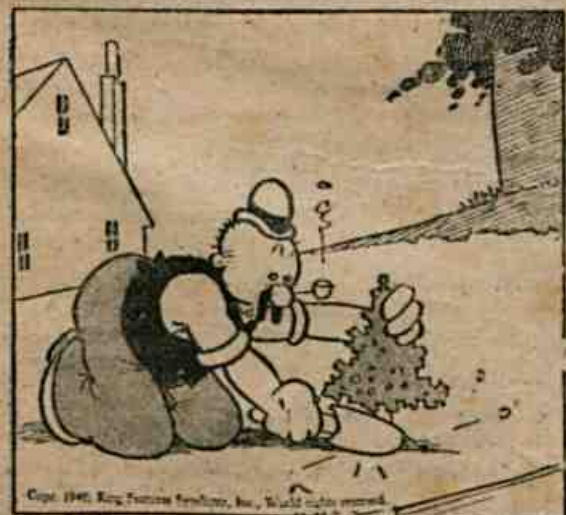
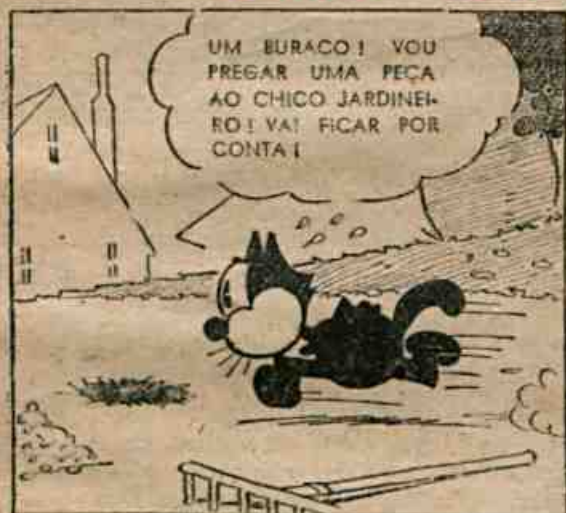
— Dize-me, Alfredo: sabes para que serve a pele da vaca ?
— Não ...
— Ora essa ! Então não sabe ? E' para guardar a vaca dentro . . .

—O—

A testemunha é interrogada pelo juis :

JUIS: — O senhor conhece muito bem o acusado. Já esteve na escola com êle. Julga-o, então, capaz de roubar um radio ?

TESTEMUNHA: — Não posso dizer, senhor juis. No tempo em que estavamos na escola não havia radios ainda.

UMA DO GATO FÉLIX

Hoje por mim, amanhã por ti

Precisando consultar o dicionário, um estudante mandou pedí-lo emprestado a um dos seus colegas. Êste, que não gostava de emprestar os seus livros, respondeu:

— Os meus livros não saem nunca da estante para fóra de casa. E' o sistema que adoto. Mas, se quiseres dar um pulo até aquí, terei todo o gôsto em que consultes o meu dicionário.

Alguns dias mais tarde o estudante, que se recusara a emprestar o dicionário, viu-se atrapalhado para acender o fogão, e o frio era de rachar.

A lenha estava muito verde, o fogo não queria atear, a fumaça ardia que era de fazer chorar.

— Que falta me está fazendo um fole!

E tanta era a falta que o estudante não fez cerimônia: mandou pedí-lo emprestado ao colega, a quem recusara mandar o dicionário.

O colega respondeu:

— O meu fole não sai nunca de perto do meu fogão. E' o sistema que adoto. Mas se quiseres dar um pulo até aquí, terei todo o gôsto em que te sirvas do meu fole.

BOM VENDEDOR

— Mas eu não preciso de nada. Tenho todo o necessário...

O VENDEDOR — Bem. Então compre êsse livro de rezas para agradecer a Deus o possuir todo o necessário...

O ANO NOVO NA ANTIGA ROMA

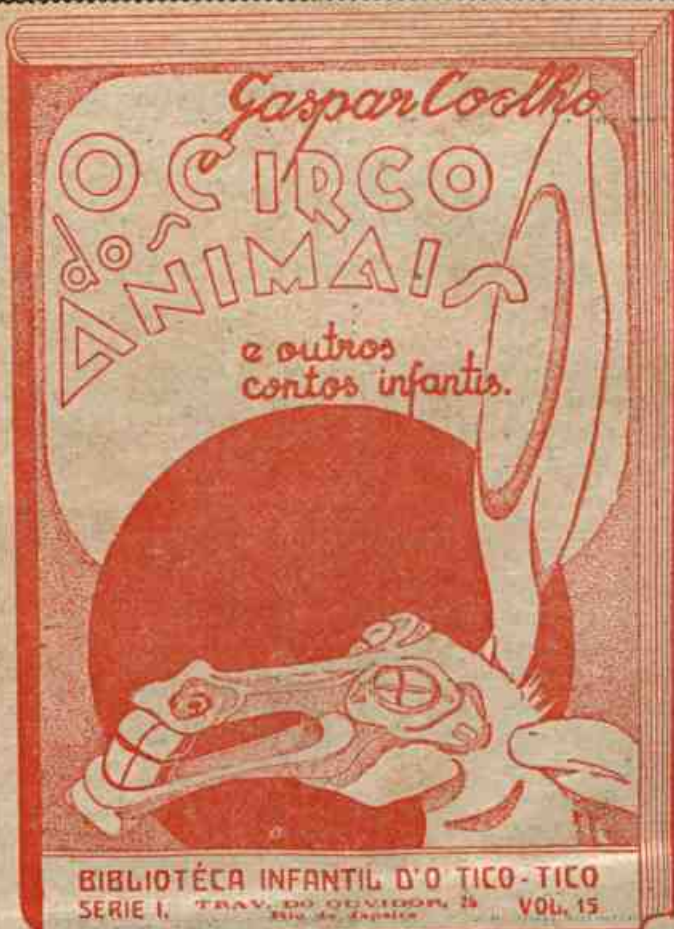
Na antiga Roma, os presentes de festa que eram dados aos rapazes e meninos estavam sempre em harmonia com o caracter belicoso que distinguia os habitantes da Cidade Eterna. Eram pequenos capacetes com cimeiras douradas, e penachos. Eram leves escudos cobertos de desenhos representando os acontecimentos notaveis registados durante o ano que acabava de terminar. Eram espadas em miniatura, cujos punhos eram enriquecidos por pedrarias. Enfim todo o equipamento dos combatentes. Os presentes serviam para entreter no coração dos jovens, e mesmo das crianças aquêle ardor belicoso que tinha garantido a Roma o imperio do mundo.

Ás damas e donzelas ofereciam-se tecidos e joias.

Quanto aos bonbons e balas, não eram conhecidos em Roma. Não se encontra em autor antigo menção alguma que tenha analogia como eles; é de crer que os bonbons seja invenção muito mais moderna. Mas os antigos conheciam as pastelarias, porque nos festins do dia do Ano Novo ofereciam aos convivas enormes bolos representando monumentos, assuntos mitologicos, deuses, deusas, recordações historicas e nacionais etc.

Nas residencias dos altos dignitarios, na entrada do novo ano, os escravos obtinham alguns dias de repouso, os libertos, concessões de terrenos; os clientes e protegidos ganhavam gratificações e, muitas vezes empregos lucrativos, em troca de suas bajulações.

A. D.

As letras A. D., que vocês vêem muitas vezes nos grandes frontespícios de prédios, ao lado do ano da construção, significam "Ano Domini". O nosso "Ano Domini" foi sugerido por Dionísio, que morreu em 540 antes de Cristo. Antes dessa data, os anos eram dados à maneira romana, — "tantos a partir da fundação da cidade". O calendário israelita começa com a criação do mundo, que se considera ter-se dado em 3.760.

Rosh Mahsnah, o Ano Novo hebreu, indica o começo do ano religioso israelita. O calendário maometano começa com o dia que se segue à fuga de Maomé de Meca para Medina, o que ocorreu a 15 de Julho de 622 da nossa éra. Os calendários chineses e tibetânos teem tambem uma duração muito diferente dos nossos.

Os altares mais antigos descobertos em Babilonia eram feitos de ladrilhos, entretanto, o famoso historiador Herodoto, apelidado o "Pai da História", os descreveu como sendo de ouro.

Homens notáveis que nasceram entre 22 de Janeiro e 19 de Fevereiro: Almeida Garret, Varnhagem, Luis Guimarães, o poeta brasileiro.

—

Na antiguidade os Astrologos deduziam o carater de um individuo segundo o estado do céu e a posição dos planetas e estrelas na ocasião do seu nascimento.

Como os Rádio-ouvintes apreciam os bons programas

ENTRE as grandes emissôras, do broadcasting do norte brasileiro, a PRA-8, Rádio Clube de Pernambuco, conquistou lugar de destaque.

Sendo a única emissôra nacional que emite em duas ondas simultaneamente, ou seja em 6.010 e 720 quilociclos, e possuindo, quer pelas suas magníficas instalações, quer pelo excelente "cast" que sempre mantém em cartaz, verdadeiro monopólio dos rádio-ouvintes nortistas e nordestinos, a PRA-8 é fertil em iniciativas que, dia a dia, lhe grangeiam mais "fans". Ainda agora, lançando o seu "Teatro Eucalol", patrocinado pela grande fábrica dos conhecidos produtos dessa marca, tem o Rádio Clube de Pernambuco recebido os mais fervorosos aplausos, e de vários pontos do setentrião brasileiro lhe chegam expressões de estímulo e de encorajamento.

Todos os que escrevem à grande emissôra se referem à clareza e nitidez de suas emissões, sem deixar de elogiar, tambem, a seleção de seus elementos, como se póde ver pelas três cartas que a seguir transcrevemos e que valem pela generalidade dos aplausos recebidos.

•

PIRACICABA, 3 de Julho de 1941 — Sr. Luiz Maranhão, Diretor Rádio-Teatral do Rádio Clube de Pernambuco — Recife — Abraços cordiais.

"Ouvi ontem, à noite, com inteiro agrado, a transmissão de "Maria Clara". Confesso-lhe, de antemão, que o trabalho do homogéneo conjunto da PRA - 8 me satisfez plenamente, podendo ser classificada como ótima a interpretação dada à minha peça. Posso mesmo afirmar-lhe que a obra em questão já se acha hoje duplamente valorisada, graças ao carinho e senso artistico com que foi envolvida, primeiramente pelo "cast" da Tupi, do Rio, e, ora, pelo brilhante elenco da Rádio Clube de Pernambuco.

Eramos, ontem, aqui em casa, a ouvir a irradiação, diversas pessôas, contando-se entre elas dois rapazes de Pernambuco que não escondiam a emoção ao escutar a voz radiofónica do seu Estado natal. A recepção foi satisfatória, mostrando-se todos contentes com a edição de "Maria Clara".

Agradeço-lhe sumamente por êste motivo, abraçando-o tambem e efusivamente pelo feliz desempenho do papel que lhe coube. Queira igualmente transmitir aos demais animadores de "Maria Clara" minhas felicitações cordiais e amigas, bem como as de minha familia e as dos dois rapazes de que falei. Agora ouso solicitar-lhe dois obsequios: como não me foi possivel reter o nome dos intérpretes do meu trabalho, peço-lhe que mos envie, porque é provavel que publique a comédia e, assim sendo, intento, mencionando-os, render aos seus primeiros intérpretes a homenagem a que teem direito. O segundo é, se lhe fôr viavel, mandar-me tôdas as referências que jornais e revistas de Recife façam à minha obra.

Confesso-me profundamente grato por êsses obsequios e felicito-o novamente pelo brilho emprestado à minha "Maria Clara", aqui fica um abraço verdadeiro e emotivo.

Do amigo inteiramente às ordens. — *Luiz Leandro.*

•

CEARÁ — Ubajara, 19 de Junho de 1941 — Ilmo. Sr. Diretor da Rádio Clube de Pernambuco. — Saudações.

Com preito de verdadeira justiça ao mérito, venho manifestar-lhe a minha sincera admiração a esta Rádio difusôra que tão bôas emissões faz diariamente para o Brasil e para o mundo, principalmente as rádios transmissôras de teatro, as quais vão despertando, cada dia, grande número de apologistas.

Apraz-me dizer-lhe que o programa do Eucalol, nas transmissões de enredo dramático, tem causado verdadeiro sucesso. Nossos rádio-ouvintes não perdem os rádios-teatro do seu programa Eucalol.

A maravilhosa peça ontem levada aos ares, "Sublime Sacrificio", foi ouvida muito bem por todos os "habitués" do meu rádio, em minha casa, tendo saído todos profundamente impressionados com a história dignificante encenada, em que aparece a figura simpática e nobre de Rogerio, o homem que, por um capricho do Destino cruel, apesar de ser um Bom, ficou com a pecha de maluco, acompanhando-lhe, sempre, da própria mãe, o ferrete da má reputação.

Seria ótimo, si o programa do Eucalol fosse irradiado um pouco mais cêdo. As 9 horas, por exemplo. É uma sugestão que faço à PRA - 8 de Pernambuco, interpretando o desejo do público em geral.

Meus louvores, pois, à simpática e poderosa emissôra das duas ondas de Pernambuco.

Quem esta lhe dirige, e assina, é um aposentado jornalista, autor dos livros de contos regionais: "Coisas que acontecem" e "Ceará por dentro".

Com as saudações do patrício amigo, *Manoel Miranda.*"

•

TENHO ouvido ultimamente, as irradiações do teatro pelo microfône da PRA - 8, confessando-me desde já um ouvinte entusiasta.

Essa emissôra tem apresentado "bonitos programas para os seus ouvintes" (José Renato), merecendo-lhe por isso, um lugar de destaque entre as emissôras afamadas.

Sem falar, aqui, das suas ondas possantes, e ainda, da pleiade de cooperadores inteligentes que a integram.

Dentre os agradaveis programas salienta-se o teatro pelo microfône, agora como oferta do sabonete "Eucalol". Êsse programa notavel e caprichosamente escolhido, não é apenas um méro programa para matar o tempo. Tem algo mais importante e de grande significação. É uma escola com professores e métodos, irradiando instrução e cultura; ainda fazendo nascer e crescer o gôsto pelo teatro tão desprestigiado entre nós. Ouve-se sem enfado todo o programa, sem preocupação de hora, apenas interessado na dramatização. Isso porque os dramas exibidos tais como: "Os transviados", "Silêncio", "Sublime sacrificio" e "A grande mentira", além de bons, são apresentados admiravelmente. Os artistas desempenham com perfeição os papeis a si confiados, merecendo francos aplausos pela maneira inteligente com que vivem os personagens, dando graça e beleza ao enrêdo. É de justiça salientar a figura de Luiz Maranhão, artista de nome já firmado no meio teatral, porque em todos os papeis que aparece executa-os com entusiasmo.

Finaliso com parabens à direção da PRA - 8 pela grande realização, aos seus auxiliares esforçados e à firma "Eucalol" pela proveitosa oferta. — *Otaciano Queiroz.*

Pedidos, acompanhados das respectivas importancias, á
BIBLIOTECA DA ARTE DE BORDAR
TRAVESSA DO OUVIDOR, 26 — RIO DE JANEIRO

C. Postal